BRUXELAS — TRAÇO DE UNIÃO ENTRE VALÕES E FLAMENGOS (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

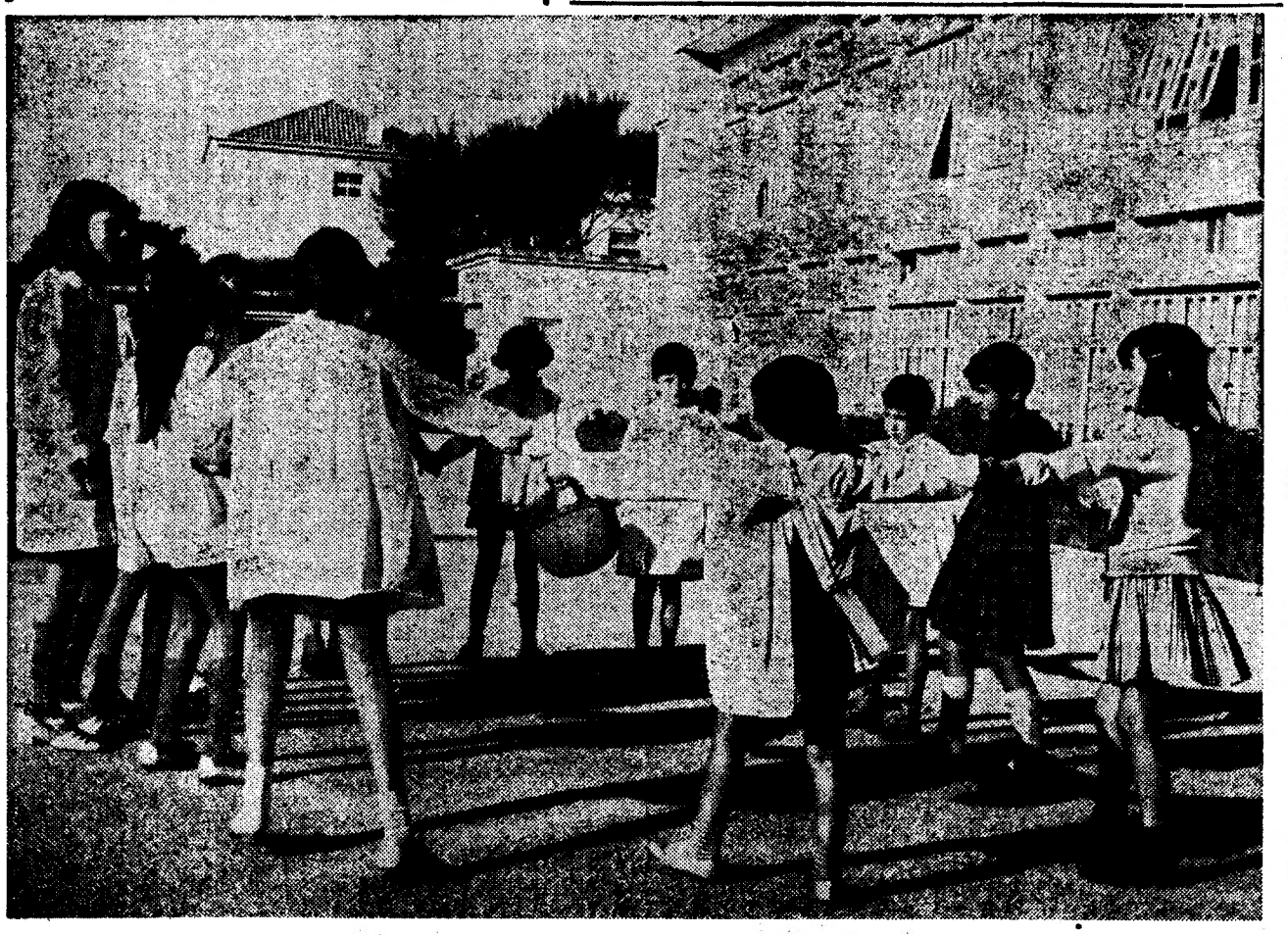
TERÇA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 810 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

VAI DE RODA, VAI DE RODA QUE A BRINCAR SE APRENDERÁ



Começaram, esta manhã, **as aulas em todas as escolas primárias oficiais do continente. Cerca de um décimo da nossa população (920000 crianças), muitas pela primeira vez, deram um passo importantíssimo, do qual ainda não se podem aperceber por enquanto. Para muitos, começaram hoje as primeiras responsabilidades.**

(Ler na pág. central)

Brasil: Medice novo presidente

RIO DE JANEIRO, 7 — (A. N. I.) — O alto comando militar brasileiro nomeou hoje o general Emílio Garrastazu Medice, novo presidente do Brasil, sucedendo assim ao presidente Costa e Silva, que conta 67 anos e se encontra parcialmente paralisado devido a um ataque que sofreu no dia 29 de Agosto.

Os amigos íntimos do general Costa e Silva afirmam que ele se encontra incapacitado de reassumir as suas funções como supremo magistrado da nação. Uma das pessoas de família de Costa e Silva disse que ele soube da escolha do general Medice para o cargo de presidente da República e que a aprovou.

A nomeação do general Emílio Medice, que conta 63 anos, para o cargo de presidente do Brasil, foi anunciada às 3 e 40 (T. M. G.), pelo ministro da Força Aérea brasileira.

Medice, oficial de carreira e comandante do terceiro grupo do Exército, constituído por 46 000 homens,

(Continua na 7.ª página)

Votação acerca de Portugal num congresso em Tóquio

TÓQUIO, 7 — (R.) — O congresso universal da União Postal de 136 países encontrava-se hoje acentuadamente dividido numa disputa por causa de resoluções que pedem a expulsão da África do Sul e criticam a política colonial de Portugal.

Numa aparente tentativa para bloquear duas resoluções africanas sobre a África do Sul e Portugal, 20 nações europeias apresentaram ontem uma proposta moção pedindo a não interferência da U. P. U. nas questões políticas de países membros.

Um informador do congresso declarou, após um acalorado debate durante o dia de ontem, que delegados africanos propuseram que a votação sobre a resolução deveria ser decidida por uma maioria de dois terços em vez de uma simples maioria. Essa proposta foi derrotada por 67 contra 57 votos, com quatro abstenções.

(Continua na 7.ª página)

O programa da C. E. D. do Porto

especial ELEIÇÕES

Os candidatos da C. D. E. do Porto deram hoje uma conferência de Imprensa, em que comunicaram o texto de vários documentos. Na telefoto, em baixo, um aspecto da conferência de Imprensa

Primeira sessão de propaganda eleitoral da C. E. U. D. de Lisboa ★ conferência de Imprensa da Comissão Eleitoral Monárquica (C. E. M.) de Lisboa ★ conclusão da mesa-redonda sobre «Emigração ★ Manifesto da C. D. E. do Porto ★ «A Propósito de Abstenção», por Nikias Skapinakis ★ Um importante comunicado da C. E. U. D. do Porto.

HOJE na MESA REDONDA

ABOLIDA NA GRÉCIA A CENSURA PRÉVIA

ATENAS, 7 — (R.) — O Governo grego, apoiado pelo Exército, avisou a noite passada os jornais do país de que estarão sujeitos a penas severas se violarem os regulamentos de Imprensa, após a abolição da censura.

Vários jornais publicaram ontem comentários e

(Continua na 7.ª página)

José Cardoso Pires escreve de Inglaterra

Chamado pela Universidade de Londres a reger um curso livre sobre literatura portuguesa, o nosso distinto colaborador José Cardoso Pires viajou há dias para Inglaterra, como a seu tempo noticiámos. De lá nos chegou agora a primeira de uma série de crónicas que o romancista de «O Delfim» vai publicar regularmente no nosso jornal. «Outubro em família», aguda visão do momento político inglês, sai já amanhã no «Diário de Lisboa».

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

O BANCO FONSECAS & BURNAY TEM NOVA DEPENDÊNCIA

Uma nova dependência do Banco Fonsecas e Burnay foi inaugurada na Graça, na Rua Angelina Vidal, 63, o que foi assinalado com um beberete oferecido a numerosos convidados, entre os quais se encontravam o presidente da Junta de Freguesia da Graça, o comandante da 2.ª Divisão da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, representantes dos órgãos de Informação e muitos clientes daquela instituição bancária.

Presentes também os administradores srs. Fausto Pedro de Figueiredo, presidente da direcção, D. Miguel de Bragança e eng.º Fernando Pessoa, o sr. João Bello Ortigão Ramos, do conselho fiscal, o director-geral, sr. dr. António Loureiro Borges, outros membros da direcção e o gerente da nova dependência, sr. Fernando Cabral.

Ao usar da palavra, o sr. Fausto Pedro de Figueiredo depois de agradecer a presença dos convidados, salientou que, ao inaugurar aquele novo balcão, era desejo do Banco Fonsecas & Burnay continuar a servir, mais e melhor, o comércio, a indústria e os habitantes locais, critério que, afinal, a instituição vem seguindo através da sua crescente expansão á escala nacional.

Esta política de expansão e abertura do Banco, não só tem resultado num manifesto benefício para os seus clientes — disse — como também se tem constituído num inegávelmente valioso contributo para um mais rápido desenvolvimento local e regional, factor decisivo no tão desejável progresso da nossa economia e, consequentemente, do próprio País.

Na inauguração da nova dependência do Banco Fonsecas & Burnay

Ao terminar, o sr. Fausto Pedro de Figueiredo, afirmou ainda estar o Banco Fonsecas & Burnay sempre atento a todos os desejos e preferências do público, tudo no sentido de lhe poder prestar cada vez melhores serviços onde e quando forem necessários. Agredeceu no final a presença dos convidados o sr. Fernando Cabral, na qualidade de gerente da nova dependência.

A CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÕES EM SETÚBAL

SETUBAL, 7 — A Camara Municipal deliberou ceder, gratuitamente, terrenos para a construção de casas da Fundação Salazar e solicitar ao Governo a autorização para efectivar esse propósito.

Serão cedidos vinte lotes para prédios com oito fogos, na Praça Olga Morais Sarmento, e mais cinco na Reboreda, com a área de 180 m2 cada.

Prossegue, assim, o Município, na sua louvável orientação de resolver o grave problema da habitação, que tem merecido o maior cuidado e interesse, por isso foram cedidos, até á data, terrenos onde já se construiram 1078 fogos e onde vão ser edificados mais 280.

DE ONTEM PARA HOJE

PROBLEMAS DA UNIVERSIDADE

Tomou posse o novo reitor da Universidade de Lisboa, prof. Fernando Carvalho Barreira, catedrático de Química da Faculdade de Ciências. A posse efectuou-se na Reitoria, sendo conferida pelo vice-reitor em exercício, prof. Kurt Jacobson. Leu o compromisso de honra o secretário da Universidade, dr. Nuno Sampaio de Lemos. O novo reitor fez o elogio dos actuais governantes, que o nomearam, em particular do Presidente do Conselho. Disse depois que «sermos capazes de ser os intérpretes condignos dessa orientação de desenvolvimento e melhoria planificada de condições é tarefa em que procuraremos pôr todo o nosso esforço e constante preocupação, com o objectivo de prosseguir numa obra com tanta grandeza e elevação começada e que das instancias superiores continua a ser encorajada em termos que a todos nós, que na Universidade trabalhamos, nos incitam, de forma bem positiva, a dar o nosso esforço e a pôr todo o nosso saber na consecução de tais objectivos». Referiu-se, a seguir, aos objectivos das Universidades, dizendo: «Há, pois, que fornecer aos estudantes uma sólida cultura básica que bem os caracterize e identifique, nos seus diferentes sectores, como técnicos superiores, de nível universitário, no mais correcto e invariante sentido do termo. Ao mesmo tempo tem a Universidade de se projectar na vida da sociedade onde se integra, como foco de acção cultural e órgão criador de conhecimento científico como uma natural capacidade de irradiação Temos por assente que todos estes objectivos podem ser conseguidos na medida em que a Universidade se constitua numa verdadeira escola de investigação científica e de fomento cultural.»

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. eng.º Vaz Pinto, ministro de Estado, acompanhado do sr. general França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, e do sr. almirante Henrique Tenreiro; dr. Castro Fernandes, deputado e administrador do Banco Nacional Ultramarino; dr. Paulo Rodrigues, vice-governador do Crédito Predial Português; António de Medeiros e Almeida, presidente do conselho administrativo da Fundação Salazar; dr. Jorge de Melo; comandante Soares de Melo, administrador da TAP; e José da Silveira

MÃE DESNATURADA

Na Figueira da Foz foi presa Maria José Oliveira de Sousa Cachulo, de 22 anos, há mais de um ano separada do marido, Tinha dois filhos, um de um ano e outro de dois e meio, ambos fechados num quarto que alugara. Há três meses que as crianças ali estavam fechadas. A mãe visitava-as uma vez por dia, deixando-lhes alimentos bastantes para não morrerem, mas não lhes dispensava quaisquer outros cuidados. Estavam num estado de imundície inconcebível, sendo o mais pequenino levado para o Hospital da Universidade e o outro entregue ao Instituto de Assistência á Família.

PRÉMIO «PAUL TISSANDIER»

No gabinete do ministro das Comunicações, brigadeiro Fernando de Oliveira, esteve ontem a direcção do Aero Clube de Portugal que ali foi entregar o diploma «Paul Tissandier 1969» com que a Federação Aeronáutica Internacional o galardoou.

AUTOMÓVEL CONTRA CAMIONETA

No sítio da Quinta Verde, perto de Benavente, um automóvel despistou-se e foi destroçar-se contra um camião. Morreu o motorista sr. Horácio Fernandes Ramos, de 38 anos, natural de Lisboa, que regressava a Lisboa após uma viagem ao Norte. Feridos ficaram sua mulher D. Maria José da Cruz Ramos, de 40 anos, seu filho Luís Fernando da Cruz Ramos, de 14, estudante, e uma sobrinha Maria de Lourdes da Conceição Frias Dias, de 16.

Manhã na praça

ENQUANTO AS MENINAS BRINCAVAM...

Enquanto as meninas brincavam com as suas bonecas embrulhadas em trapos, as mães vendiam o que iria ser comida em pratos de muita gente. Que gente? Quem serve o Mercado do Chão do Loureiro?

As meninas brincavam num dos recantos da escada, cerca das bancadas do peixe, alheias ao cheiro nauseabundo que se exalava das primeiras pedras. Ruminámos o cheiro com repugnância. Se tivéssemos fome comeríamos daquele peixe, talvez nem o sentíssemos, mas assim...

Pensámos: este peixe estará ainda comestível? Deve estar, devia estar, pois há fiscais que verificam a sanidade, a frescura dos produtos expostos nos mercados!

As meninas brincavam, falavam das suas bonecas, «faz de conta que aqui é a nossa casa», talvez preparassem jantarinhos, mas sem dar tratos á imaginação para variar as dietas e fazer chegar a prata dos porta-moedas aos produtos frescos, que custam sempre o dobro ou triplo dos que já ninguém quer, ou não devia querer.

E as meninas brincavam, enquanto a história diária do mercado se refazia...

● PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o molho da beterraba a 3$50; das nabiças, a 5$00; dos rabanetes, a 3$50; dos grelos, a 7$00; dos espinafres, a 4$50; e dos agriões, a 1$50.

O quilo das cenouras vendia-se a 3$50; do tomate, a 2$00, 2$50 e 3$50; do feijão-verde, a 8$00; dos pimentos, a 4$00 e 5$00; da abóbora, a 2$00; da batata, a 2$40; da cebola, a 4$00; da azeitona, a 7$80, 9$50 e 10$00; do tremoço, a 4$00; e das favas, a 9$00.

A couve lombarda estava a 3$50, 5$00 e 6$00; o pepino, a 1$50 e 2$50; o nabo, a $50, 1$00, 2$00 e 2$50; a alface, a 1$50 e 2$50; a beringela, a 1$00; o alho francês, a 1$00; e a couve portuguesa, a 1$00, 1$50 e 3$00.

● PEIXE

O quilo dos rabinhos da marmota, do carapau e da marmota, com um cheiro horrível, estava, respectivamente, a 13$20, 8$90 e 12$60.

Em melhores condições, o quilo do peixe-espada vendia-se a 9$80; do cachucho, a 8$00; do carapau, a 5$00 e 6$00; do chicharro, a 5$00; dos rabos de corvina, a 8$90; da marmota, a 14$80; do pargo, de 16$00 a 30$00; do tamboril, a 10$00; da faneca, a 16$00; da garoupa, a 32$00; das lulas, a 27$00 e 36$00; dos chocos, a 16$00; da cabeça da pescada negra, a 14$00; dos rabos de pargo, a 14$90; da ameijoa, a 28$00; da conquilha, a 10$00; do berbigão, a 3$80; do safio, a 19$00 e 22$00; dos bacalhaus, a 5$00; do polvo, a 9$80; dos charrocos, a 5$00; da dourada, a 10$00; da pescada branca, boa, a 38$00 e 41$00; das cartas, a 30$00; do goraz, a 26$00; do linguado, a 58$00; da caldeirada, a 12$00 e 14$00; e do salmonete, a 50$00.

● FRUTA

Quanto á fruta, vimos o quilo da banana a 10$00, 9$00, 7$00 e 5$00; do pêro «champagne», a 9$00 e 7$80; da pêra, a 7$50 e 3$00; da uva, a 5$00, 4$50 e 4$00; da maçã reineta, a 10$40, 8$00, 7$00 e 4$00; do marmelo, a 5$20 e 4$00; do pêssego, a 12$00; da romã, a 3$90; da laranja, a 10$40; do pêro «golden», a 11$70; do melão, a 4$00; e do ananás, a 22$80.

● FLORES

A dúzia dos gladíolos vendia-se a 40$00; dos cravos, a 20$00; a dúzia das dálias, a 15$00; e o molho das sécias, a 45$00.

DONA DE CASA

TAUROMAQUIA

Do Califa a Guerra

Mariano de Cávia, mestre do jornalista, que fez crítica de touros com o pseudónimo «Sobaquillo», destronou a antiga revista de pormenor e passe a passe e criou a crónica de impressões. Não tomava notas, porque dizia que aquilo que se esquece é porque não merece ser recordado. Haviam de lhe suceder outros, como José de Loma, «Don Modesto», que defendeu os «Bombitas», e Alejandro Perez Lugin, «Don Pío», partidário dos «Gallos», porque o espectáculo é de paixões e delas se alimenta. Também nós, pobres de nós, sofremos paixões pelos «Gallos» e pelos Veigas. Pelo Simãozinho chegámos a cometer injustiças, já perdoadas pelo seu oposto, João Núncio, que o tempo tudo apaga e a idade tudo esquece. Uma dezena de anos somamos mais que aquele a quem chamamos o Califa de Alcácer, como a Rafael Molina, o de Córdova, e se a idade me amadureceu, a ele não roubou a classe magnífica. «Rapaz do meu tempo» me chama aquele sempre jovem, que desejámos ver ainda nesta temporada na capital, para exemplo dos novos e nossa stisfação. Voltou agora a reaparecer no seu Alcácer, e não o pudemos ver porque em Benavente nos reteve tanto o encanto amigo do «Pôr do Sol», que nem nos deu tempo para voltar para trás, para as corridas da Feira de Vila Franca.

Não faltaremos esta noite á ultima, a dos dois guerrilheiros — Meste Baptista e mestre Luís Miguel da Veiga — e de dois Josés da terra, José Júlio e José Falcão.

Começámos por recordar o Califa de Córdova e acabamos por desejar melhoras ao que tem o apelido daquele que lhe havia de suceder, Guerra, o empresário de Vila Franca. Dificilmente poderá assistir á corrida que organizou para esta noite, e salvação será o estar lá, com sua ampla presença, Salvação Barreto, seu dinâmico sócio naquela praça e em «muchas más», maiores e até monumentais.

Enfim, esta noite a Vila Franca, na terceira corrida da Feira, que ontem apenas pudémos avistar na animação das barracas do Campo do Cevadeiro.

«EL T. PÉREZ»

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ESTA SEMANA SAI AMANHÃ

motor

Com um Suplemento guia dedicado inteiramente ao 3.º Rallye Internacional da T. A. P.

ALÉM DAS SECÇÕES HABITUAIS

TÉCNICA — OPINIÃO — ESCLARECIMENTO — INFORMAÇÃO

2$50

Bruxelas pretende ser o traço de união entre valões e flamengos

BRUXELAS — O recém-chegado sofre a tentação de classificar a querela «linguística» na categoria folclórica. Os painéis da estrada — pelo menos aqueles que não foram retalhados por extremistas flamengos ou francófonos — já mostram o ridículo de certas batalhas. O automobilista que procura chegar ao centro de Bruxelas descobre cartazes indicativos da direcção: «CENTR» —a estas cinco maiúsculas seguem-se um «e» minúsculo para os francófonos e um «um» para os neerlandófonos! Aliás o nome de cada rua está afixado nas duas línguas, o que pareceria muito razoável se não deparássemos com demasiados exemplos de mesquinhez quase inconcebível, como no caso de «*Luxembourg*», que aparece com a letra «*o*» entre parêntesis, artifício que se destina, segundo parece, a satisfazer os fanáticos dos dois campos.

O humor muito especial dos belgas contribui também para apresentar a rivalidade entre valões e flamengos sob uma luz jocosa. Ao longo do dia, ouvem-se contar anedotas e quase sempre as verdadeiras são precisamente as mais incríveis. E assim: um ministro interpelado acerca da composição de um certo comité cultural no seio do qual um «*belga*» era enquadrado por igual número de valões e flamengos teria explicado esta «anomalia» pelo facto de o indivíduo em questão, um «assexuado linguístico» ser, na realidade, um «polaco naturalizado»!

O *record* do ridículo — e do odioso talvez — foi sem dúvida batido há algum tempo, quando, numa discussão no parlamento acerca do orçamento da saúde pública, certos representantes procuraram saber se o sangue fornecido aos hospitais por dadores de uma comunidade linguística não seria desviado em proveito de doentes de outra língua.

É verdade que as tentativas de diálogo entre flamengos e valões nunca levaram a nada. Quantas mesas-redondas, conferências, encontros e discussões entre aquilo a que aqui se chama os «partidos tradicionais», isto é, os sociais-cristãos, os socialistas e o liberais! O «grupo de trabalho» que vai agora encetar a sua tarefa e acerca do qual já se disse mais de uma vez em Bruxelas que representa a última oportunidade» de se chegar a acordo, difere das tentativas anteriores na medida em que fez participar igualmente no debate os extremistas flamengos e valões. Será caso para pensar se com isso não se cria um inconveniente mais que uma vantagem, pois os fanáticos dos dois lados têm muitas vezes por objectivo principal o de fazerem malograr todas as conversações de paz.

A sorte da capital constitui o tema mais delicado dos debates agora encetados. Um relatório do Instituto de Sociologia da Universidade Livre de Bruxelas, redigido sob a orientação do professor Henri Vander Eycken examinou recentemente, de modo bastante profundo, o comportamento «*comunitário*» dos bruxelenses. Os dados deste relatório são, naturalmente, contestados. Mas, como os flamengos já há dez anos obtiveram a supressão do «recenseamento linguístico» que revelara nìtidamente a «francização» da região bruxelense, não há outro remédio senão basear-se em inquéritos oficiosos.

Primeira surpresa: em Bruxelas há 886 000 francófonos e apenas 190 000 neerlandófonos. A proporção de francófonos (82,3%) é, em todo o caso, nìtidamente superior àquilo que geralmente se calculava, o que acentua, uma vez mais, os progressos da «francização» de Bruxelas, desde o último recenseamento oficial de 1947, que só registara ainda 75,8% de francófonos. Resultado tanto mais digno de nota quanto é certo que 27,1% dos cidadãos inquiridos indicaram o flamengo como língua materna. Outro sintoma desta «francização» denunciada, temida e combatida: grande proporção (68,5%) de crianças pertencentes a famílias bruxelenses de língua flamenga falam entre si o francês. Se é certo que as extrapolações são sempre discutíveis, podemos, no entanto, adiantar que, baseados nestes dados, no ano de 1990 só 13% dos bruxelenses falarão flamengo.

Mas o inquérito da Universidade Livre revela sobretudo que as rivalidades tradicionais são muito menos vivas (ou não actuam do mesmo modo) em Bruxelas que no resto do país. Os francófonos e os neerlandófonos da capital não se consideram valões ou flamengos mas sim bruxelenses ou belgas. Muitos falam até ambas as línguas. Os esforço principal é aliás feito pelos neerlandófonos. As duas comunidades tendem, na capital, a condenar os extremistas e a considerar que a tensão linguística é artificialmente mantida pelos políticos. Por isso, é normal que, no fim de contas, cerca de 80% dos bruxelenses se pronunciem pela manutenção de uma Bélgica *unitária*. Por outras palavras, a capital recusa-se a ser a parada das rivalidades entre flmengos e valões, preferindo ser um traço de união.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

Nota do dia

A IGUALDADE ESQUECIDA

NUMA SESSÃO PÚBLICA, comemorativa da data de 5 de Outubro, a escritora Etelvina Lopes de Almeida, candidata a deputado por uma das listas apresentadas em Lisboa, quis responder à pergunta que disse lhe fazerem de vários lados: porque é que ela própria ou a organização que a apoia não tinham constituído, para esse apoio, comissões de mulheres, como às vezes se ouve anunciar de vários lados? A pergunta poderia parecer fácil. E poderia até parecer embaraçosa. A resposta, porém, mesmo que inesperada para alguns, parece definitiva.

Comissões de mulheres porquê? Foi com essa pergunta que a escritora abriu a sua resposta. Porquê e para quê? Se a mulher é ou pode ser escritora, médica, empregada, operária e, já agora, até varredora de ruas, naturalmente que o seu lugar, desde que tenha o gosto de intervir e deseje arregimentar-se, o seu lugar é entre os médicos, homens ou mulheres, entre os escritores, homens ou mulheres, entre os empregados, entre os operários, sem que nada tenha para o caso a circunstância do sexo. Seria essa, afinal, outra forma de discriminação.

Para falar a verdade, os movimentos feministas, que tiveram a sua razão de ser, as suas heroínas e as suas vítimas, no começo do século, quando a famosa «Miss» Pankhurst descia às ruas de Londres a chefiar manifestações que pediam o voto para a mulher, perderam todo o sentido. Claro que as «sufragistas», como se lhes chamava com certo sentido de desapreço e caricatura, tiveram o seu papel e a sua época. Hoje, todavia, a mulher conquistou todas as posições na lei e na sociedade.

Conquistou todas as posições? Claro que não conquistou. Mas conquistou o direito ao reconhecimento de poder fazer essas conquistas. Tanto como os homens. Será que os homens estejam satisfeitos? Pois tão-pouco, afinal, como as mulheres. Há toda uma longa lista de aspirações sempre renovadas, uma longa lista de justas reivindicações que a própria evolução das sociedades vai sugerindo, mas essas aspirações, essas reivindicações são dos cidadãos em geral, homens e mulheres. Tentar manter tal diferenciação seria, afinal de contas, uma forma de retrocesso.

A ideia de que a mulher, em tempos recuados, não trabalhava, parada em casa à espera do marido que passava o dia no trabalho, é uma ideia menor e sem valor estatístico. Ficava em casa a fazer as refeições, a tratar dos filhos, a tecer, a coser, a cuidar da pequena horta, a acudir a mil pequenas tarefas inglórias. Hoje, porém, quando as raparigas vão à mesma escola e fazem a mesma preparação que os rapazes, a uns e outros a vida abre ou fecha as mesmas portas.

Não há mais lugar no nosso tempo para que os problemas sejam postos com tal diferenciação. Os problemas existem, subsistem, mas são problemas dos cidadãos, homens ou mulheres. É dos cidadãos que se trata, dos seus problemas, sim, dos seus direitos, dos seus deveres, pois nos parece erro grave e enganador falar em direitos sem ao lado se pôr a lembrança correspondente dos deveres. Queremos nós próprios o nosso direito, queremos os direitos para todos, mas queremos também que todos tenham a noção inesquecível e inapagável do seu dever. Sem isso...

A SERPENTE DE FERRO

Primeiro, o silvo na paz verde da tarde. Contínuo, monótono, a repercutir e fundir-se nas chapadas de sol que gritavam oiro, a espaços, nos arruamento e plantas.

O carteiro passou de cinzento e olhou curioso a minha aparente solidão. Segui a sua curiosidade, até que ele se cansou e eu me esqueci no pensamento do meu filho que brincava na relva ao lado.

O meu filho, o meu lindo filho do amor! «Mãe, porque é que quando chove são quentes os primeiros pingos de chuva?...»

Depois, o grito, mais forte que o silvo mecânico da serpente de ferro; mais forte que o ruído dos «eléctricos» a rolar nos carris e do que os «claxons» apressados dos automóveis, para lá do recinto verde. Da força da angústia humana. Da dor.

O meu filho correu para mim e ambos para o local dos ais. Tudo muito depressa. Tudo muito devagar. Um homem corre do buraco do colector para a máquina silvante. Parece voltar ao colector e correr de novo para a máquina.

O filme da memória devolve-me as imagens desse momento com a expressão caricata das primeiras cenas do cinema mudo. Queria passar a cena ao «ralenti». Não posso. Vejo sempre um homem a correr do buraco escuro do colector para a máquina silvante, mais de uma vez. Seria só uma vez? O silvo parou. A serpente de ferro ficou suspensa no ar, estática.

Mais gritos e gente a debruçar-se para o buraco escuro. E a sobrepôr-se agora aos gritos a voz de um homem: «Tem calma, espera, já vai! — e mais forte, imperiosa: — Uma faca, quem tem uma faca, tragam uma faca!»

As cabeças dos vultos debruçados para o escuro do colector interrogaram-se num rápido volver de olhos.

— Não têm uma navalha?

Ninguém tem uma navalha. Ninguém parece querer ir buscar a navalha ou faca, ou qualquer outra coisa que servisse para aliviar o sofrimento de um homem.

Veio a navalha. A manga e a perna direita do fato de macaco do homem foram cortados e o gume de um alicate pôs fim ao abraço constritor da serpente de ferro.

Ou vareta. Chamam-lhe vareta, mas é serpente porque aproveita o primeiro descuido do homem para nele se enroscar e apertar. Até ao

... ser três operários: ... no seu caminho para desobstruir a manilha do colector; o outro a vigiar; e o terceiro a tomar conta da máquina. Éramos só dois. O outro foi mandado para outro serviço...

Era uma tarde quente, de verde e ouro. O meu filho brincava na relva do Jardim da Estrela. Eu estava a seu lado a saborear a sua infância no encantamento do ouro e verde a meu redor, longe do homem que desobstruía a manilha a que afluem as águas do lago de cisnes brancos e peixinhos encarnados. Do homem que principiava a ser esmagado pelo abraço contristor de uma serpente de ferro.

ANTÓNIA DE SOUSA

OPEL LIGAR
OPEL Kadett OLYMPIA REKORD COMMODORE
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA1

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29. 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
Inscrições das 10 ás 12 e das 17 ás 22 horas

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«Temos de usar a força para evitar a violência»

—afirmou o Chefe do Governo (referindo-se à luta no Ultramar) ao assumir as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros

Ao assumir ontem interinamente as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros, o prof. Marcello Caetano pronunciou o seguinte discurso:

«Quando, há um ano, solicitei a Vossa Excelência para fazer parte do Governo que então constituí, permanecendo na gerência da Pasta sobraçada desde maio de 1961, a sua anuência foi-me dada em termos cativantes, mas condicionados. Razões muito respeitáveis de carácter particular impeliam-no de há muito a regressar á vida profissional. E só uma amizade antiga e em que tenho muita honra o levou a pôr de parte a resolução tomada para consentir em colaborar comigo durante alguns meses.

Tive assim o privilégio de, neste período, beneficiar da experiência política e diplomática, da cultura da inteligência e das excepcionais qualidades de trabalho do dr. Franco Nogueira á frente do Ministério dos Negócios Estrangeiros. E em todos os momentos pude apreciar os dotes do seu carácter: a lealdade, a probidade, a inteireza, o patriotismo, a devoção ao serviço publico e a consciência da dignidade das suas funções.

Não foi Vossa Excelência, neste posto, um dirigente distante e frio, confinado á discrição do seu Gabinete. Tendo partilhado da definição de uma politica externa, acreditou sempre na verdade e na virtude dela. E essa fé foi militante. Na rotina quotidiana ou nos grandes momentos de crise, nas tribunas nacionais ou no debate das assembleias internacionais, nas conversações bilaterais ou no meio do tumulto dos inimigos de Portugal, ao esclarecer o País nas conferências de Imprensa ou quando se dirigia á opinião mundial, falando ou escrevendo, o dr. Franco Nogueira, por vezes, nas mais desfhador, que generosamente se deu á defesa da causa de Portugal!»

«A DEFESA DO ULTRAMAR NÃO AFROUXARÁ»

«Exemplo de chefe surgido e seguido no serviço diplomático português, cujos funcionários, espalhados por esse mundo fora, por vezes nas mais desconfortáveis posições, têm sabido sempre expor e defender com coragem as razões do seu País.

O dr. Franco Nogueira sai do Governo, mas não deixa a vida publica. Muda de trincheira, mas continua no combate. E tenho a certeza de que, se o eleitorado tiver o bom-senso, como espero, de o enviar á Assembleia Nacional, aí prestará ao País novos e relevantíssimos serviços.

Não me parece este o momento oportuno para preencher a sua vaga neste Ministério que, por pouco tempo, ficarei a gerir interinamente, com a ajuda do dr. Rui Patrício, que tão excelentes provas de inteligência e capacidade tem dado como subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino.

Isto quer dizer, também, que a defesa do Ultramar português não afrouxará no plano diplomático, como não fraquejará no plano interno.»

«CAOS POLITICO, ECONÓMICO E SOCIAL»

«Compreendo que a Internacional comunista ataque com veemência a defesa que fazemos das provincias africanas, apodando-a de «guerra colonial».

Compreendo que aos que põem acima do interesse dos portugueses o interesse do progresso do comunismo no mundo convenha demolir por todas as formas obstáculo que a presença portuguesa em África representa, capitulando-a de colonialista, de opressora, de nociva ás classes trabalhadoras, de tudo o mais que possa denegri-la.

Compreendo que os países interessados na existência de débeis Governos, incapazes e impotentes, nos territórios africanos, de cuja aparente independência pensam poder dispor á vontade, olhem com hostilidade as provincias portuguesas do Ultramar, onde existe uma autoridade que disciplina o contributo de todos quantos queiram participar no seu progresso, sem as deixar alienar a ninguém.

Mas que portugueses preconizem que se pactue com os chefes dos movimentos terroristas, negociando com eles a entrega dos territórios onde vivem e labutam milhões de compatriotas — brancos uns, pretos os outros, mas todos confiados na protecção da Pátria comum —, que haja quem ingénua ou perversamente pense que tais negociações conduziriam a resultado diferente do aniquilamento e da expulsão dos bons portugueses, da crise de todas as actividades que fazem a riqueza da terra e são penhor do futuro das gentes, e do caos politico, económico e social de regiões onde hoje reina a paz, a prosperidade e a harmonia, que haja entre nós quem assim pense, sinceramente custa-me a compreender!»

«NÃO QUERO PENSAR NA CÓLERA»

«Conheço e amo a África. Conheço e amo as suas populações. É a pensar nas terras e nas gentes africanas que formo a minha opinião. É a pensar no drama das independências prematuras, é a pensar na impreparação total dos povos de África para constituirem e gerirem Estados do tipo que lhes querem impor, e cujas estruturas e funcionamento democráticos carecem totalmente de afinidades com milenários costumes de governo tribal, é a pensar na tragédia inevitável que a sementeira de ideias revolucionárias e de ódios raciais desencadearia em meios onde a equilibrada e paciente evolução conseguirá em alguns anos consolidar sociedades multirraciais, é a pensar nos perigos da escravização dos homens nos chamados socialismos africanos ou nas alienações dos países aos neocolonialismos irresponsáveis mas exploradores, que sustento a verdade e a necessidade da presença de Portugal em África.

E quando ouço dizer que a Metrópole, liberta dos encargos ultramarinos, conheceria novos tempos de prosperidade, pergunto a mim próprio se as pessoas que o afirmam estão convencidas do que dizem.

Nunca professei a opinião de que Portugal, privado do Ultramar, estivesse condenado á perda da independência. Mas não quero pensar no que seriam os dias negros dessa privação. Não quero pensar no que seria a chegada á Metrópole dos portugueses de Angola e Moçambique expulsos dos seus lares e em busca de novos meios de trabalho, nem na cólera de quantos se sentissem logrados nos sacrifícios feitos para manter em Africa a bandeira verde-rubra! Nem ouso imaginar o que doeria a ferida moral — o que por longos anos seria uma viva e ardente ferida aberta pelo abandono ou pela entrega na consciência do País.»

«O CASO DA ÍNDIA NÃO FOI UMA ENTREGA NEM UM ABANDONO»

«Entrega a quem? Se são vários e rivais os chefes e os movimentos, que só se distinguem pelos países estrangeiros! que lhes fornecem armas e apoios financeiros e diplomáticos? Se esses movimentos e esses chefes, carecidos de autoridade própria, de raízes nos territórios de legitimidade de qualquer espécie, só teriam nas negociações a voz e o voto que lhes fossem ditados pelas potências que os sustentam e movem? Se em ultima análise as negociações acabariam por ser feitas não com as populações ou seus representantes — mas com países que encobertamente as conduziriam para depois, encobertamente também, passarem a ser senhores e fruidores dos territórios?

Porque a verdade é que, ao contrário da falsa ideia espalhada por uma propaganda insidiosa, nenhum movimento, a partir do caso do Congo em 1961, espontaneamente, surgiu, se desenvolveu e radicou em território português: todos foram fomentados, são apoiados e estão baseados em países estrangeiros.

Não. A entrega do Ultramar aos movimentos subversivos não faria a felicidade dos africanos e não seria com certeza factor de prosperidade, nem título de nobreza, nem motivo de orgulho nacional para os portugueses.

O caso da Índia não foi uma entrega nem um abandono. Sabíamos que, contra o poderio militar da Republica indiana ali ao pé, as nossas guarnições não podiam fazer mais do que servir de guarda de honra á bandeira nacional. Os que em Nova Deli se proclamaram pacifistas foram assim forçados a empreender uma operação de conquista. Uma violência, que escaldou as mãos de Nehru e desmentiu toda a doutrina por ele proclamada. Os portugueses de Goa, ocupada militarmente por uma potência estranha, não foram entregues pela Mãe Pátria: pertencem-lhe ainda. E nem se pode dizer que estejam hoje em situação pior, sob o ponto de vista cultural, que os habitantes dos antigos estabelecimentos franceses.»

«A AUSÊNCIA DE REPRESSÃO SÓ INCITA AO CRIME»

«Perdem-se vidas ao resistir á subversão? Ninguém o deplora mais que aqueles a quem cabem as responsabilidades do Governo e que têm o dever de ser avaros do sangue do povo. Mas havemos então de ceder cobardemente ao primeiro impeto de quem nos ataque? Havemos então de professar uma politica de renuncia e de retirada sempre que alguém nos conteste? Havemos então de deixar impassivelmente, para fugir á luta, produzirem-se os males maiores da anarquia, da guerra civil, da chacina de vidas, da destruição de fazendas, do aniquilamento da civilização?

É uma ilusão pensar que o modo de impedir a violência seja deixar cair os braços. Podemos deplorar que assim seja: mas a ausência de repressão só incita ao crime. A certeza da impunidade alenta os desordeiros. E o crime, a desordem, a subversão destroem muito mais vidas e muitos mais bens do que pode custar uma prevenção oportuna e uma repressão eficaz. Por isso não há que escolher: temos de usar a força para evitar a violência. Temos de nos sacrificar na luta pela ordem se queremos que não haja desordem.

Temos de nos dispor á defesa activa de tudo quanto a civilização ergueu se nã queremos vê-la afundar-se no caos. Contra esta atitude ergue-se o comodismo burguês, sempre cego enquanto não sofre na própria carne a consequência dos seus erros de compreensão e de acção. E protesta, naturalmente, a revolução, que denuncia em altos gritos como injusto tudo o que constitui o obstáculo á sua marcha. Mas os povos que conservam a saude de espirito não podem emburguesar-se, nem tão-pouco deixar-se iludir pelos gritos revolucionários.

Eis aqui as razões pelas quais Portugal não pode ceder, não pode transigir, não pode capitular na luta que se trava no Ultramar. Devemos estar abertos a tudo quanto pacificamente possa ser feito no sentido da evolução natural das grandes províncias africanas. Mas temos de ser intransigentes quanto a uma retirada que comprometeria, por muitos anos, tudo quanto fizemos e preparámos durante séculos, na Europa e no Mundo, á custa de esforço incontável, de muito sofrimento e de muito sangue vertido das nossas veias.

O Mundo há-de compreender que este é o caminho verdadeiramente conveniente ao progresso e á paz. Mas primeiro é preciso que o afirmem os portugueses. E estou certo de que não deixarão de o fazer com energia, com empenho e com fé.»

PALAVRAS DO DR. FRANCO NOGUEIRA

A preceder o discurso do prof. Marcello Caetano falou o ministro cessante, que começou por saudar o Chefe do Governo e o dr. Rui Patrício, novo subsecretário interino dos Negócios Estrangeiros.

Referindo-se aos seus nove anos de gerência da pasta, disse o dr. Franco Nogueira que «nunca este Ministério vacilou (...) perante os perigos e os obstáculos», nomeadamente no que concerne ao Ultramar, a que os interesses «vitais e permanentes» do País estão indissolúvelmente ligados. E acrescentou:

— São, pelo menos, ingénuos os que acreditam na sinceridade dos propósitos afirmados pelos grandes países: porque estes, no fundo, não têm o menor interesse pelo progresso da África, nem pelos direitos humanos e dignidade do povo africano. Como estas palavras apenas me comprometem a mim, posso afirmar, com conhecimento de causa, que os alevantados ideais disseminados por esse mundo constituem apenas a máscara doutrinal que oculta a hipocrisia, as ambições nacionais, os desígnios imperiais de outros. Quanto ás grandes assembleias internacionais, em particular as Nações Unidas, ninguém hoje no Mundo acalenta já ilusões sobre as suas virtudes: estão desacreditadas, desprestigiadas, impotentes.

A politica externa, no dizer do dr. Franco Nogueira, «tem de partir de realidades, próprias de cada país, e tem de assentar nas linhas de força que sejam também especificas de cada nação».

«NÃO HÁ MEIAS SOLUÇÕES»

Nós temos as nossas — prosseguiu o ministro cessante — outros têm as deles; e quando não há coincidência ou aproximação, as relações só se estabelecem se alguém sacrificar ou ceder alguma coisa. Pensar-se-á acaso que a União Soviética estabelece relações connosco se nós conservarmos Angola e Moçambique? e de novo pergunto o que nos interessa mais: manter o Ultramar ou ter relações com Moscovo? Ou acreditar-se-á que Moscovo vai afrontar a sua clientela afro-asiática pelo gosto singelo das relações com Portugal?

E a terminar:

— Entregue o Ultramar — e não há meias soluções: ou se entrega ou se defende — as grandes potências logo o ocupariam económica e politicamente, mas talvez, durante uns escassos dias, recebessemos em Nova Iorque alguns piedosos elogios. Julgo, como um português qualquer que sou, que é do nosso interesse prescindir dos elogios e preferir que a Nação se mantenha integra.

AS COMEMORAÇÕES DO 35.° ANIVERSÁRIO DO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE TELECOMUNICAÇÕES E RADIODIFUSÃO

Começa hoje, com uma sessão na Casa do Alentejo, o ciclo comemorativo do 35.° aniversário do Sindicato Nacional dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão. Cerca das 20 e 30, o jornalista Vítor Santos, chefe de Redacção do nosso prezado colega «A Bola», faz uma palestra, subordinada ao tema «O desporto nas telecomunicações». Segue-se a distribuição de taças do I Torneio de Futebol das Telecomunicações, bem como de medalhas de correcção, oferecidas pela Associação de Futebol de Lisboa. A sessão é presidida pelo dr. Amadeu Dias, assistente do Sindicato junto do Ministério das Corporações.

O ciclo comemorativo prossegue no dia 11, com uma visita aos centros de telecomunicações da margem-sul. De 29 a 31 do corrente, decorre um colóquio sobre assuntos profissionais.

O ciclo comemorativo termina no dia 4 do próximo mês, com uma sessão solene, a que assistem entidades oficiais, durante a qual são distribuídas medalhas.

CURSO LICEAL
NOCTURNO c. prep. — 220$00
2.° c. (1 sec. 250$00; 2 sec. 350$00)
3.° c. compl. 400$00. EXT. NUN'ÁLVARES
PR. JOÃO DO RIO, 2 — TEL. 722461

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *O «Grupo 4», composto pelos artistas Irene Cruz, João Lourenço, Rui Mendes e Morais e Castro vai apresentar brevemente a peça de James Saunders, «Amanhã digo-te por música».*
- *O actor-encenador Carlos Avilez está a reorganizar a companhia do Teatro Experimental de Cascais.*
- *A actriz Catarina Avelar deve tomar parte no desempenho da peça infantil «Histórias de Hakim», um original de Norberto de Ávila.*
- *A Companhia de Amélia Rey Colaço já principiou a ensaiar a peça que servirá para inauguração da sua temporada de Inverno.*
- *É muito provável que a revista «Ri-te... Ri-te» venha a ser apresentada muito brevemente em Angola.*
- *O actor Francisco Ribeiro deve participar na segunda revista do Teatro ABC.*

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Filmes Lusomundo

tem a honra de anunciar que o seu filme

DUELO no PACÍFICO

realizado por John Boorman, já considerado pela Crítica Internacional (Life, Paris Match, L'Aurore, etc.) como um dos melhores filmes de sempre, foi seleccionado para

INAUGURAR A TEMPORADA DO

IMPERIO

Triunfo da arte cinematográfica, na sua beleza, força emocional e nas inexcedíveis interpretações de

LEE MARVIN e TOSHIRO MIFUNE

DUELO no PACÍFICO

é oferecido à admiração do público como homenagem do distribuidor e do exibidor a todos quantos, com a sua inteligência e sensibilidade, têm ajudado a reconhecer o Cinema como o mais completo dos espectáculos.

argumento Alexander Jacobs • Eric Bercovici
música Lalo Schifrin

Technicolor • Panavision maiores de 12 anos

amanhã ESTREIA às 21.30

Irreverente, atrevido, malicioso, meio «escroque», meio sensível, eis o novo Yves Montand que Philippe de Broca exigiu para o seu ultimo filme «O Diabo á Solta»

Yves Montand no cinema São Jorge

O Cinema São Jorge assinalou a abertura da nova época com a realização de Philippe de Broca «O Diabo á Solta», «divertissement» no mais puro estilo.

Yves Montand domina todo o espectáculo na originalíssima criação dum D. Juan, misto de «escroque» e de insaciável romantico.

Um grupo de fascinantes beldades, com destaque para Maria Schell, Clotilde Joan e Marthe Keller, são perturbadoras comparsas na inconstancia de Yves Montand.

O filme, com argumento e diálogos de Daniel Boulanger é, ainda, uma irreverente crítica, onde a par de salutar bom humor, cintila a irreverência e o atrevimento da mais pura graça francesa.

«Helga» continua a ter êxito

Um dos acontecimentos cinematográficos mais importantes da presente temporada foi e é, sem duvida alguma, o filme em eastmancolor «Helga — o segredo da maternidade», que o cinema Vox exibe com sucesso. Documento cientificamente elaborado sobre a maternidade, realizado por um dos maiores médicos genecologistas alemães, e interpretado pela formosa Ruth Gassmann, «Helga» resulta num espectáculo empolgante e fascinante, que culmina com a sequência do parto — pela primeira vez apresentada ao publico na íntegra. Comentado em língua portuguesa e exclusivamente reservado ás pessoas com mais de 21 anos, o actual cartaz do Vox tem conquistado as atenções de todo o publico de Lisboa, a exemplo do que aconteceu nas maiores capitais da Europa.

FAYE DUNAWAY e MARCELLO MASTROIANNI

Longe do mundo, longe de todos, tudo fizeram em nome do amor

UM LUGAR PARA AMAR

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

UM LUGAR PARA AMAR

"A PLACE FOR LOVERS"

Argumento de JULIAN HALEVY, PETER BALDWIN, ENNIO DE CONCINI, TONINO GUERRA & CESARE ZAVATTINI
Produção de CARLO PONTI e ARTHUR COHN · Realização: VITTORIO DE SICA · METROCOLOR Adultos MGM

HOJE, ESTREIA NO MONUMENTAL

VITOR MENDES

UM ESPECTÁCULO DE LUXO, ALEGRIA E GARGALHADA PERMANENTE!

ADULTOS

Hoje, às 20.45 e 23 h.
ENORME ÊXITO
DO GRANDE ESPECTÁCULO DO MOMENTO!
A SENSACIONAL REVISTA

MARIA VITÓRIA

ESPERTEZA SALOIA

com ● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL

A ATRACÇÃO NACIONAL ● HELENA TAVARES ● A ATRACÇÃO FILIPINA «THE MELODIES»

A FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os combolos eléctricos.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE
2 SESSÕES:
às 21 horas
e às 23 horas
(ADULTOS)

UMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDISSIMO

AGUARDENTE VELHA Nieuport a prova esta na prova

Em VILA VIÇOSA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por TIBÉRIO RAMOS — Rua Dr. Oliveira Salazar, 51.

A PARAMOUNT apresenta a produção de WILLIAM CASTLE

A mais desesperada conspiração para alcançar a liberdade!

O MOTIM

com -RIOT-

JIM BROWN · GENE HACKMAN

MIKE KELLIN · GERALD S. O'LOUGHLIN · BEN CARRUTHERS · CLIFFORD DAVID

E OS PRESOS DA PRISÃO ESTADUAL DO ARIZONA

Baseado no livro do antigo condenado FRANK ELLI

Realização de BUZZ KULIK · TECHNICOLOR

Um filme PARAMOUNT

HOJE às 21.45 estreia no EDEN

Dra diga-nos...

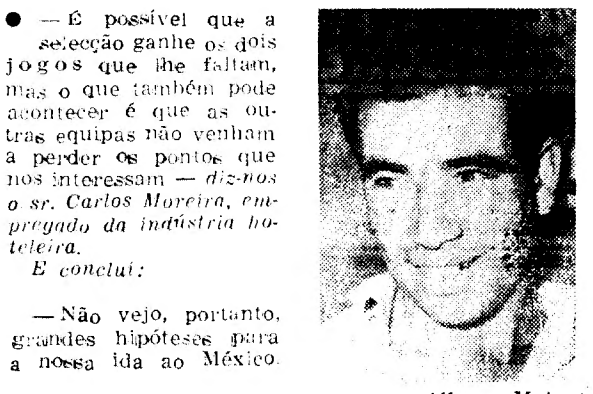
— Acha que Portugal vai ao México, ao Campeonato do Mundo?

As últimas esperanças vão entrar em jogo, com os derradeiros encontros da série. Há ainda uma hipótese, ténue, e os entusiastas agarram-se a ela. (Trata-se do futebol, claro)...

● — É possível que a selecção ganhe os dois jogos que lhe faltam, mas o que também pode acontecer é que as outras equipas não venham a perder os pontos que nos interessam — *diz-nos o sr. Carlos Moreira, empregado da indústria hoteleira.*

E conclui:

— Não vejo, portanto, grandes hipóteses para a nossa ida ao México.



● *O sr. Albano Mateus Duarte, motorista, é mais optimista:*

— Acompanho pouco o futebol, pois não tenho tempo, mas acho que sim, que a selecção ainda lá vá. As coisas melhoraram, depois da descida que houve. As nossas equipas estão a fazer figura, o Sporting está em boa «forma». Enfim, pode ser...

● *Por fim, o sr. Juvelino Santos, grande entusiasta do futebol, afirmou:*

— Acho que não. Parece-me que não vamos lá, até porque o seleccionador vai, segundo afirmou, basear a equipa nos jogadores do Sporting, cujo conjunto está em boa «forma». E do Benfica irão os jogadores habitualmente seleccionados. Assim não haverá conjunto, a equipa não se entenderá. Para mim, a melhor selecção seria formada com os avançados do Benfica e a defesa do Sporting. Assim, ainda lá íamos...

ETP 30

DOMUS

A NOBREZA DO DESENHO CONTEMPORÂNEO

É UMA CADEIRA SEEL

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S.A.R.L.

EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEF. [illegible] 28671-327022

Um êxito clamoroso!

16.ª SEMANA DE ENCHENTES

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA

com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS

— um espectáculo de VASCO MORGADO

em QUARTO MÊS com lugares desde 10$00

MONUMENTAL

HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)

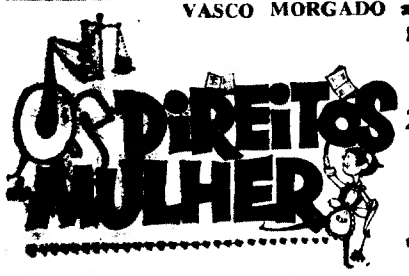
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

A COMÉDIA DE QUE TODOS FALAM

VARIEDADES 16.ª semana

VASCO MORGADO apresenta

HOJE, À NOITE, Às 21.45 (Adultos)



2 HORAS A RIR com UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUÍSA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO

DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 HORAS

AS ESTREIAS DE HOJE

No Eden

Título em Português — «O Motim».
Título original — «Riot».
Produção — Americana.
Realização — Buzz Kulik.
Intérpretes — Jim Brown, Gene Hackman, Mike Kellin, S. O'Loughlin e Carruthers.
Género — Aventura.
Distribuição — Paramount.
Processi — Technicolor.
Classificação — Adultos.

No Monumental

Título em Português — «Um lugar para amar».
Título original — «A Place For Lovers».
Produção — Italiana.
Realização — Carlo Ponti.
Intérpretes — Faye Dunaway e Marcello Mostroianni.
Género — Romance.
Distribuição — Filmes Castelo Lopes.
Processo — Metrocolor.
Classificação — Adultos.

COLISEU

HOJE, às 21.30 (Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

Numeros de sensação
Atracções de categoria

PALHAÇOS

QUINTA-FEIRA

A TARDE, entrada gratuita ás crianças até 10 anos

Actualidade internacional

Novo presidente no Brasil

(Continuação da 1.ª página)

é o terceiro presidente militar do Brasil desde a revolução de 1964 que depôs o presidente João Goulart. O marechal Humberto Castelo Branco, morto num desastre de aviação, foi o primeiro presidente saído da revolução, seguindo-se-lhe o marechal Costa e silva, que assumiu o poder em 1967.

A escolha de Medice foi feita pelos sete membros do comando das Forças Armadas depois de consultados os outros 47 oficiais dos altos comandos do Exército, da Força Aérea e da Armada.

O comando das Forças Armadas é constituído pelos ministros do Exército, da Força Aérea, e da Marinha, pelos chefes do Estado-Maior dos três ramos e pelo secretário do comando.

O ministro da Força Aérea, general Márcio de Sousa e Mello, ao fazer a comunicação sobre a escolha de Medice afirmou que os pormenores da sucessão não estão ainda elaborados por completo, mas noutros círculos militares aponta-se como data muito provável o dia 15 de Novembro para a tomada de posse.

Desde a doença que impossibilitou o marechal Costa e Silva o Brasil tem sido governado por uma junta militar que afastou o vice-presidente Pedro Aleixo, civil, alegando que o estado de emergência proclamado em Dezembro requeria a continuidade da vigência militar.

Medice será o vigésimo sétimo presidente do Brasil.

A SOPRANO ANNA MOFFO, norte-americana de nascimento, faz parte do «cast» do filme «Uma história de amor», cuja rodagem terminou recentemente. Anna Moffo contracena com o actor italiano Gianni Macchia. Ei-los numa cena do filme

B. B. DIVORCIOU-SE

LENERHEIDE (Suiça), 7 — (F. P.) — Birgitte Bardot divorciou-se de Gunther Sachs em Julho último, soube-se oficialmente. O divórcio foi assinado em Lenzerheide.

CONGRESSO EM TÓQUIO

(Continuação da 1.ª página)

A votação sobre a resolução europeia foi, então, adiada até hoje e esta manhã o debate sobre a questão recomeçou.

Trinta e dois delegados africanos apresentaram duas propostas resoluções para discussão: uma pedindo a expulsão da África do Sul por causa da sua política de «apartheid» e outra solicitando a Portugal para eliminar a discriminação racial nas suas colónias, disse o mesmo informador.

O 16.º congresso da U. P. U. — uma organização especializada da O. N. U. — foi inaugurado em Tóquio em 1 de Outubro e deve continuar durante 45 dias.

MICHAEL ROHAN SOFRIA DE DOENÇA MENTAL —AFIRMA O ADVOGADO DE DEFESA

JERÚSALEM, 7 — (R.) — O australiano Denis Michael Rohan confessou hoje que incendiara a mesquita de Al Aksa, nesta cidade, mas o seu advogado declarou uqe fora vítima de alienação mental momentâneamente.

Rohan, de 28 anos, tosquiador de ovelhas, tinha declarado ontem no tribunal que estava inocente.

O advogado de defesa Yitzak Tunik, que ontem rejeitou as acusações contra o réu, anunciou no início da audiência de hoje que o australiano admitia agora certos factos do libelo.

Observadores judiciais são de opinião que esta súbita viragem da posição da defesa encurtará o julgamento, que de início deveria demorar mais de três semanas.

Abolida na Grécia a censura prévia

(Continuação da 1.ª página)

caricaturas criticando a sessão governamental de acabar com a censura, embora impondo severas restrições.

O primeiro-ministro George Popadopoulos, anunciou na sexta-feira passada a restauração parcial das liberdades civis, incluindo o abrandamento de uma rígida censura.

Os jornais são agora autorizados a circular sem censura, mas foi-lhes fornecida uma lista de alíneas proibidas, que incluem assuntos relacionados com a ordem pública, a segurança nacional ou o ressurgimento de velhas paixões políticas.

Dimitrios Zafiropoulos, director geral do Ministério da Imprensa, declarou a noite passada numa carta aos jornais: «Após a abolição da censura, alguns jornais, quer intencionalmente, quer interpretando mal os regulamentos, violaram-nos. A partir de amanhã serão remetidos ao delegado do Ministério público e sofrerão as consequências»

PEDIDO PARA RAY NOVO JULGAMENTO

JACKSON (Tennessee), 7 — (R.) — Os advogados de James Earl Ray requereram, ontem, ao Supremo Tribunal de Tenessee que se conceda ao seu constituinte um novo julgamento sobre as acusações de ter assassinado o dirigente dos direitos civis, Martin Luther King.

Ray confessou-se culpado em 10 de Março ultimo e foi condenado a 99 anos de cadeia pelo juiz Battle. Pouco depois, Ray mudou de opinião e afirmou que pretendia declarar-se inocente.

O juiz Battle faleceu uma semana antes de poder julgar esse apelo de Ray.

Dispositivo anticoágulos

SAN FRANCISCO, 7 — (A. N. I.) — O dr. Kazi Udein, da Universidade de Miami, apresentou um minúsculo «chapéu de chuva» de aço e plástico, que se coloca no interior de uma veia para evitar que cheguem aos pulmões coágulos sanguíneos, normalmente fatais.

O minúsculo dispositivo foi apresentado durante o congresso dos cirurgiões norte-americanos. Pode aplicar-se depois de grandes intervenções cirúrgicas e é formado por um disco de plástico, com cerca de 2,5 milímetros de diâmetro, dotado de 18 minúsculos orifícios. A este disco estão ligados seis pequenos raios de aço inoxidável, semelhante ao que se emprega nas cordas dos relógios.

Este dispositivo é dobrado, como um guarda-chuva em dia de sol, metido num pequeno e estreito tubo de plástico e introduzido na veia jugular, através de um corte feito no pescoço, no lado direito.

Com auxílio dos raios X, para o guiar, o cirurgião «empurra» o dispositivo através do coração, também pelo lado direito, levando-o até junto dos rins. Ao chegar ali, o cirurgião abre o dispositivo e os seis minúsculos raios fixam-se nas paredes da veia. O tubo de plástico é retirado e o pequeno aparelho passa a impedir a circulação dos coágulos, que ao chegarem aos pulmões, provocam muitas vezes a morte dos operados.

FORÇA FORD

Apoio firme ao lavrador português

4 tractores básicos (2000, 3000, 4000, 5000), versões vinhateiro, estreito e tracção às quatro rodas — os mais avançados do Mundo. A Ford Força está presente em todo o País, apoiada por uma rede de Concessionários com vasta experiência no campo de vendas e de assistência técnica.

Ford TRACTORES EQUIPAMENTO

FORD LUSITANA COM CONCESSIONÁRIOS DE TRACTORES EM TODO O PAÍS

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

«O QUE A BÍBLIA DIZ»

Curso gratuito da Bíblia por correspondência para fazê-lo, escreva a Arlie Smith, Apartado 5103. Lisboa-5.

ECOS

O caso célebre em França de uma professora do ensino secundário, Gabrielle Russier, que foi afastada do liceu onde exercia a função docente, devido ao facto de ter uma ligação com um aluno do 7.º ano, e que por causa da humilhação que lhe infligiam veio a suicidar-se recentemente, está despertando em todo o País uma onda de indignação. O «Nouvel Observateur» tornou-se o fulcro do movimento de protesto. Trata-se, segundo este a injustiça. Muitos professores do ensino liceal estão a aderir a esta espécie de comissão para a reabilitação de Gabrielle Russier.

JOYCE Ann Francisco, figura de proa do movimento «hippy» norte-americano, agora fraccionado e em parte a caminho de uma consciencialização política que de início lhe era totalmente alheia, afirma:

«Nada possuo. O dinheiro só tem beleza quando escorre: desde que se amontoa torna-se aborrecido e doloso. Ocupemo-nos uns dos outros. Os seres humanos aspiram a uma liberdade total. Precisamos de nos despir da hipocricia, da desonestidade, do pretenciosismo que os preconceitos geram e reencontrar a pureza dos valores».

DE SÁBADO PARA DOMINGO

PROVÁVEL LIGAÇÃO DE TRÊS ASSALTOS A POSTOS DE GASOLINA

— Foi um indivíduo ainda novo, com boné e camurcina escura — eis tudo o que sabe dizer o empregado de um posto de gasolina nas imediações de Estremoz sobre o assaltante motorizado que o intimou, de pistola em punho, a entregar-lhe a existência da caixa.

Este «hold-up» á americana tem grande semelhança com outros dois golpes (assalto e fuga) perpetrados na mesma noite, de sábado para domingo, em Beja e no Barreiro. A sucessão cronológica reforça o argumento, já que o primeiro assalto foi ás 21 e 30 em Beja, o segundo duas horas e meia depois em Estremoz. finalmente o terceiro de madrugada, numa estação de serviço do Barreiro.

Entretanto, só o empregado e (vítima) de Estremoz forneceu até agora, segundo a P. V. T. indicações mais precisas.

O de Beja não se recorda da cor do automóvel e desconhece a marca. Tirou a matrícula: CE-10-24. Mas é tão antiga que não deve corresponder a nenhum carro em circulação.

A P. V. T. e a G. N. R. seguem de perto o caso, cuja solução se admite ser difícil.

JACQUELINE, cujo marido, o ar
quereria que participasse num filme
-americana. A ex-primeira dama dos
ultimamente em foco, uma vez ma
á saída de um cinema Jackie mostro
de judoca, derrubando um fotógraf
News». Recentemente, falou-se tamb
fabulosos

ONASSIS NÃ
QUE JACQU
ENTRE NUM

ATENAS, 7 — (F. P.) — O armador Aristóteles Onassis não deixa que a mulher, Jacqueline, apareça num filme para a Televisão norte-americana acerca do turismo na Grécia. O produtor Roger Gimbel, que já rodou filmes do mesmo género cam a princesa Grace do Móna Loren tine eem conto A l relata ais, r testej rente cário

COMEÇARAM AS AULAS NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

• 920 000 ALUNOS EM TODO O CONTINENTE

Começaram as aulas nas escolas primárias. Conforme noticiámos, a população das primeiras classes do ensino eleva-se, este ano, a 920 000 crianças, distribuídas pelas diversas escolas oficiais do Continente. Cerca de um décimo dos habitantes de Portugal Continental frequentam, assim, o ensino primário oficial.

Nas escolas de Lisboa, la grande balburdia, esta manhã, com os pequenitos a tentar ver os horários e as turmas a vigiar até á entrada da aula os «iniciados».

Como sempre, a timidez dos alunos da primeira classe contrastava com o á-vontade dos mais velhos que assumiam ares de «veteranos». A hora do recreio, porém, já se começavam a estabelecer as primeiras amizades.

● Cerca de 500 alunos no Colégio dos Olivais

Cerca de 500 crianças começaram a frequentar, hoje, o Colégio dos Olivais, situado nas imediações da Av. de Berlim. O novo estabelecimento de ensino, que dispõe de infantário e assistência médica, funciona num bloco de três pisos, com 15 salas de aula.

O DECRETO-LEI SOBRE FISCALIZAÇÃO DAS SOCIEDADES ANÓNIMAS

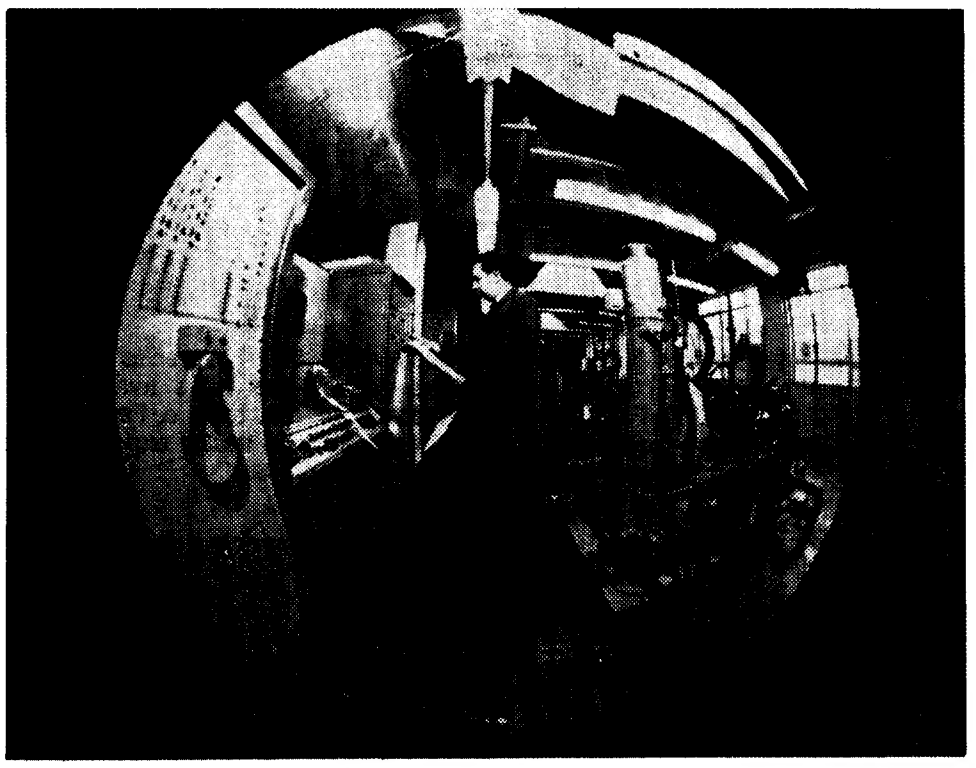
Na Câmara Corporativa, prosseguiram os trabalhos de apreciação do projecto de decreto-lei sobre o regime de fiscalização das sociedades anónimas.

Para o efeito, reuniu-se, sob a presidência do dr. Luís Supico Pinto, a secção permanente da Câmara Corporativa, com procuradores agregados.

É relator do parecer o prof. dr. Adelino da Palma Carlos.

Conselho de Ministros

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano, reuniu-se esta tarde, em S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.



O MOTOR LIGADO AO CÉREBRO — No seu Centro de Pesquisas de Thornton, em Inglaterra, a Shell lançou mão da electrónica para testar o rendimento dos novos carburantes e lubrificantes em vários tipos de motores. Um engenheiro da empresa lê os dados fornecidos instantâneamente por um dos cem cérebros já em utilização

PROBLEMAS DO NORDESTE TRAS
APRECIADOS NO ROTARY CLUBE

Com elevado número de presenças, não só de rotários do Clube e do País, como de rotários estrangeiros e respectivos convidados, efectuou-se hoje mais uma habitual reunião do Rotary Clube de Lisboa.

Presidiu o sr. dr. Ângelo de Almeida Ribeiro tendo o eng.º Guimarães Ferreira desempenhado as funções de director do protocolo, fazendo a apresentação dos convidados e rotários visitantes. O expediente da secretaria foi lido pelo prof. Erasmo Figueira Chaves.

O eng.º Sérgio Medeiros apresentou um relato circunstanciado acerca de todas as manifestações levadas a cabo durante a recente visita dos representantes de 14 países que vieram ao nosso País tratar do Intercâmbio de Jovens.

Seguidamente, o eng.º Guimarães Ferreira fez um breve relato da sua recente passagem pelos clubes de Orly e Liechtensctein.

Falou depois o presidente que começou por se associar ás manifestações oficiais e cívicas que assinalaram a passagem da data histórica do 5 de Outubro.

Congratulou-se, seguidamente, pela recente nomeação do sócio do clube dr. João Jorge Simões Raposo, para o cargo de director do Serviço de Radiologia dos H boa.

Por Ribeir palest eng.º bro d túbal, p a l e tema deste

Escu teress sistên piou que s o seu cola, de d curso, que s ciação tribui conce Braga

Ref agro-p á con em c constr

Terr opiniã obra futura ção d soal t que es citar colas bilidad

O caso do jornalista maltratado no Município da Moita

O ministro do Interior esclareceu o Sindicato Nacional dos Jornalistas, através de um ofício, sobre o incidente ocorrido no gabinete do presidente do Município da Moita, em 16 de Setembro passado, no qual um jornalista profissional foi vítima de atitude insólita por parte daquela autoridade administrativa.

O ministro do Interior prestou a melhor atenção ao problema, logo averiguando da justeza dos reparos formulados pelo Sindicato. No mesmo ofício deplora-se o incidente, comunicando o ministro do Interior que confiou ao governador civil de Setubal a missão de esclarecer o jornalista visado e de estabelecer o clima de compreensão que deverá conduzir á liquidação do incidente nos termos exigidos pela qualificação das pessoas em causa e com salvaguarda do prestígio das respectivas funções.

reedição de uma grande obra de ALVES REDOL

GAIBÉUS

7ª edição

"*Gaibéus* marca na literatura de ficção do nosso país um ponto de viragem: é o primeiro romance de massa."

(Armando Bacelar — *Vértice*)

Col. "Obras de Alves Redol", 328 págs., 55$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

APARTADO 8 — MEM MARTINS
R. das Flores, 45, 2.º — Lisboa
R. de Entreparedes, 6, 2.º — Porto

A caça aos coelhos com furão e sem re

Nos termos de um edital da Comissão Venatória Regional do Sul, a caça aos coelhos com furão, sem redes, durante a próxima época geral, que começa no dia 15, é autorizada nos locais indicados no referido edital e pertencentes aos seguintes concelhos da sua área: de 15 d Outubro a 15 de Janeiro, Barrancos e Porto de Mós; de 15 de Outubro a 15 de Dezembro, Arruda dos Vinhos; de 15 de Outubro a 30 de Novembro, Cadaval, Loulé, Lourinhã, Óbidos, Peniche e Sobral de Monte Agraço; de 1 de Novembro a 31 de Dezembro, Moura; de 1 a 30 de Novembro, Alenquer, e de 15 de Novembro a 31 de Dezembro, Tavira.

Em todos os coutos e coutadas da área da mesma Comissão Regional, instituídos segundo o «Regulamento da Caça para Fomentar a Protecção das Espécies Cinegéticas», a caça dos coelhos, com furão mas sem redes, é permitida em toda a época venatória.

O mesmo edital lembra, ainda, a disposição legal, que proíbe a venda da per-

diz an e que proibid

MOD

O g monte, chegad ris, Lo aprecio próxim para a clientes tuário

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

...do. o armador Onassis, não ...um filme para a TV norte-...ama dos E. U. A. tem estado ... vez mais. Em Nova York, ...ie mostrou as suas qualidades ... fotógrafo do jornal «Daily ...u-se também dos seus gastos ...ulosos

...NÃO QUER ...QUELINE ...UM FILME

...Mónaco e com Sophia Loren, oferecia a Jacqueline a importância de ...eem mil dólares (2800 ...contos).

A Imprensa grega, que ...relata a recusa de Onássis, recorda que o casal ...festejará em 20 do corrente o primeiro aniversário do seu casamento.

...RASMONTANO ...UBE DE LISBOA

dos Hospitais Civis de Lisboa.

Por último o dr. Almeida Ribeiro deu a palavra ao palestrante da reunião sr. eng.º Gago da Silva, membro do Rotary Clube de Setúbal, que pronunciou uma palestra subordinada ao tema «Problemas do Nordeste Transmontano».

Escutado com muito interesse pela numerosa assistência, o orador principiou por definir a região a que se referia, enaltecendo o seu valor potencial agrícola, referindo-se ao plano de desenvolvimento em curso, nomeadamente no que se refere a uma associação de cooperativas distribuidas pelos principais concelhos do distrito de Bragança.

Referiu-se ao complexo agro-pecuário do Cachão e á construção das barragens em curso, necessárias á construção dos regadios.

Terminou por dar a sua opinião sobre a validade da obra e suas perspectivas futuras, destacando a acção desenvolvida pelo pessoal técnico e o exemplo que este trabalho pode suscitar noutras regiões agrícolas com idênticas possibilidades.

redes

diz antes de 1 de Novembro e que a sua exportação está proibida.

MODA MASCULINA

O gerente técnico da **Piemonte**, sr. Américo Faria, chegado recentemente de Paris, Londres e Milão, onde apreciou os modelos para a próxima estação, prepara-se para apresentar aos seus clientes a sua versão do vestuário de Inverno.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

NO CASINO ESTORIL FOI APRESENTADA A NOVA LINHA CARON

«A Festa é um sinal de convivência que a antiguidade socializava como uma lei de amizade. Retomámo-la para enquadrar na modernidade dos nossos hábitos e no espírito de grupo, acentuando a unidade de todos» — dizia-se no programa. No Casino Estorial, cenário magnífico para o espectáculo — pois espectáculo foi o encantador desfile —, decorreu a apresentação de quarenta modelos de «lingerie» Caron e «toilettes» de praia, sugestivos, harmoniosos e de inexcedível bom gosto.

Cerca de setecentos convidados da administração das empresas Simões & Cia, Lda., e Novel, Lda, reunidos ontem á noite por aquele motivo, não regatearam aplausos. Entre os convidados, mais de 400 revendedores daquelas empresas no continente, Madeira, Açores e Angola.

Proferiu breves palavras de saudação o sr. Gabriel Rodrigues, administrador daquelas organizações, que fez uma chamada especial á excelente actividade do dr. Bruno Monteiro, director da fábrica, envolvido pela assistência em calorosa ovação.

Procedeu-se, em seguida, á entrega dos prémios do concurso nacional de montras «TV-seven-seas», promovido anualmente pela organização internacional I. F. C., com sede em Amesterdão, que tem vindo a lançar, desta forma novas linhas de camisas para homem. Foram instituídos prémios regionais coincidentes com as zonas de venda: Norte, Sul, Lisboa e Porto. O Grande Prémio Nacional e da Zona Sul, foi atribuído a Rui Pargana dos Santos, de Portimão; o prémio de Lisboa, á Lanalgo; o do Norte, a Humberto A. Teixeira de Viseu; e do Porto, «ex aequo» e Licínio de Araújo e a Marques Soares. Quatro atraentes modelos — Gil Dorée, Dorothy e Fátima (três inglesinhas e uma carioca) —, apresentaram a vasta linha «lingerie Caron P/V-70» onde sobressaem as concepções para jovens, e que a assistência aplaudiu com entusiasmo. Seguiu-se o excelente «show» internacional do Casino Estoril.

Equiparação dos estudos nos seminários

Os individuos com habilitações adquiridas nos seminários episcopais ou missionários podem prosseguir estudos no ensino liceal, nas seguintes condições, segundo foi agora determinado, mediante parecer da 4.ª secção da Junta Nacional de Educação:

3.º ano dos seminários — permite a matrícula no 4.º ano liceal em estabelecimento de ensino particular,

4.º ano dos seminários — permite a matrícula no 5.º ano liceal em estabelecimento de ensino particular.

5.º ano dos seminários — permite a prestação de provas do exame do 5.º ano liceal.

6.º ano dos seminários — permite a prestação, comulativamente, de provas dos exames da secção de Ciências do 5.º ano liceal e de qualquer das alíneas (de Letras) do 7.º ano do mesmo ensino.

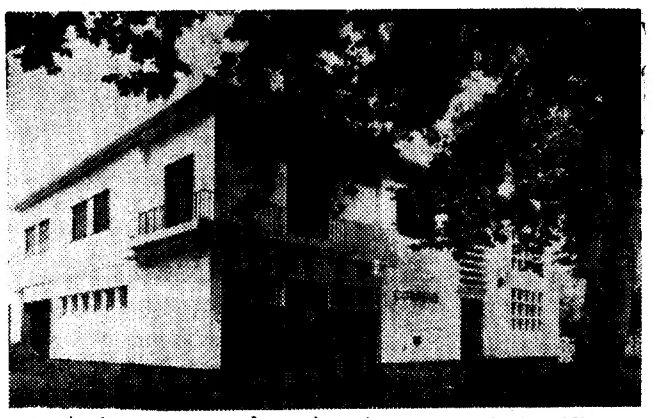
7.º ano dos seminários — permite a prestação, cumulativamente, de provas dos exames da secção de Ciências do 5.º ano liceal e de qualquer das alíneas (de Letras), do 7.º ano do mesmo ensino.

1.º ano do curso filosófico — permite a prestação cumulativamente, de provas dos exames da secção de Ciências do 5.º ano liceal e de qualquer das alíneas (de Letras) do 7.º ano do mesmo ensino.

2.º ano do curso filosófico — permite a prestação, cumulativamente, de provas dos exames da secção de Ciências do 5.º ano liceal e de qualquer das alíneas (de Letras) do 7.º ano do mesmo ensino.

3.º ano do curso filosófico — permite a prestação de provas do exame de qualquer das alíneas do 7.º ano liceal.

1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos do curso teológico — equiparados a qualquer das alíneas (de Letras) do 7.º ano liceal.



A vila de Lagoa, uma das mais antigas da ilha de São Miguel e mesmo do arquipélago dos Açores, tem agora uma moderna estação dos correios. Os C. T. T. funcionam em Lagoa desde 1884 e, agora, com a nova estação puderam cumprir em excelentes condições a sua missão publica

Em três linhas

O primeiro secretário de Embaixada dr. Jorge Nemésio foi colocado no consulado de Portugal em Tours.

///

Foi autorizado o abono mensal de 100 escudos para despesas de representação do major Columbano Ferreira Libano Monteiro, ajudante de campo do sr. Presidente da Republica.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA O. C. D. E.

No prosseguimento do plano de assistência técnica a prestar pela O. C. D. E. ao nosso País através do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, partiram em estágio para o estrangeiro alguns técnicos do referido Fundo.

A dr. Maria Odete Vital, do Nucleo Técnico da Direcção, permanecerá durante cerca de três semanas na Bélgica em estágio nas instituições das comunidades europeias. Entretanto, a dr.ª Maria Emília Castanheira, da Divisão de Salários, estagiará durante duas semanas em França, tendo como objectivo o estudo sobre a participação dos trabalhadores no autofinanciamento das empresas.

Finalmente, a dr. Maria Odete Santos permanecerá três semanas em França e na Suíça, a fim de se inteirar de técnicas de informação documental.

AVISO

O IMPOSTO COMPLEMENTAR está a pagamento no corrente mês.
Contactando-nos já, poderá pagar o seu imposto em 12 mensalidades suaves.
Peça um impresso explicativo deste serviço que o Banco criou para si.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

Diário do Porto

A I Exposição Internacional Metalo-Mecânica

Por iniciativa da Associação Industrial Portuense será inaugurada no sábado, no Pavilhão do Palácio de Cristal, a I Exposição Internacional Metalo-Mecanica (Industria e Agricultura).

Farmácias de serviço esta noite (2.º turno)

ALBERTO FERREIRA, R. da Estação, 00 (Tel. 5-302) ❋ **ANTUNES**, R. do Bonjardim, 485 (T. 2-7936) ❋ **CAMPO ALEGRE**, Rua do Campo Alegre, 728 (T. 6-2245) ❋ **FÁTIMA**, R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel. 6-5406) ❋ **FERREIRA DA SILVA**, R. Mártires da Liberdade (Tel. 2-4023) ❋ **MARQUES DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 25 (Tel. 4-7116) ❋ **PEREIRO**, R. do Precioso, 35 (Tel. 68-1027) ❋ **S. JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622 (Tel. 5-4526) ❋ **S. LÁZARO**, Av. Rod. de Freitas, 29.º (Tel. 2-7043) ❋ **SARABANDO**, Largo dos Lóios, 36 (Tel. 2-1701) ❋ **SAÚDE**, Av. dos Comb. do Grande Guerra, 689 (Tel. 4-0576) ❋ **SOUSA SOARES**, R. de Santa Catarina, 5-2225 ❋ **GONDARÉM**, Rua de 141 (Tel. 2-2145) ❋ **VITÓRIA**, R. Be S. R. do Lameiro, 756 (Tel. Gondarém 860 — Foz

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do sr. António Caldeira, do Estoril, recebemos um telegrama de agradecimento, pela publicação do artigo sobre os servidores do Estado, da autoria do nosso prezado camarada Sebastião Rego.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Mãos á obra!» (17 anos).
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Mirandolina» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 2 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (2' anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Agente de Ferro» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «A ovelha ranhosa» (17 anos)
ESTÚDIO — Às 2 e 30: «Charly» (12 anos)
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «O Bastardo» (17 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Quem roubou a coroa?» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O gendarme casa-se» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «A rapariga da pistola» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 2 e 30: «O casamento» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A vida é um jogo!» (17 anos)

Amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 5 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 ronhosa (17 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «Agente de Ferro» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «A ovelha ranhosa» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Blow-up» e «Sete mulheres» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 15 e 30: «O boteiro de Raquel» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «Quem roubou a coroa?» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «A rapariga da pistola» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A vida é um jogo» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «O Casamento» (17 anos)

Embaixador da Alemanha

Está d visita a esta cidade o embaixador da Alemanha no nosso País, sr. dr. Hans Schmidt-Horix, acompanhado pela esposa e por dois filhos.

Aquele diplomata oferece hoje, um almoço, no Hotel Infante de Sagres, a individualidades do distrito. À noite, será hóspede do chefe do distrito, num jantar em sua honra.

O diplomata visita, ainda, o Ateneu Comercial do Porto, por motivo do seu centenário e os portos do Douro e de Leixões.

VINDIMAS FRACAS NO ALTO DOURO

SOUTELO DO DOURO, 7 — Principiaram as vindimas nesta região, sendo a colheita, ao contrário de que há tempos se previa, um tanto ou quanto diminuta, devido ao grande ataque de míldio e ao desavinho verificado nos vinhedos. A «novidade» deve ser fraca quanto ao grau, em virtude das chuvas que ultimamente caíram, as quais foram prejudiciais para a colheita de vinhos, aparecendo algumas uvas podres, mas benéficas para a colheita de azeite, que deve abundar no Alto Douro, apresentando os olivais bonito aspecto. Oxalá assim seja e os produtos agrícolas sejam devidamente valorizados, pois só deste modo os proprietários poderão fazer face ás enormes despesas. Faz-se sentir imenso a falta de braços, o que origina a subida de salários.

Necrologia

FALECIMENTO

Capitão de mar-e-guerra Feliciano Dias Newton

Vítima de pertinaz doença, que recentemente se agravara, roubando-o ao convívio dos seus numerosos amigos, faleceu hoje o sr. capitão de mar-e-guerra médico dr. Feliciano Tomé Dias Newton, de 64 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Maria das Dores Lemos Garcia da Fonseca Dias Newton; padrasto da sr.ª D. Maria Teresa Mendes Belo, casada com o sr. captão Jorge Mendes Belo, e da sr.ª D. Maria Inês Palhinha Machado, casada com o sr. dr. António Palhinha Machado; irmão das sr.as D. Maria Clotilde, D. Helena Maria e D. Maria Madalena Dias Newton e do livreiro Isaías Dias Newton (recentemente falecido) e cunhado da sr.ª D. Helena Dias Newton; genro do sr. conselheiro António Garcia da Fonseca e da sr.ª D. Sara Garcia da Fonseca; cunhado do sr. dr. Rui Garcia da Fonseca, casado com a sr.ª D. Maria Margarida Garcia da Fonseca, da sr.ª dr.ª D. Maria Aline Garcia da Fonseca Sousa Mendes, casada com o sr. arquitecto Sousa Mendes, da sr.ª dr.ª D. Maria Helena Garcia da Fonseca Dias Amado, casada com o sr. dr. Dias Amado (filho do sr. dr. António Garcia da Fonseca, casado com a sr.ª D. Branca Garcia da Fonseca).

Dotado de excepcionais qualidades de bondade, deixa uma grande saudade, sobretudo nos seus doentes, pela amizade que lhes dedicava. Suportou a sua dolorosa doença com grande coragem e resignação.

O seu funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã ás 11 horas, da igreja de S. Jorge de Arroios, para o cemitério do Alto de S. João. Será celebrada missa de corpo presente, às 10 e 30.

D. Maria Gomes da Cruz Henriques

Faleceu a sr.ª D. Maria Gomes da Cruz Henriques, de 62 anos, natural de Lanheses (Viana do Castelo), casada com o sr. Guilherme Henriques, mãe da sr.ª D. Ilda Gomes Henriques Gonçalves Almeida, sogra do sr. Fernando Gonçalves de Almeida e avó do menino Luís Fernando Henriques Gonçalves de Almeida. O funeral efectuou-se hoje, pelas 11 horas, da igreja da Penha de França para o cemitério do Alto de S. João.

José de Almeida

VISEU, 7 — Faleceu o sr. José de Almeida, de 76 anos, casado com a sr.ª D. Maria Violanta e pai das sr.as D. Maria Luísa e D. Beatriz Marques de Almeida e do sr. Carlos Marques de Almeida.

Ernesto Cruz

COVILHÃ, 7 — Da igreja da Misericórdia para o cemitério local, realizou-se hoje o funeral do sr. Ernesto Cruz, de 63 anos, sócio gerente das firmas Ernesto Cruz & C.ª, Lda., Malteca — Malhas, Tecidos Continentais, Lda., e Sociedade de Tecidos Cruz Alçada, Lda., conceituado industrial de lanifícios desta cidade, que desde a fundação da fábrica com o seu nome ali vinha exercendo profunda actividade. Pelo seu mérito e dinamismo soube granjear grandes amizades e pelo seu espírito de bem fazer, proporcionando uma vida melhor tanto no meio operário como até em colectividades representativas da cidade, granjeou a simpatia e respeito gerais.

José Leonel Gonçalves Pereira

VISEU, 7 — Faleceu o sr. José Leonel Gonçalves Pereira, sócio da firma Mercantil Viseense.

Deixa viuva, a sr.ª D. Maria do Céu Martins Ferreira.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	640$
Centenários 4%	1.485$	1.485$	—
Obrigs. Tesouro 5%	1.005$	1.004$	—
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo 1.ª Série c.	—	830$	—
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série c.	—	830$	890$
Cautelas 3.ª Série	—	—	180$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	490$
A. P. T. 5% 56	—	—	—
A. P. T. 5% 58	—	—	—
C. P. 4 1/2% 65	—	—	900$
C. P. 5 1/2% 67	1.000$	999$	1.001$
C. U. F. 6%	1.005$	1.003$	—
C. U. F. 6% 68	1.000$	995$	1.000$
Gás Elect. 4% 48	—	820$	830$
Gás Elect 4 1/2% 51	880$	875$	890$
Gás Elect 5% 52	890$	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	920$	—
Gás Elect 5% 63	—	906$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 6% 67	—	—	1.012$
H. E. A. Alentejo 5%	—	820$	—
H. E. Cávado 5%	—	—	830$
H. E. Cávado 6%	—	1.000$	—
H. E. Douro 5%	815$	—	—
H. E. Douro 6%	1.003$	1.002$	—
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	995$	996$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	850$
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	—	1.005$	—
Metropolitano 4%	890$	885$	890$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.000$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	830$	840$
Nitratos 5%	—	—	820$
Nitratos 5% 60	810$	—	820$
Petroquímico 5%	—	—	860$
Port. Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	835$	—
T. A. P. 4%	950$	—	960$
Termoelect. Port 5%	815$	812$	815$
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	85$	86$
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	—	82$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	860$
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.580$	1.570$	1.580$
Alentejo	890$	890$	894$
Angola	—	3.080$	3.200$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.580$	3.570$	3.590$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	—	7.050$	7.200$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.800$	6.700$	6.800$
Portugal n.	3.300$	3.300$	3.330$
Portugal p.	—	4.300$	4.400$
Totta Aliança	—	6.300$	6.400$
Ultramarino n.	2.800$	2.795$	2.810$
Ultramarino p.	3.090$	3.090$	3.100$
Seguros			
Alentejo	—	75$	77$
Douro	—	—	—
Mundial	—	585$	595$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	825$	860$
Ag. Cassequel	—	855$	865$
Ag. Incomati	—	1.980$	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	325$
Boror	—	155$	—
Buzi	98$	98$	99$
Cabinda	—	216$	224$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.000$	1.995$	2.000$
H. E. Revué	—	580$	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	175$5	175$	176$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	380$	380$	385$
Zambézia	90$	90$	90$5
Angolana	—	—	—
C.ª Diversas			
Cidla	—	—	—
Cim Leiria	—	4.000$	4.100$
Cim Tejo	—	6.020$	6.100$
Col. Navegação	1.550$	1.550$	1.570$
C. U. F.	—	1.400$	1.500$
Ind. Aliança	—	—	650$
Nac. Navegação	—	3.600$	—
Petroquímica	2.200$	2.190$	2.230$
Port. e Colónias	1.500$	1.490$	1.530$
Port. Celulose	—	4.500$	4.600$
Port. Pesca	—	1.150$	1.200$
Port. Tabacos	770$	767$	770$
Sacor	4.800$	4.750$	—
Siderurgia Nac.	1.610$	1.605$	1.615$
Soce	2.900$	2.880$	2.930$
Tabacos de Portugal	—	1.520$	1.550$
Tabaqueira	—	—	—
U. F. Azoto	875$	870$	880$
Águas, Electr. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	405$	435$
Águas Lisboa 34	—	420$	—
Águas Lisboa 36	—	390$	400$
Eléct. Beiras	1.675$	1.670$	1.690$
Gás Electr.	428$	427$5	428$5
H. E. Alto Alentejo	—	160$	163$
H. E. Cávado	—	1.240$	1.250$
H. E. Douro	1.232$	1.231$	1.233$
H. E. Norte Portugal	—	310$	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.265$	1.260$	1.270$
Nac. Electricidade	1.255$	1.250$	1.255$
Termoeléctr. Port.	1.240$	1.235$	1.240$
U. E. P.	195$	195$	195$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	193$2	199$
F. I. D. E. S.	—	119$9	123$5

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	29/9	3/10	6/10
GERAL	139,4	140,2	140,7
METRÓPOL	134,7	135,4	135,9
ULTRAM.	173,8	175,0	175,6

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$35	7$70
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$51	$55
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

DE COIMBRA

Encerramento das Jornadas de Genética Luso-Espanholas

Com um passeio turístico, encerraram-se as VI Jornadas de Genética Luso-Espanholas, que, desde quarta-feira aqui decorreram, em ambiente de grande interesse, reunindo uma centena de cientistas portugueses e espanhóis. Durante os trabalhos, foram apresentadas comunicações do mais alto interesse.

Terminados os trabalhos, os congressistas e as senhoras que os acompanhavam deram um passeio pelas principais zonas turísticas da região de Coimbra.

Visitaram as ruinas romanas de Conímbriga e o seu Museu Monográfico, que muito apreciaram; depois, na serra do Buçaco, foi-lhes dado admirar a vasta panoramica que se desfruta da Cruz Alta, a bela mata beneditina e o «Pálace».

Depois de um almoço, que lhes foi oferecido num hotel das termas de Luso, seguiram para a Figueira da Foz, onde permaneceram durante toda a tarde, regressando dali a Coimbra.

Ocorrências policiais

O sr. José Mariano de Figueiredo Machado, de 22 anos, estudante universitário, solteiro, residente na Rua Augusta, 17, foi comunicar á Secção de Justiça da P. S. P. que, na noite de 2 para 3 do corrente, danificaram algumas peças do seu automóvel, nomeadamente a antena de rádio, no valor de 400$00, quando o mesmo estava estacionado naquela artéria, em frente ao Instituto Maternal.

para hoje Espectáculos

— CINEMAS —

GIL VICENTE — «Carne da minha carne!» (17 anos).
AVENIDA — «O escroque elegante» (17 anos).
TIVOLI — «O homem que matou Liberty Valance» (17 anos).
SOUSA BASTOS — «O triunfo de Hércules» (12 anos).

Farmácias de serviço

LUCIANO & MATOS — R. da Sofia.
HIGIENE — Rua Fernandes Tomás.
MACHADO — R. Bernardo de Albuquerque.
M. NAZARÉ — Santa Clara.

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Tendo como padrinhos o ex-rei Humberto de Itália, e o ex-rei Simeão, da Bulgária, casaram em Madrid (numa cerimónia na Igreja de S. Jerónimo, presidida pelo núncio apostólico) o barão Carlo Galli Zugaro, chefe da casa civil do ex-rei Humberto em Cascais, e Diana Fitze Patrick, filha do comandante John P. Fitze Patrick, reprtsentante da Gulf Oil Corporation em Espanha e em Portugal — e que foi, durante a guerra, adido naval dos Estados Unidos em Lisboa.

Assistiram mais de 600 convidados, entre os quais os embaixadores de Portugal e e dos Estados Unidos e outras altas individualidades, além de numerosos portugueses, amigos das duas famílias. O Papa Paulo VI enviou sua benção aos noivos, tendo sido recebidos numerosos telegramas, muito dos quais de individualidade de destaque na vida portuguesa, nomeadamente de D. Maria Natália Rodrigues Thomaz, amiga da noiva.

ANTÓNIO MARIA NUNES

De visita ás novas instalações fabris da Covina, encontra-se em Lisboa, o sr. António Maria Nunes, gerente-delegado das firmas da Cristália, da Madeira e J. Farinha & C.ª, do Funchal.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

NOITE DE CINEMA: «A ÚLTIMA CAÇADA»

CERCA DAS 22 HORAS é apresentada a rubrica «Noite de Cinema» que exibe o filme de longa metragem «A Última Caçada» com Stwart Granger, Debra Paget e Robert Taylor. «A Últma Caçada» é um filme vibrante, passado entre caçadores de búfalos. Uma linda índia é o toque feminino, nesta história de homens rudes e animais selvagens...»

Segredos do Mar

PELAS 20 E 30 é exibido mais um documentário totalmente realizado por Helder Mendes que continua interessado pelos Segredos do Mar, com o brilhantismo já habitual. Neste documentário sobre o atum, a camara de Helder Mendes dá-nos imagens de grande interesse.

RECITAL

CERCA DAS 21 HORAS é transmitido um Recital da pianista Maria Teresa Paiva que interpreta a Sonata em Ré Menor, de Carlos Seixas e Sonata em Ré Maior K 311 de Mozart.

SÉRIE JUVENIL: «Gentle Ben»

AS AVENTURAS do Urso Ben prosseguem com o episódio intitulado «Um Troféu Valioso», com Dennis Wraver, Clint Howard e Beth Brickell, nos principais intérpretes.

Pelas 19 e 45, o Urso Ben, companheiro inseparável do Mark, quase é caçado por um milionário á procura de troféus...

Robert Taylor e outro dos intérpretes de «A grande caçada»

2.° PROGRAMA Expedição e Imagens da Poesia Europeia

EXPEDIÇÃO, com um documentário naturalista, cujo comentário é lido pelo novel Raul Durão, inicia a emissão independente do emissor de UHF, hoje totalmente preenchido por repetições enquanto não aparece a anunciada programação própria.

Segue-se «Imagens da Poesia Europeia» do dr. David Mourão Ferreira, subordinado ao tema «Despedida da Grécia».

A terminar, repete-se o filme de aventuras da série «Danger Man» com Patricia McGooman no papel de John Drake, o agente muito especial de Suas Majestades que investiga e desfinda o caso do agente secreto britânico Standfas.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 15: TV Social; 20 e 30: Segredos do Mar; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Noite de Cinema; 23 e 45: Marcha do Mundo; 23 e 55: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Expedição; 22 e 25: Imagens da Poesia Europeia; 22 e 45: «Danger Man»; 23 e 40: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

canal da crítica

NO ZIP-ZIP, A PALAVRA TEM A PALAVRA E ÀS VEZES VALE A PENA, PALAVRA DE HONRA

1) A BALADA FOI DE ABALADA

O «Zip-Zip» deve a sua popularidade, principalmente, a dois factores: o espectáculo da pessoa humana, considerada a palavra «espectáculo» no seu pior e melhor sentido, e a esperança de vir a tornar-se em fermento capaz de fazer levedar a música ligeira portuguesa. Existe um terceiro factor, chamado Solnado, que por demasiado evidente, se omite.

Pois essa tal possibilidade de fermento pràticamente desapareceu. O interesse demonstrado pelo programa em relação aos «baladistas» foi brutalmente cortado pelo Clodoaldo — e dificilmente se imagina que a medida terá de dever-se ao acaso. Deverá, antes, concluir-se que a ausência sistemática dos baladistas no «Zip-Zip» se baseia numa determinação, numa deliberação. Como se disse já que a balada é, musicalmente, pobre, quem sabe lá se «Zip-Zip», de um momento para o outro, não deseja mais colaborar no nosso empobrecimento...

2) APRENDER E ENSINAR

Ontem, o único apontamento cantado esteve a cargo de Duarte e Ciríaco. Para além das nítidas deficiências do dueto, subsiste uma boa intenção, uma vontade de fugir ao pântano do cançonetismo comercial. Eis o que, antes de mais, deve realçar-se.

A razão da segunda presença de Duarte e Ciríaco estava no aproveitamento por eles feito do folclore dos Açores. Demonstraram com uma canção. E o que se demonstrou? Demonstrou-se que a canção ligeira, a canção para consumo diário, a canção «self-service», pode criar raízes no folclore, mas não é o folclore, pelo menos não é o folclore superficial que geralmente se entende. A cantiga do «S. Macaio» pode inspirar a canção criada pelos duartes e ciríacos, mas em si mesmo, ela só, ela como foi interpretada ontem, duvido que venha alguma vez a ser cantada nas cidades onde se joga o destino da canção ligeira. O povo serve para aprendermos com ele, não para o macaquearmos ou para lhe devolvermos aquilo que ele canta melhor do que nós. O povo deve aprender de nós aquilo que nos ensinou. Criar para o povo significa fortalecer a sua consciência. É este o princípio que norteia o impulso das baladas.

Tenho a esperança de que Duarte e Ciríaco compreendam que, na arte, o importante consiste em fundir a nossa experiência vivida com a experiência capitalizada ao longo do tempo.

3) ZIP-MANETA

Tudo o mais, no «Zip-Zip» foi conversa: sugestiva na entrevista com o comandante Marcelino, que deu provas de ser bom piloto, pois na longa conversa nunca se desorientou, nunca se despistou, sempre dominou a situação. Notável, como esforço de arrancar as pessoas do tabu do medo aéreo...; dolorosa, na presença do lutador e duplo do cinema, dolorosa pelo que conteve de grande espectáculo da alienação; lamentável, desgraçadamente lamentável, no escancaramento da tristeza que foi toda a alegria do «Grande Othelo». Este, catalogado por Raul Solnado como «um dos maiores cómicos do Brasil» (quando se perderá este hábito do falabaratismo interesteleiro?) não conseguiu pôr, nas muitas palavras e gestos uma pedrinha de sal com graça. Tudo quanto fez, todas as caretas, todos os pulinhos, todos os guinchos sabiam a fel — aquele fel que existe em todas as tentativas para se lucrar com a desgraça própria — ou alheia. Certa dose de público foi não colaborador, mas colaboracionista, pois se deixou manejar pela batuta da grosseria e do mau gosto. Fica-se perplexo quando se pensa que o mesmo público, momentos antes, aplaudira algumas das palavras mais belas e mais úteis que jamais se ouviram na Televisão portuguesa: as de Calvet de Magalhães. Mas já lá vamos.

Resta-nos, para quase terminar o relatório Zip-Zip, dois momentos sem grande significado: o discurso sobre a guitarra, em que o único mérito foi ouvir o Nery e o Bagão, e a paródia ao «Maneta» feita por Solnado, paródia feita sobre o joelho, ocasião desperdiçada de criar nova figura para a galeria solnádica. E com o senão gra-

(Continua na página seguinte)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Cançonetas por Bobby Goldsboro; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Correiro da Costa — «Raminho de Manjericão»; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só Musica; 20: Diário sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 6.° Episódio do Folhetim «O Grande Industrial»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias em saxofone por Buddy Shank; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de Teatro Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Mariana Silva; 22 e 50: O Trompetista Jack Sheldon; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 10: «Seca» — (Comargo Guarnieri); 17: Discos raros — Interpretações do barítono Titta Ruffo — Obras Rossini, Leoncavalo, Ambroise Thomas; 17 e 27: Perspectivas da Produção para dois pianos; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditorio Juvenil), 19: Horizonte Literário, por Amando Cesar e Mário Antônio; 19 e 15: Duas Sonatas de Beethoven; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de Arco; Berceuse de Joceyn (Godard), 20 e 30: 2.° e 3.° Actos da Ópera «A Dama de Espadas», de Tchaikowsky, comentado por Maria Helena de Freitas; 22 e 42: Sonata N.° 12 em fá maior, K 332 (Mozart); 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.° Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica Portuguesa — Obras de Musica Religiosa do Século XVIII; 23 e 47: Musica Sintónica; 0 h.: O tenor Corneis Van Dyk e a Orquestra Sintónica da Rádio da Baviera, dirigida por Carl Michalski; 0 e 15: Ciclo «9 Sonatas» — «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s — Às 19 e 15: Teatro; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; E entre as 20 e as 21: Hoje convidámos...; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Musicalmente quase tudo... 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: Diário rural; 7 e 05: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C., 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia-a-dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 22 e 45: Musica tradicional e palestra religiosas; 22 e 30: Presença Coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 6: Radiorama; 18: Ecos de Espanha; 18 e 30: Terço e benção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Baladas portuguesas; 21 e 45: Melodias em voga; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada. 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa. 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamados musicais; 22: Auditório; 23:A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22: Clube Radiofónica de Portugal — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2

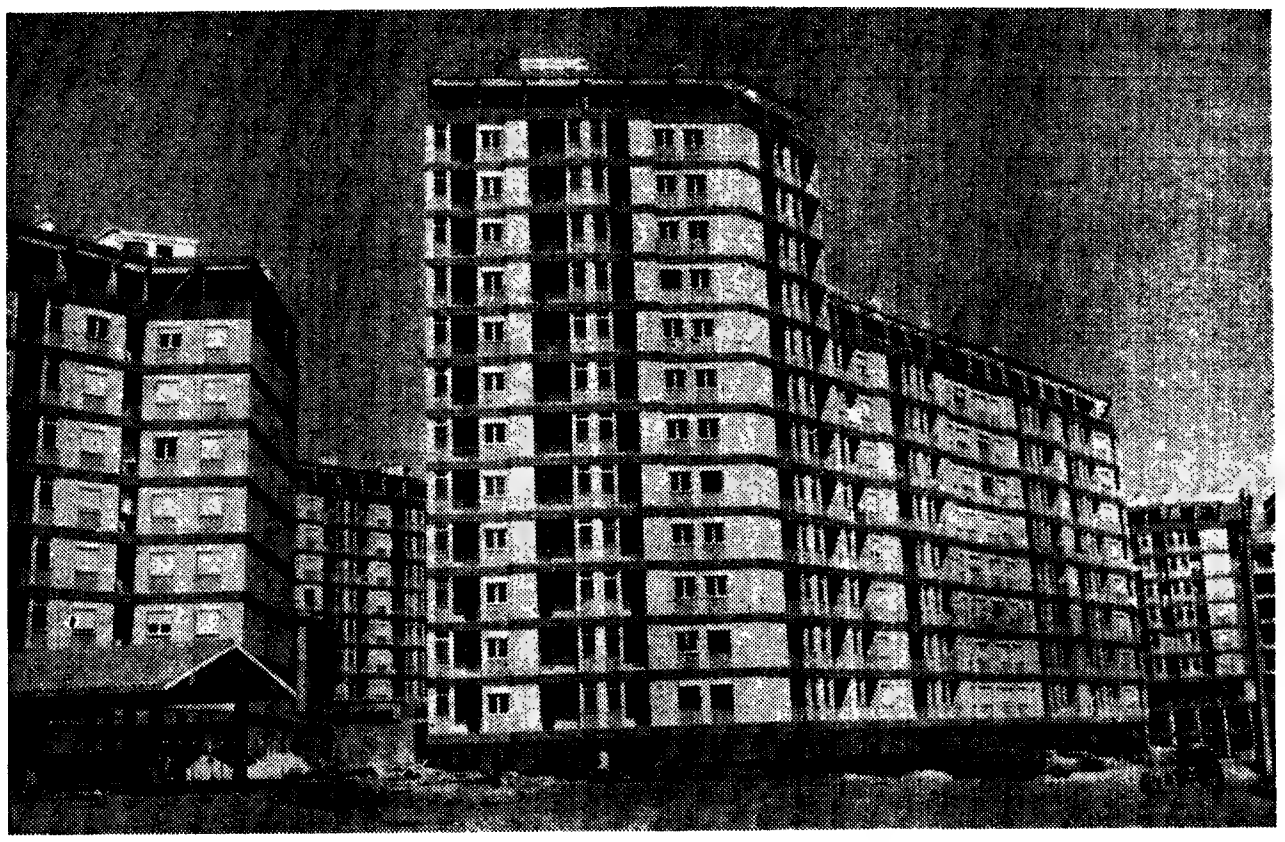
TEATRO DE ENSAIO FIMA-LEVER

O Teatro de Ensaio Fima-Lever, do Clube do Pessoal daquela firma, dá um espectáculo amanhã, no Trindade, pelas 21 e 30, com as peças «O Criado do Tavares», de André Brun, e «Funerais», de José Estêvão Sasportes. O espectáculo é repetido no dia imediato.

Sessão de cinema na Sociedade Piedense

O grupo «Divulgação do Bom Cinema», da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, promove na quinta-feira, ás 21 e 15, no salão da colectividade, mais uma sessão de cinema, que será preenchida com o filme «Belarminos», realizado por Fernando Lopes.

Os nossos clientes merecem o melhor



VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

por isso ao entrar na 3.ª Fase da Reboleira, multiplicámos os diversos tipos de andares e apartamentos, para poder oferecer aquele que corresponde aos seus desejos e necessidades

J. PIMENTA, S. A. R. L.

continua a assegurar-lhe um rendimento de 6 a 10% garantido de 6 a 18 anos, à escolha do cliente, por escritura pública.

180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)
Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esq. — Telefones 4 58 43 / 4 78 43 REBOLEIRA: Amadora — Serviço permanente — Telefone 93 36 70
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 / 22

Comunicados das Forças Armadas

EM ANGOLA

LUANDA, 7 — (A. N. I. e L.) — Tem a seguinte redacção o boletim informativo das Forças Armadas de Angola, relativo ao período de 21 a 27 de Setembro:

«As forças da ordem desenvolveram intensa actividade tanto em operações ofensivas como em protecção á actividade económica e ás populações, e prosseguiu nos trabalhos de beneficiação de itinerários, que atingiram elevado nível. Obtiveram resultados compensadores, capturando uma espingarda automática de origem chinesa, sete espingardas de repetição, quatro pistolas-metralhadoras, catorze granadas de morteiro de 60 mm, quatro centenas de cartuchos, duas minas antipessoal russas, um prato-base e um aparelho de pontaria de morteiro, e divero material. Provocaram 32 mortos aos bandoleiros. Por outro lado, á actividade terrorista foi sensívelmente idêntica á do período anterior, caracterizando-se, no Norte, por acções contra as nossas tropas, quer em operações, quer nos trabalhos de beneficiação e de protecção dos mesmos, e por acções contra civis; no Leste, embora tivesse diminuido em numero de acções á actividade orientou-se contra as populações, em reacção ás operações dirigidas pelas nossas tropas e por implantação de engenhos explosivos.

Discriminam-se as acções mais importantes: no Norte, região de Quibala, os terroristas atacaram a base de trabalhos da J. A. E. A., mas debandaram perante a reacção das nossas tropas, não se registando danos, e foi capturado diverso material. Perto da Beira Baixa, uma coluna de viaturas escoltada pela Guarda Rural/P.S.P.A. sofreu uma emboscada montada pelos facínoras, tendo-se registado baixas; na região de Zala, Nambuangongo e Canacassala as nossas tropas assaltaram e destruiram vários «acampamentos» de bandoleiros, fazendo muitos mortos e capturando armamento e material diverso. A noroeste de Quibaxe, o proprietário duma roça sofreu ferimentos ligeiros, vítima de ataques dos inimigos do povo. No Leste, região de Leua, os terroristas atacaram o aldeamento de Samaria, não se registando danos pessoais devido, fundamentalmente, á pronta e eficaz reacção das milícias e da população, que pôs os fratricidas em fuga; a sueste do Luso dez mulheres da regedoria de Chitari, que trabalhavam nas lavras, foram raptadas por um grupo de bandidos armados e levadas á força para local desconhecido. Também a sudoeste de Gazombo, os inimigos do povo raptaram quinze elementos da população, mas as nossas tropas, avisadas pela população, acorreram ao local, perseguiram o grupo e recuperaram treze dos elementos raptados, na região de Sessa, um grupo de bandoleiros roubou dez cabeças de gado e raptou três elementos da população. As nossas tropas perseguiram o grupo e conseguiram recuperar uma mulher.

Na região de Cazage, as nossas tropas emboscaram um grupo de bandoleiros, tendo-lhes causado baixas e capturado armamento. Nos itinerários Sandando - Forte Cameia, Calunda Cazombe e Lumai-Lutembo, foram accionadas minas anticarro, que causaram baixas. Na região de Lovua, foram detectadas e levantadas duas minas antipessoal, implantadas pelos inimigos. A sudoeste de Lumbala, as nossas tropas detectaram e perseguiram um grupo de bandoleiros e causaram um ferido, que abandonou a arma e conseguiu fugir. Em continuação da perseguição detectaram um acampamento, que foi assaltado e destruído. Os bandoleiros fugiram para a Zâmbia, registando-se a captura de mais armamento, granadas e munições. A oeste de Lumbala, em reconhecimento ofensivo, foi descoberto um grupo de bandoleiros, causadas baixas e capturado armamento e diverso material.

As nossas forças tiveram três mortos e 16 feridos em combate. Registaram-se ainda dois mortos nove feridos e 14 desaparecidos entre a população civil, vítima dos inimigos do povo.»

NA GUINÉ

— Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas da Guiné referente, ao período de 21 a 28 de Setembro com o seguinte teor:

«O inimigo flagelou os aquartelamentos de Guidage, Barro, Quilege, Gadamael, Porto, Cantre, Braia, Binar, Bissirá, Piche e Mansabá. Implantou engenhos e emboscou as nossas tropas nas regiões de Jugudul, Piosse, Jol, Galo, Cega, Cuntima, Poidom, Cussanja, Quenhaque e Bissorá.

Em resultdo das acções das nossas forças o inimigo sofreu, na região de Cussanja, dois mortos. No conjunto das acções, foi recuperado um elemento da população. Durante o período, o inimigo sofreu dois mortos. As nossas forças sofreram cinco mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pag anterior)

ve de transformar em apoteose um dos pormenores «tristes» do programa: a canção do «Grande Othelo».

4) O PRIMEIRO FOI O PRIMEIRO

Propositadamente guardei para o final a referência ao que de bom, de muito bom, aconteceu no «Zip-Zip»: a presença do prof. Calvet de Magalhães, director de uma realidade pedagógica que se chama Escola Preparatória Francisco Arruda.

Calvet de Magalhães contou-nos uma ínfima parte da sua experiência. Era impossível, aliás, dar conta, ainda que superficialmente, desse experiência riquíssima — a menos que «Zip-Zip» tivesse estabelecido o carro de exteriores na Escola Francisco Arruda e nos desse uma vista dos seus recreios, das suas salas, dos seus corredores, de tudo isso que é um museu vivo, um dos poucos museus vivos, existentes no nosso país; nos desse a vida, a organização, o espírito dos alunos e da variedade das suas ocupações, do seu enriquecimento humano; e nos desse o ginásio cheio de centenas de consciências despertes pela presença dos artistas, dos nossos artistas, de muitos que os meninos, um dia, se orgulharão de ter visto em carne e osso.

Sim, era imprescindível ter estado na «Francisco Arruda» para conhecer Calvet de Magalhães, para saber o que de melhor existe dele e o melhor que ele nos deu. No entanto, muitas palavras suas proferidas diante das camaras de televisão ficam nos espectadores, despertarão as consciências de muitos para a descoberta da criança e para adescoberta de si próprios. «Evitar os contínuos na missão de vigilantes disciplinares...» «As pessoas são inteligentes, o que acontece é que não lhes damos a oportunidade de manifestarem a sua inteligência» «*É preciso ter a coragem de educar...*» «*A criança tem de ser ensinada a orientar-se pela inteligência e não pela força...*» «*Só se pode entrar numa criança em termos de lealdade...*» *(Repugnam-me os denunciantes...*» «*O que torna a criança feliz é a exploração infatigável do seu espírito...*»

Repito: ouvimos, ontem, das mais saudáveis palavras jamais proferidas na Televisão portuguesa. A tal ponto que o grande espectáculo, ontem, não foi o cómico, nem o pitoresco, nem a musica: o grande espectáculo foi a verdade. Caramba, também havia de chegar ao «assunto sério» a sua vez de ser sensacional...

O que ficou na memória do telespectador não foi a girândola final: foi o gesto inicial. Da Bíblia se sabe que os ultimos serão o primeiros; do Zip-Zip se fica sabendo que os primeiros podem ser... os primeiros

MARIO CASTRIM

COMISSÃO DA CASA DE CABO VERDE

A comissão organizadora da Casa de Cabo Verde convida todos os cabo-verdianos, e demais interessados, a reunirem-se num jantar, na Casa do Alentejo, no dia 11. Nesta altura, serão informados das diligências levadas a efeito, até agora, para a criação da Casa de Cabo Verde, em Lisboa. Marcação e informações na Casa do Alentejo.

SENHORES CAÇADORES

A partir de agora a LINDE põe ao dispor de todos aqueles que se dedicam a este salutar desporto uma gama de doze congeladores diferentes e de várias capacidades.

Todos os senhores caçadores têm agora resolvido o problema da conservação das suas peças de caça, podendo guardá-las num congelador LINDE por tempo indeterminado e sem perigo de contaminação ou de deterioração.

Mediante uma mensalidade a partir de 102$50, sem fiador e sem entrada inicial, adquira hoje mesmo o seu congelador LINDE.

Peça uma demonstração à

Casa Vapedrone

54, Rua da Vitória, 56 Telef. 33323

17, Rua dos Fanqueiros, 19 Telef. 320376

Caminho-de-Ferro

LEILÃO

Em 13 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro, Lisboa), nos dias uteis, até ao dia 8 do corrente, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

UMA DECISÃO DA U. C. INTERNACIONAL

A VOLTA A PORTUGAL RISCADA DO MAPA DO CICLISMO EUROPEU?

• IDALINO DE FREITAS: «Poderemos retirar a prova do calendário internacional»

Várias deliberações se anunciam, como tomadas em Genebra, na recente reunião da União Internacional de Ciclismo e relacionadas com a duração das grandes competições ciclistas do calendário internacional.

Segundo as mesmas decisões as Voltas

IDALINO DE FREITAS

a França e a Itália não poderão exceder os 20 dias enquanto a Volta a Espanha não poderá alongar-se para além dos 16 dias. À Volta á Suiça foi concedido um período de 7 dias. Para todas as restantes provas por etapas foi fixado o limite máximo de 6 dias de duração.

Tal determinação iria (ou irá), desde já, afectar a organização de futuras Voltas a Portugal em bicicleta, uma vez que a nossa principal corrida se integra já no calendário internacional e a sua duração é, habitualmente, superior a quinze dias.

O carácter definitivo que rodeou a divulgação da notícia levou-nos a contactar Idalino de Freitas, presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo, que não pôde esconder a sua surpresa:

— Oficialmente, de nada tenho conhecimento. No entanto a decisão não pode ter carácter definitivo, uma vez que a mesma só pode ser tomada no próximo Congresso a realizar em 26 de Novembro. De resto, suponho, que se trate apenas de uma proposta da União Internacional de Ciclismo a apresentar naquela reunião e sujeita, portanto á necessária aprovação.

— *E se a mesma for aprovada pelo referido Congresso?*

— Não sei, exactamente, o que se poderá passar, até porque, repito, não tenho nenhum conhecimento oficial do assunto — *respondeu-nos Idalino de Freitas.* — Mas podemos até pensar em retirar a nossa Volta do calendário internacional. Penso, porém, que é prematura qualquer afirmação, pois ainda nada se sabe, efectivamente, ao nível da Federação

O dr. Silva Rocha proferiu ontem á noite, na sessão de abertura das classes de ginástica do Sporting, uma brilhante palestra subordinada ao tema «Estado, Nação, Educação e Desporto perante a revolução científico-técnica». A imagem regista o momento da entrega de uma lembrança ao prestigioso médico do Belenenses e da Selecção nacional

TAÇA DE PORTUGAL

MARCADOS PARA AMANHÃ OS JOGOS DE DESEMPATE

Estão marcados para amanhã os encontros de desempate referentes á segunda eliminatória da Taça de Portugal.

Os desafios que se realizam ás 16 horas são os seguintes: Salgueiros-Desportivo de Chaves; Beira-Mar-Vianense; Alba-União de Lamas; Sesimbra-Desportivo de Beja; Casa Pia-Silves e Portimonense-União de Leiria.

Hóquei em Patins

O BENFICA VENCEU (5-2) O SPORTING

Benfica e Sporting defrontaram-se ontem á noite em hóquei em patins, em jogo a contar para o Campeonato Regional da 1.ª Divisão.

O encontro que se realizou no Estádio da Luz, terminou com a vitória dos «encarnados», por 5-2.

Nos restantes desafios que completaram a jornada observaram-se os seguintes resultados: Física-Oeiras, 3-6; Salesiana-Cascais, 2-1; Campo de Ourique-Belenenses, 3-1; Parede-C. U. F., 2-3 e Sintra-Paço de Arcos, 1-5.

Em reservas: Física-Oeiras, 3 S; Salesiana - Cascais, 1-2; C. Ourique-Belenenses, 4-4; Sintra - P Arcos, 5-2; Benfica-Sporting, 10-1.

QUATRO A QUATRO POR VONTADE DE UM

Noticiaram as agências. Quatro equipas portuguesas defrontarão adversários ingleses na próxima eliminatória da «Taça das Feiras». Mas há mais: também quatro conjuntos italianos terão de haver-se com antagonistas alemães. Assim, aos pares, como os frades...

E tudo isto porquê? Porque um Aga Kan do futebol que ninguém se atreve a conteetar, na «alta roda» da bola decidiu pôr em prática as suas «habilidades», quando da efectivação do sorteio apoiado na subserviência dos seus colaboradores, para que os ingleses se não degladiassem.

E, Claro, todos vamos ficar muito contentes, porque vamos competir com os «mestres» com os campeões do mundo. E quando o tal «sir» prestidigitador vier por cá, lá teremos a nossa Federação a oferecer-lhe jantares e passeatas.

Antes disso, porem, talvez não fosse despropositado um protestozinho, (ainda que inutil) até para mostrar que os terceiros do «Mundial» também têm voz para se fazer ouvir mesmo nos areópagos da bola

Já é tempo de dizer ao tal «sir» que o tempo do «posso, quero e mando» está cada vez mais ultrapassado.

E. V.

«MUNDIAL» DE «SNIPES» EM LUANDA

Continua a despertar o maior interesse a disputa do Campeonato Mundial de «Snipes» que se realizará em Luanda nos dias 24 e 25 do corrente.

Foi elaborado um amplo programa social, de recepção aos velejadores participantes e estão já inscritos representações dos seguintes países: Jugoslávia, Argentina, Bahamas, Bélgica, Bermuda, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, Dinamarca, Inglaterra, Finlândia, França, Itália, Japão, Noruega, Paraguai, Polónia, Porto Rico, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia e a África do Sul, que até hoje não praticava esta modalidade, organizou uma representação, propositadamente para poder tomar parte neste campeonato.

A medição das embarcações está marcada para o dia 24, realizando-se nessa mesma tarde a primeira regata do campeonato e no dia seguinte as duas restantes.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

O TOTOBOLA CONFIA NA SELECÇÃO NACIONAL

A selecção nacional de futebol joga em Bucareste, no próximo domingo, o seu penúltimo jogo na fase de apuramento para o Campeonato do Mundo. Em caso de vitória neste Roménia-Portugal abrem-se boas perspectivas para a qualificação da equipa portuguesa, que teria fortes possibilidades de estar presente no México se triunfasse igualmente no último jogo, a disputar no dia 2 de Novembro: Suíça-Portugal.

Assim, e no louvável intento de defender ao máximo as possibilidades da selecção nacional, resolveu a F. P. F. que não se realizem jogos dos campeonatos nacionais no domingo anterior (26 de Outubro) NO CASO DE A SELECÇÃO PORTUGUESA VENCER A DA ROMÉNIA no próximo dia 12.

Por tal motivo, e atendendo à necessidade de imprimir os boletins do Totobola com certa antecedência, a administração das APOSTAS MÚTUAS DESPORTIVAS confiante no êxito do futebol português, espera que esse desejável adiamento se confirme.

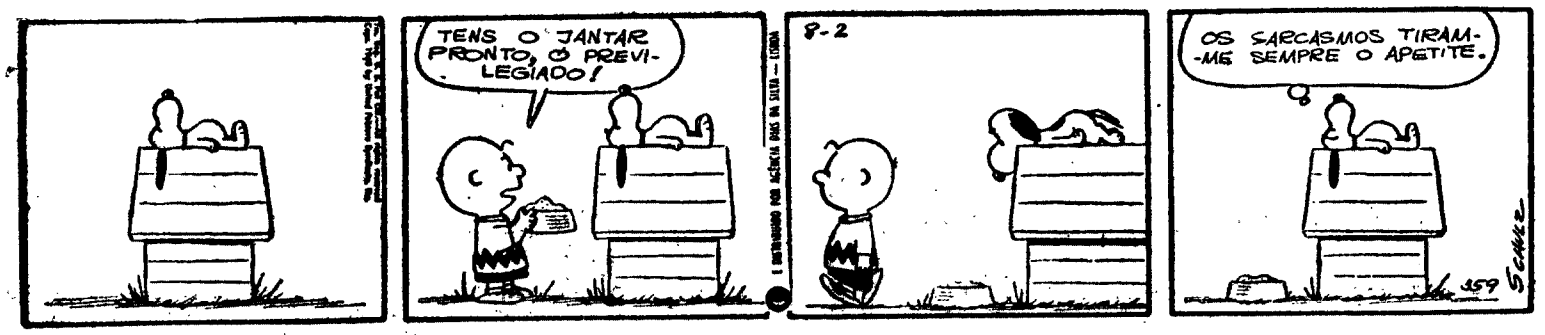
Em consequência deste facto, há que prever a interrupção das provas nacionais e o 8.º concurso da 9.ª época do TOTOBOLA englobará jogos dos campeonatos de Espanha e Itália, competições que os concorrentes habituais já bem conhecem.

1969

Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa

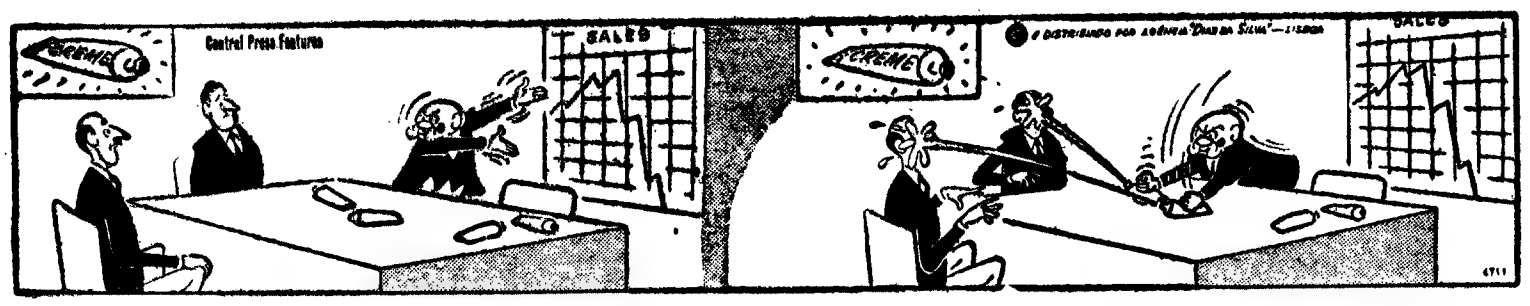
AMANHÃ
Prova N.º 7 — «BANCO TOTTA-ALIANÇA»
A prova inicia-se às 13 horas
QUINTA-FEIRA — Dia 9
Prova N.º 8 — «VARIG» — CAÇA
Prova N.º 9 — «TURF CLUB» — GRANDE PRÉMIO DE LISBOA
Estas provas são das mais duras impostas aos concorrentes, caracterizando-se pela emoção e espectacularidade. — Começam às 12 h. 30 m. e 15 h. 30 m. respectivamente.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Outubro de 1939 publicava:

«BERLIM, 7 — Ribbentrop concedeu uma entrevista a um jornal japonês, em que declarou a sua satisfação pela assinatura dos acordos de Moscovo. Afirmou que estes acordos devem concorrer para o restabelecimento da paz na Europa oriental.

— A Alemanha e a U. R. S. S. declaram juntas que a Inglaterra e a França têm de tomar uma decisão: a paz ou a guerra.

Acrescentou que a Alemanha continua pronta a estabelecer a paz, mas que as potências ocidentais têm de se decidir rápidamente.

Terminou por dizer que o Reich vê com simpatia a aproximação russo-japonesa e fará todos os esforços para que o Japão e a Rússia estabeleçam boas relações.»

AUTOMÓVEIS
S/ CONDUTOR
AUTO ESTRELA
Os melhores preços
Av. João Crisóstomo, 65-A
Telefs. 534331 · 561394
LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE A TRANSISTORS
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º
Telef. 43464 — LISBOA

Palavras cruzadas

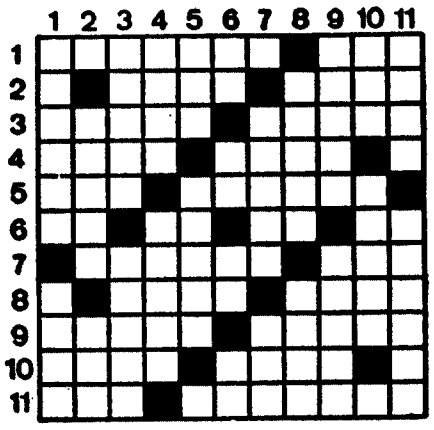
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5320

HORIZONTAIS: 1 — Homens sem dignidade. Colorido. 2 — Nome de um jogo. Homem sanguinário. 3 — Agradecida. Palmeiras da Amazónia. 4 — Freguesia do concelho de Barcelos. Mil quinhentos e quatro em romano. 5 — Nome de um rio. Lavrou. 6 — Lago (Inv.º). Viração. Compaixão. Reis. 7 — Dê ordens. Negativa. 8 — Numeral. Dá ganidos. 9 — Realiza. Trabalho. 10 — Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Freguesia do concelho de Castelo Branco. 11 — Agora. Fanáticos.

VERTICAIS: 1 — Núncio pontifício. Animal carnívoro semelhante a um cão. 2 — Poeta e gramático grego, nascido em Creta, autor de poemas místicos. Igual. 3 — Brilhante. Ratara. 4 — Macaco americano. Acrescentara. 5 — Sufixo que designa pequenez. Fenda. 6 — O sono dos crianças. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Laço. Ruim. 7 — Velhice. Pátria. 8 — Manha. Grampo. 9 — Ilha dos Açores. Relativo á navegação. 10 — Vaso para vinho. Nome de um planeta. 11 — Nome de flor. Costumaras.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5319

HORIZONTAIS: 1 — Sa VERDE. Mi. 2 — Andar. Iscas. 3 — Ruela. Apago. 4 — Ririem. Sinal. 5 — É. As. Ás. O. 6 — Am. Que. At. 7 — Ar. Puira. Rs. 8 — Barre. Aarão. 9 — Adie. O. Lume. 10 — NÃO. MMV. Mar. 11 — Asses. Elara.

VERTICAIS: 1 — Sarre. Abana. 2 — Anui. Aradas. 3 — Deram. Rios. 4 — Vales. Pré. 5 — Eram. Que. Ms. 6 — Mui. Om. 7 — Dias. Era. Vê. 8 — Espia. Aal. 9 — Cansa. Ruma. 10 — Maga. Tramar. 11 — Isolo. Soera.

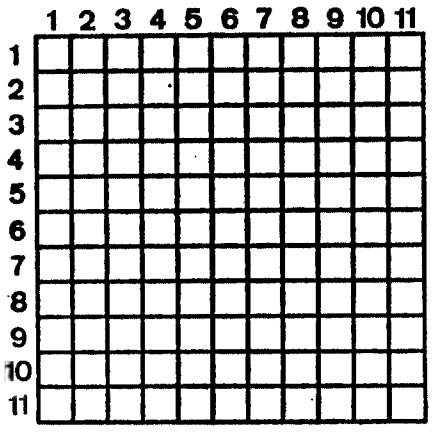
Provérbio: VERDE É O QUE O LUME NÃO VÊ

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9163

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de França. Cercam de muros. 2 — Prepara com mirra. Joeira. 3 — Prefixo de negação. Casa onde se guarda o vinho e outras bebidas. Sufixo que designa estado. 4 — Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Gavinha. Vai para fora. 5 — Trigueira. Colocará. 6 — Cincho. Forma apocopada e proclítica de vale. 7 — Mulher que não fala. Articulação que permite movimentos em todos os sentidos (Mecan.). 8 — Anel. Preposição. Ferro temperado. 9 — Basta. Nome de várias plantas geralmente forraginosas. 10 — Espaço de doze meses. Dar ganidos. 11 — Bebedeira (Pop.). Aleia.

VERTICAIS: 1 — Vendem a crédito. Assassinar. 2 — Extremidade do braço. Nome de um planeta. 3 — Artigo indefinido. Utensílio para lavrar a terra. Artigo definido. 4 — Camareira. Estava. 5 — Mando. Remuneração. 6 — Espécie de rã. Louça para serviço de mesa. 7 — Feiticeiro. Mulher da beira-mar entre Aveiro e o Porto. 8 — Semelhante. Uma milhar. 9 — Estrépito de desmoronamento. Une com solda. Nota musical. 10 — Levar á sirga. Mau cheiro. 11 — Nome de mulher. Mulher do filho em relação aos pais dele.

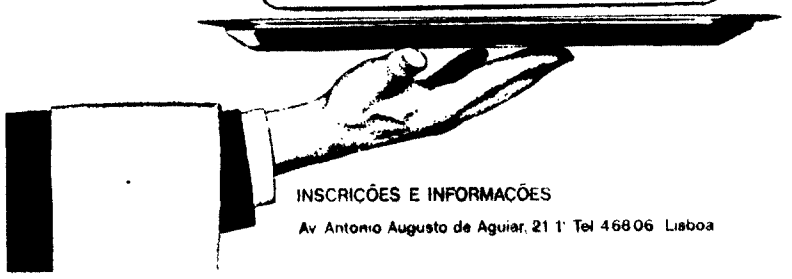


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9162

HORIZONTAIS: 1 — Faria. Berna. 2 — Riem. Miar. 3 — Ari. Sic. Are. 4 — Go. Lavam. Rã. 5 — Assar. Renal. 6 — Aira. Piam. 7 — Mês. Aar. 8 — Anãs. Siva. 9 — Rio. Fão. Zás. 10 — Dó. Piora. Sa. 11 — Astro. Oiros.

VERTICAIS: 1 — Fraga. Cardo. 2 — Airoso. Nios. 3 — Rei. Simão. 4 — Im. Lares. Pr. 5 — Saras. Fio. 6 — MIV. Cão. 7 — Campa. Oro. 8 — Em. Meias. Aí. 9 — Ria. Nariz. 10 — Narram. Vaso. 11 — Areal. Casas.

escola de hotelaria alexandre d'almeida LISBOA
CURSOS
PARA UM FUTURO MELHOR
CURSOS DE HOTELARIA: COZINHA • MESA
GOVERNANTAS DE ANDARES • RECEPÇÃO
ECONOMATO • DIRECÇÃO HOTELEIRA
(APERFEIÇOAMENTO) • CURSOS DE TURISMO (APERFEIÇOAMENTO)



INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
Av. António Augusto de Aguiar, 21 1º Tel 46806 Lisboa

sonarte-Emi

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — UM LUGAR PARA AMAR — MONUMENTAL — O MOTIM — EDEN

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 21.30
SENSACIONAL ESTREIA
Fane Dunaway e Marcello Mastroianni
Longe do mundo, longe de todos, tudo fizeram em nome do amor!
UM LUGAR PARA AMAR

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
A última obra de CLAUDE CHABROL
A MULHER INFIEL
com Stephan Audran (a mulher), Michel Bouquet (o marido), e Maurice Ronet (o outro).

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
A INAUGURAR A NOVA TEMPORADA
O DIABO À SOLTA
com Yves Montand — Maria Schell
Um filme de Philipe de Broca

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

CHIADO TERRASSE
(Adultos) Às 15 e 21 h.
COLORIDO
A PISCINA
ESCOLA DE BEM GOZAR A VIDA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 21.30 h.
O MUNDO DE SUZIE WONG
William Holden, Nancy Kwan

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
ROMEU E JULIETA
Complementos escolhidos

EDEN
(Adultos) Tel. 820768
Às 21.45 ESTREIA
COLOR
(Veja anúncio especial)
Jim Brown e Gene Hackman em
O MOTIM

Às 18.30 — última exibição
O LIVRO DA SELVA
(M. 6 anos)

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-Picot

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

AVIS
Tel. 47163
Às 21.45
(M. 12 ANOS)
UM ÊXITO EM 5.ª SEMANA
O ÁS DO PEDAL
— ULTIMOS DIAS —
Divertidíssima comédia com BOURVIL
Franscope — Eastmancolor

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 32 63 05
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
ÚLTIMOS DIAS!
COMISSARIO X 3 PANTERAS AZUIS
com Tony Kendall e Brad Harris
Mais aventuras... Mais mulheres... Mais acção... Mais «suspenses»...
Eastmancolor

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 h.
VIVER, AMAR, MORRER COM JEITO VAI CLEÓPATRA

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595
3.ª semana de gargalhada
Às 3, 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite.
UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA SEM FIM!
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNÈS

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
UMA ADMIRÁVEL NOVIDADE EM «HUMOR NEGRO»
OS VINGADORES
(Aventuras de Steed e Peel)
com o famoso par da televisão Patrick Magnee e Diana Rigg
Tecnicolor

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de FRANCESCO MASSELI segundo o romance de ALBERTO MORAVIA
OS INDIFERENTES
c/ Claudia Cardinale, Rod Steiger e Shelley Winters

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
CLAUDIA CARDINALE e ROD STEIGER em
OS INDIFERENTES
um filme de Francesco Masseli

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
EM 3.ª SEMANA
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
ROMY SCHNEIDER
ainda mais bela e atraente... ensina a TOM COURTENAY alguns «truques» de profissão...
ESPIÃO POR ACIDENTE

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um filme dramático de excelente interpretação e forte realismo
A VIDA É UM JOGO
c/ Paul Newman e Piper Laurie

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 17 anos)
BARBRA STREISAND
na Superprodução em 70 m/m
FUNNY GIRL
UMA RAPARIGA ENDIABRADA

LUMIAR
C. Carriche Tel. 791574
Às 21.30 h. (M. 17 anos)
A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS
c/ Jean Gabin, Dany Carrel e Louis Seigner
Um policial do mais alto nível

GRANDIOSA CORRIDA NOCTURNA

M/12 ANOS HOJE ÀS 21.45

FRANCA VILA DE XIRA

CAVALEIROS — A PARELHA DOS EXITOS
MESTRE BATISTA - L. MIGUEL DA VEIGA
ESPADAS — OS DOIS NOTAVEIS MATADORES
JOSÉ JÚLIO - JOSÉ FALCÃO
FORCADOS — OS VALOROSOS
AMADORES DE LISBOA
COMANDADOS POR NUNO SALVAÇÃO BARRETO
4 TOIROS DE FRANCISCO DE GOES
4 TOIROS DE JOSÉ S. LUPI

AMANHÃ, DIA 8 — ÀS 21.45 M/ 12 ANOS
UM GRANDE FESTIVAL DE HOMENAGEM AOS CAMPINOS DO RIBATEJO

TRANSPORTES ASSEGURADOS PARA VOLTA A LISBOA

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional».

TEATROS

VILLARET — Às 21 e 23: «Amor às riscas» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e às 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23: «Esperteza Saloia» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Ena, já falo» (17 anos).

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Ânsia de amar» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 21 h.: «O Conde sinistro» (17 anos).
ARCO-ÍRIS — Às 21 h.: «Adivinha quem vem jantar» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21 h.: Amor louco amor» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21 h.: «As duas faces do perigo» (12 anos).
PARIS — Às 21 h.: «Romeu e Julieta» (17 anos).

● **Linha de Cascais**

PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Diamantes ao pequeno almoço» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Uma carreira sensacional» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O mundo de Suzie Wong» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Homens desesperados» (17 anos).

● **Outra Banda**

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Quando tu não estás» (12 anos).
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Desafio a Robin dos Bosques» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «O Bom Gigante» (12 anos)

● **Linha de Sintra**

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «A caminho do Oregon» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O salto» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Roubaram a Gioconda» e «Manobra de salas» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O roubo da Pietá».
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Champanhe escandaloso» (17 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● **Em Lisboa — Turno H**

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro 17 (633288) ● Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALVALADE — Alvalade, Av. do Igreja 18-A (712070) ● Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (700465) ● Ideal Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ● Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Agua (710131).
ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ANJOS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841122) ● São José, R. dos Anjos, 41 (50730).
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale 53 (842152).
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (724941) ● Onildo, Av. João XXI, 3-A (726848).
ARROIOS — Oriental de Lisboa Rua de Arroios, 215 (45079).
AVENIDAS NOVAS — Miranda, C. Pequeno, 356-B-C (770776) ● Sagres, Av Luís Bivar, 69-71 (47213) ● Cordeiro, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495) ● Cosmos, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) ● Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (44158).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B-7, à Rua Marquês de Olhão, (383800).
BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Portas de St. Antão, 86 (32121) ● Unifa, R. do Vitória, 21 (323793).
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM, 3 (610256).
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica, 678-E (702532) ● Sousa, Est. Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) ● Ivone, Lda., R. Silva Carvalho, 232-C (650760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R General Taborda, 17 (680204).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181).
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C de Redondo, 9-A (533411).
ESTRELA e LAPA — Paivas & Parente, R. de St. António à Estrela, 96-98 (665196) ● S. A. E. Silvas, Filhos, R. de S. João da Mata, 74 (661010).
GRAÇA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).
LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ● S. Tomé, Est.ª do Desvio, lote 12-C (790704)
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612).
MOURARIA — Tavares, R. da Palma 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade V. a Cabral (ex-Rua B, 4 Lote 43 zona poente (310026) São Paulo — Rua 2 Lote 823 (à Estrada de Moscavide) (Tel 310711).
PENHA DE FRANÇA — Zional, R. Morais Soares, 56-C (847708).
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua do Beneficência 9 (773728).
RESTELO — Tanara — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo—próximo dos Moinhos). Telefone: 611814
S. BENTO — Silva Santos, R. da Esc Politécnica, 82-A (660280) ● São Bento, R. dos Paiais de S Bento, 73 (679673).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (843439) ● Martins, Lda., R. Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (258520)

● **Linha de Cascais**

ALGÉS — Almeida Nifö, Avenida Comb. G. Guerra, 64 (212070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (2471054).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel 261186).
MONTE ESTORIL — Lopes — R. Houfar, (Tel 260008).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel 280078); A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

● **Linha de Sintra**

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) ● Campos, Rua Elias Garcia, 185 (930072) ● Clobel, R. António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970528).
QUELUZ — André — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av Miguel Bombarda, 123-A (Tel 951841).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia — Lg. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391).
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel 933920).
COLARES — Abreu (299088)

● **Outra Banda**

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (22 40 40).
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão 21-A (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 74 (Tel. 224302).
BARREIRO — Normal, Av. Alfredo da Silva, 6 (2273035)
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal, (274365)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 6 (23 90 29)
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel 230008).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETÚBAL — Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (22248) — Saião — Av. Portela (Tel. 22709)
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 51 (22 85 80

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861...
● Companhias Reunidas, 5370... ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla idem e feriados, 3820...
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ● Voluntários, 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 866141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 ● 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 530758

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Crianças deficientes motoras vão ter um novo Centro de Reeducação (no Lumiar)

AVIAO NA CABEÇA — A estreia de «A batalha de Inglaterra», superprodução baseada em episódios da ultima guerra mundial, sugeriu á moda inglesa algumas ideias destinadas a serem a coqueluche desta estação. Por exemplo: o chapéu-avião de Raymond, famoso estilista de Brampton Road

Directores e sócios da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral e o dr. Reimão Pinto, chefe da secção de Beneficiência da Fundação Gulbenkian, representando o dr. Azeredo Perdigão, visitaram hoje as obras em curso para um novo centro de recuperação de crianças diminuídas motoras que começará a funcionar, provávelmente, em Maio do próximo ano e cuja construção, de uma área coberta de 3 mil metros, piscina e aviários orça pelos 9 mil contos, estando o equipamento calculado para dois mil contos.

A obra, da autoria do arquitecto Palma de Melo, tem uma configuração hexagonal modernissima, de modo a integrar-se na urbanização da área onde foi construída — Quinta das Mouras, ao Lumiar.

Na visita de hoje, que terminou com um almoço em que participaram os visitantes e o pessoal da obra, comemorou-se o bater do pau-de-fileira.

Estiveram presentes tambem, a directora clínica da Associação, dr.ª Maria da Graça de Campos Andrade, e o presidente da direcção dr. Nuno Belmar da Costa.

O centro funcionará com pessoal técnico num total de 25 pessoas, incluindo quatro médicos responsáveis em regime de «part-time» e terá capacidade para 70 crianças deficientes motoras.

A obra engloba os serviços de consulta, de tratamento (que se subdivide em psicologia, testes, fisioterapia, ginásio, piscina, etc.), escola primária até á 6.ª classe, serviços admnistrativos e serviços de apoio, nos quais se inclui o refeitório e aviários.

Os onze mil contos, total a despender com o novo centro, são totalmente cobertos pela Fundação Gulbenkian.

A paralisia cerebral é a causa mais frequente das deficiências motoras na infancia. Segundo uma informação desta associação, haverá cerca de 15 mil casos destes no nosso País.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco ou moderado, predominando de Leste

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE —Máxima. Régua, 28°; mínima: Penhas da Saude, 9°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 19°; Penhas Douradas, 13°; Lisboa, 20°; Coimbra, 22°; Portalegre, 19°; Faro 22°; e Funchal 20

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 21°; na água do mar: 17°,2

PREVISAO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHA

Céu geralmente limpo; vento fraco a moderado do quadrante Leste.

Amanhã:
Nascer ás 7 e 39
Ocaso ás 19 e 10

Dia 11 Dia 18 Dia 25 Dia 2

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 7** — 1 e 43 (3,3 m); 13 e 55 (3,6 m) **Dia 8** — 2 e 24 (3,5 m); 14 e 36 (3,8 m). **Dia 9** — 2 e 58 (3,7 m); 15 e 10 (3,9 m). BAIXA-MAR: **Dia 7** — 7 e 20 (1,8 m); 19 e 52 (1,5 m). **Dia 8** — 7 e 58 (1,5 m); 20 e 25 (1,3 m). **Dia 9** — 8 e 33 (1,3 m); 20 e 58 (1,1 m).

Inaugurado em Aveiro o bloco escolar das Areias

AVEIRO, 7 — Num terreno doado pelo aveirense sr. António Osório de Almeida, a Camara Municipal mandou edificar, como dissemos, um bloco escolar, com seis salas de aulas cantina e amplo recreio, denominado Escola dos Areais, lugar aqui a dois passos da cidade e que serve a crianças de um já importante aglomerado urbano, o qual, e só daquele dinamico e benemérito comerciante aveirense inclui 47 moradias, cujas rendas rondam entre 360$00 e 500$00 mensais.

O magnífico bloco escolar dos melhores que temos visto, já funcionou no ano lectivo findo, mas só agora — acabadas completamente as obras que totalizaram, com o mobiliário, 1600 contos — pôde ser inaugurado.

Presentes no festivo acto, que muito alegrou os moradores do lugar, o governador civil, presidentes da Junta Distrital e da Camara, representante da Direcção Escolar e outras entidades civis e militares.

O bispo da diocese benzeu o edifício e o chefe do distrito descerrou uma lápida, seguindo-se a visita ao bloco. Depois, as referidas entidades percorreram todo o lugar, saudadas pelos moradores que lançaram das janelas papelinhos e flores.

Foi-lhes oferecido pelo sr. António Osório de Almeida um jantar durante o qual usaram da palavra aquele benemérito, que acentuou a sua linha de rumo repartir com os outros o que conseguiu amealhar. Referindo-se ás faltas que o bairro apresenta, disse esperar que tudo seja solucionado, pois «aqui também é Aveiro e Aveiro também é uma parcela da Nação!»

O presidente da Camara fez ampla resenha da actividade municipal no capítulo escolar, e disse que, ainda no presente ano, outros blocos escolares hão-de começar a funcionar, acrescentando:

— Será íntimo prazer para mim, quando abandonar a Camara, sentir o problema escolar de Aveiro resolvido!

Para agradecer o esforço camarário em prol do ensino primário, falou o sr. professor Francisco Lavado Corujo, da Direcção Escolar. Por ultimo, falou o sr. dr. Francisco do Valle Guimarães, chefe do distrito de Aveiro

Foi preso o estrangeiro que fugiu depois de um atropelamento

BRAGA, 7 — Foi preso, pela G. N. R., Amssoms Raymond, de Villwordeen, que, no dia 3, atropelara a jovem empregada de balcão, Maria Augusta Pires, de 19 anos, na Rua da Restauração no Porto, pondo-se em fuga. O veículo foi, depois, descoberto pela Polícia, abandonado na Avenida Marechal Gomes da Costa, sem a placa de identificação.

Aquele estrangeiro foi aqui preso por ter roubado o automóvel do comandante da G. N. R. e apurou-se ter ele sido o autor do referido atropelamento.

REDE TELEFÓNICA AUTOMÁTICA

Foi alterado de 06 para 006, desde a madrugada de hoje, o indicativo telefónico do grupo de redes de Évora (para os assinantes de Lisboa).

Inauguração do terminal marítimo de Leixões

Amanhã, como noticiámos, o Chefe do Estado preside, no porto de Leixões, á inauguração do terminal marítimo para petroleiros. Às 11 horas, o sr. almirante Américo Thomaz visita a refinaria da Sacor, após o que decorrerá o almoço. A sessão solene da inauguração efectuar-se-á ás 15 e 30, seguindo-se uma recepção na estação de passageiros do porto de Leixões, em Leça da Palmeira.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156. s/L (unico no género).

Trânsito cortado na Rua do Salvador

Foi esta manhã cortado todo o transito na Rua do Salvador, ás Escolas Gerais, onde cerca da meia-noite abateu a empena do prédio n.º 91, arruinado de longa data e já parcialmente evacuado por diligência conjunta da P. S. P. e dos Sapadores Bombeiros.

Segundo informação colhida na 7.ª Esquadra da P. S. P., alguns inquilinos ainda coservam ali mobília. Entretanto o transito automóvel, condicionado a metade da via, acabou por ser totalmente suspenso, fazendo-se agora pela Calçada do Menino Deus. Também desde há dias que os eléctricos deixaram de pessar na Rua do Salvador. Seguir-se-á provávelmente a demolição do prédio.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceu, em combate, na província de Moçambique o alferes miliciano n.º 07685564, Nelson Nogueira Lebres, natural de Vila Real, filho de Domingos Lebres e de Maria Emília Alves Moreira Lebres.

Também faleceu na província da Guiné o soldado n.º 17975468, Carlos Manuel Monteiro Canário, natural de Tremez (Santarém), filho de Joaquim José Canário e de Etelvina Glória Montês.

Invulgar interesse pela VII Exposição Filatélica Nacional em Coimbra

COIMBRA, 7 — A VII Exposição Filatélica Nacional «Aemipex-69», que, em Novembro será patente nesta cidade, por iniciativa da Secção Filatélica da Associação Académico de Coimbra, está a despertar desusado interesse entre os filatelistas nacionais e de muitos países, que aqui vêm especialmente para admirar o valioso certame.

Esta iniciativa sem duvida das mais importantes que no género se tem efectivado no nosso País, tem o patrocínio da Federação Portuguesa de Filatelia, dos Ministérios da Educação, das Comunicações, do Ultramar e do Interior, da Camara Municipal de Coimbra, do Banco Fonsecas & Burnay e da Sociedade Central de Cervejas e será regida pelo regulamento da F. P. F. e pelo Regulamento Internacional das colecções temáticas e das colecções de finalidade de emissão e de assunto e pelo Regulamento Internacional das Colecções de Classe Juventude.

Algumas colecções começaram a chegar a Coimbra, mas pode, no entanto, a sua apresentação ser feita aqui, até 10 de Novembro.

Como já dissemos, as inscrições provisórias foram encerradas em 15 de Agosto findo e as definitivas devem dar entrada na secretaria até o dia 30 do corrente.

O juri será constituído por três grupos, os quais actuarão independentemente, constituídos por especialistas dos diversos ramos abrangidos na Classe de Competição e nomeados pela comissão executiva.

WILLY BRANDT (ao centro) e Walter Scheel (á esquerda) «leaders», respectivamente, do Partido Social-Democrático e do Partido Democrata-Livre, quando recentemente se encontraram com o presidente da R. F. A., Gustav Heinemann, a fim de lhe participarem as suas intenções de formarem um novo Governo de coligação. Brandt chefiará o novo gabinete alemão ocidental e Scheel terá a seu cargo a pasta dos Negócios Estrangeiros

De vez em quando

Quem entra em Portugal pelo Caia para se dirigir a Lisboa fica agradàvelmente surpreendido com a boa qualidade da estrada, depois de se mortificar pelos asfaltos descuidados da zona ocidental de Espanha. Mas, não há bela sem senão. Depois de rodar duas centenas de quilómetros, sempre bem guiado pela série de indicações colocadas junto dos cruzamentos, o automobilista chega perto de Porto Alto e depara com três setas, duas apontadas à esquerda, com as inscrições Setúbal e Lisboa, e outra à direita, com Vila Franca de Xira. Quem desconheça a região deixar-se-á seguir pelas setas e, para chegar até à Capital, será obrigado a fazer um bom par de quilómetros a mais do que se viesse por Vila Franca, além de utilizar pior estrada e ter, no final, que pagar a portagem da ponte sobre o Tejo. Fico a pensar que o senão é intencional e, sendo assim, justifica «duas palmatoadas» na Junta Autónoma de Estradas.

V. D.

A evolução para o socialismo pode ser gradual

—afirmou o dr. Mário Soares na sessão da C. E. U. D. de Lisboa

«Não propomos soluções inviáveis e rejeitamos a teoria do quanto pior melhor», disse o dr. Mário Soares, na sessão ontem promovida pela C. E. U. D. de Lisboa no Teatro Vasco Santana, perante cerca de sete centenas de democratas, que enchiam por completo a sala.

«Entendemos que a evolução para o socialismo pode ser gradual e que devemos aproveitar todos os caminhos», acrescentou, afirmando que existem as condições legais para que *«se as eleições fossem livres, pudéssemos instalar na Assembleia Nacional uma maioria democrática»*, aproveitando, depois, o facto de ser constituinte a próxima legislatura, para introduzir alterações na Constituição.

Durante a sessão, presidida pelo sr. dr. Gustavo Soromenho, ladeado pela sr.ª D. Berta Mendes (viúva do escritor Manuel Mendes) e pelo sr. arquitecto Keil do Amaral, usaram da palavra os candidatos D. Etelvina Lopes de Almeida, arquitecto Mário Bruxelas, dr. Francisco de Sousa Tavares, e, por fim, o dr. Mário Soares. Os ora-

(Cotinua na pág. 10.ª)

Quando discursava Etelvina Lopes de Almeida

Liberdade para todos os que nascemos nesta terra

—pediu-se na sessão democrática em Tomar

TOMAR, 7 — Mais de mil pessoas, entre as quais muitas senhoras, assistiram ontem á noite, no cine-teatro desta cidade, á primeira sessão de propaganda eleitoral dos candidatos oposicionistas do distrito de Santarém.

Presidiu á sessão o sr. João da Guia Ferraz, velho democrata e antigo comerciante e, a começar, o dr. José de Oliveira Baptista Filho apresentou a candidata D. Maria Barroso cuja biografia traçou, assim como a dos restantes candidatos.

Usou da palavra, em primeiro lugar, a candidata D. Maria Barroso que afirmou: «Não pedimos votos; pedimos apenas que o Povo nos ajude nesta luta pela Liberdade». As suas palavras foram sublinhadas com «vivas» a Portugal, á Republica e á Democracia e, a seguir, um elemento das comissões concelhias pediu um minuto em memória do general Humberto Delgado.

Falou, depois, o candidato dr. Antunes da Silva que fez a crítica do regime, afirmando que Portugal é pequeno mas cabemos todos.

O orador foi muito aclamado e Maria Barroso voltou a usar da palavra para dizer que «precisamos de liberdade para todos os da nossa terra». Referiu-se ainda ao problema das eleições e ás questões do ensino e da juventud. No final das suas palavras, a operária fabril Olinda Formigão subiu ao palco e entregou um ramo de flores a Maria Barroso.

(Continua na última pág.)

«É necessário restituir ao povo o poder de decisão que lhe foi retirado»

—afirma-se num manifesto da C. D. E. da Madeira

No decorrer de uma conferência de Imprensa convocada pela Comissão Eleitoral Democrática da Madeira, foi divulgado um manifesto assinado pelos respectivos candidatos — srs. dr. António Loja, dr. Fernando Rebelo e José Manuel Barroso — no qual se escreve:

«Oito anos passados sobre a última vez em que a Oposição Democrática Madeirense concorreu ás «eleições» para deputados á Assembleia Nacional do Estado Corporativo, que corresponderam a oito anos mais de regime autoritário ao serviço dos grandes interesses económicos, nacionais, e estrangeiros, a muitos pareceu não ser capaz, o Movimento Democrático Madeirense, desaparecidos alguns dos seus mais destacados elementos, de demonstrar a sua força e vitalidade, sobretudo num período de evolução do regime em que este se tem esforçado, por parecer mais «dialogante».

Mas a força dos movimentos democráticos, se estes o são na verdade, provém fundamentalmente do desejo de progresso, a libertação que emana do mais profundo da alma nacional: o sector do trabalho, a enorme massa tradicionalmente mantida á margem dos mais elementares direitos do ser humano.

INSTAURAR UMA SOCIEDADE JUSTA E LIVRE

Queremos confessar sinceramente, não crermos ser possível, através de umas «eleições» cujos processos consideramos viciados na base, instaurar no nosso País a sociedade verdadeiramente justa e livre, baseada nos correctos princípios democráticos da igualdade e da fraternidade, a que o povo português aspira. Nem será decerto, através do mero jogo do eleitorismo que uma aurora nova despontará no ho-

(Continua na última pág.)

Debates (todas as noites) na sede da C. D. E. de Lisboa

Da Comissão Democrática Eleitoral de Lisboa, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«1. Conforme já foi tornado publico, as autoridades proibiram a realização de sessões de propaganda em salas publicas.

O argumento segundo o qual as sessões causariam perturbação no serviço publico não nos parece ter qualquer fundamento.

2. A C. D. E. está a encontrar inumeras dificuldades na obtenção de salas onde possa realizar as suas sessões de propaganda. As recusas dos respectivos proprietários não se explicam por qualquer antipatia política, já que muitos deles deram a sua adesão ao nosso Movimento. Só podemos atribuir a sua atitude ao desconhecimento da determinação do Governo Civil, ao abrigo da qual a responsabilidade da efectivação das sessões não é imputável aos proprietários da sala, mas sim ás Comissões Eleitorais promotoras.

Por outro lado, somos informados de que a Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, através de um dos seus dirigentes, está a levantar dificulda-

(Continua na pág. 10.ª)

espelho da imprensa

Votamos

«Foi iniciado o debate que irá proporcionar ao povo português fazer a sua escolha. Debate que se desejaria franco, livre; como livres se desejariam as faculdades de escolha. Debate com iguais possibilidades para todos os seus intervenientes. Debate que viesse a conduzir á exacta expressão da vontade nacional.

Na linha de independência que traçámos, e seguimos, (entendendo-se independência por não enfeudamento e liberdade de consciência) reservamo-nos o direito, nesta hora de opção que todos vivemos, de também expressarmos o nosso voto. Cumpriremos a missão que nos cabe — de informação e esclarecimento — com a habitual isenção e na medida das nossas possibilidades e das oportunidades que nos forem concedidas.

Manteremos lealdade á Pátria que é de todos e aos ideais republicanos que o país elegeu nessa manhã já remota de 1910.

E se Pátria é o conjunto das gentes vivendo de tradições comuns, irmanadas em ideais comuns, sofrendo dores comuns e lutando por comuns aspirações, será na Pátria que votamos.

E se Pátria e Povo podem ser conceitos paralelos, se desejando a grandeza da Pátria é á felicidade do Povo que se aspira, á sua digificação, ao reconhecimento dos seus direitos e á plena afirmação da sua liberdade, será para o Povo o nosso voto.»

(«Notícias da Amadoran» — 4-10-69).

Nós e eles...

«Há, na obra de um dos nossos grandes líricos, uma pequena poesia denominada «O Edital».

Essa poesia mais não representa o que clamoroso anátema contra a praga reinante do analfabetismo na nossa terra. Reporta-se ao tempo da democracia partidária, da mesma que hoje na Oposição, acusa o regime vigente de, entre outras coisas, não olhar pela instrução do povo.

O que os Governos situacionistas têm feito no capítulo da educação popular pode estar longe ainda do ponto ideal que todos desejamos; mas muito tem sido. Aliás, em todos os países, a insatisfação, na matéria, é, como se sabe, ponto fulcral. Reclamações há, muitas delas, que trazem a marca dos objectivos subversivos; muitas outras, no entanto, encontram-se plenas de legítima razão.

No manifesto apresentado pela C.D.E. de Lisboa, lê-se, em determinada alínea, o seguinte propósito de programa governativo: «Livre acesso a todos os graus de ensino, sem discriminação social.»

Perguntamos: onde é que esse acesso é dificultado entre nós, quer na Metrópole quer no Ultramar?

Não estão as portas de quaisquer graus de ensino em Portugal abertas a todos os portugueses, para lá da cor da pele, das crenças e das ideias de cada um?

Ou ter-se-ia avariado, na imaginação democrática eleiçoeira, o sinal de transito da verdade, passando do verde ao encarnado?...»

(«Diário da Manhã», 3-10-69)

Princípios essenciais

«(...) Na verdade, nesta época em que se regista um progresso nos nacionalismos, até podendo autenticar-se mais acentuado do lado Leste, como se nota na firme reacção da Checoslováquia, perante a invasão de que foi vítima, na própria Russia em frente á China, etc., ninguém pode abstrair, sob pena de traição, da ideia da Pátria e dos seus interesses imediatos e futuros.

E posta esta noção fora de causa entram em apreciação as possibilidades do Poder e a irresponsabilidade das utopias.

E, evidente que o Poder é, ou deve ser, sempre uma força condicionada para não dizer subordinada ao bem comum; em qualquer caso, não pode nem deve ser utópico, deve abstrair de soluções, por via imperativa, quando não conformes com as aspirações legítimas e razoáveis da comunidade. O Poder também não actua em função de fantasias ou teorismos abstractos que, por vezes, podem apresentar-se como relevantes mas sómente na aparência. O Poder terá de ser pragmático e actuante contra os erros e defeitos da sociedade. Para isso deverá subordinar-se a uma doutrina de fins práticos e realistas; numa palavra possuir uma Política sem nunca ignorar que essa Política se realiza «através de boa e eficaz administração».

Certamente, dentro de poucos dias, o País vai tomar conhecimento, pelos diversos meios autorizados pelo ordenamento legal em vigor, da natureza e conteúdo das correntes politicas que apresentarão ao sufrágio eleitoral as candidaturas dos seus representantes.

Para que essas correntes se tornem válidas aos olhos de todos, parece lógico que deverão subordinar-se ao paradigma acima enunciado. Nessa conformidade a Nação, através dos seus eleitores, poderá apreciar e fazer serenamente não já só um juízo sobre o valor dos homens que irão representá-la, num dos principais órgãos da Soberania Nacional, mas principalmente do pensamento, dos meios de acção e da politica que aqueles trazem consigo.

A noção da Pátria, em todo o seu conjunto, posta acima de tudo, afastadas as utopias e enunciada uma Política a realizar através de «uma boa e eficaz administração» serão, com efeito, os principios essenciais para qualquer acção significativa.»

(Dr. Branco Camacho, «Correio dos Açores», 24-9-69).

Bacalhau a pataco

«A Oposição, independentemente das siglas sob que se acoberte, tem um remédio para tudo: na manga do casaco dos seus magos ilustres, há uma solução para todos os problemas nacionais, por mais difíceis que se apresentem; há uma fórmula para cada situação, por mais complicada que pareça

Ninguém se vá admirar, pois, que no caso de não ganharem cá as eleições — hipótese que, timidamente, aventamos... — os seus préstimos venham a ser solicitados pelos países estrangeiros, onde parece que também há problemas a resolver...

Nos comunicados que já começam a encher as páginas dos jornais ou nas arengas comicieiras, é um desfiar de soluções para problemas que ao longo dos anos não foi nem será possivel resolver. Ali, nos escassos segundos que a papeleta levou a redigir, ficam sem razão de existir os problemas agrário, da promoção social, da assistência, da saude publica, das relações trabalho-capital, da política internacional, da educação e ensino, das comunicações, do trânsito, e até da poluição das aguas dos rios e não sabemos se do escaravelho da batata.

Acontece assim com todas as oposições, mas por cá esse condão de tudo resolver atinge um nível raro, dada a facilidade palavrosa dos nossos candidatos a parlamentares da Oposição — não é verdade que uma grande maioria é constituída por advogados? — e a sua extraordinária imaginação criadora. (...)

(...) Não ficará também por resolver o problema habitacional. Todos os eleitores que não tiverem casa e votarem pela Oposição, receberão uma vivenda de presente na Costa do Sol, se não preferirem as praias cálidas do Algarve.

Serão construidas muitas pontes, rasgadas amplas e aerodinâmicas vias rápidas, electrificados os montes e os vales, criados confortáveis hotéis e estâncias de veraneio.

O nível de vida, esse vai ser objecto duma solução radical. Todos receberemos ordenados de administradores, e o preço dos víveres será reduzido para metade, excepto o nosso «fiel amigo», o portuguesíssimo bacalhau, porque esse será novamente vendido a pataco.

Eis o que a Oposição está disposta a oferecer a todos os portugueses, para o que desde já tem franqueados os bancos e tesouros de todos os países do Mundo. É ou não é fantástico este programa? Merece ou não merece o voto de todos os eleitores desejosos da felicidade? Temos ou não temos andado todos enganados, durante estas ultimas dezenas de anos em que o Governo, tendo podido fazer tanta coisa, não conseguiu fazer completamente nada? Temos ao alcance da mão o paraíso terrestre. Como no conto do «Suave Milagre», bastará bater á porta e, depois, entrar...

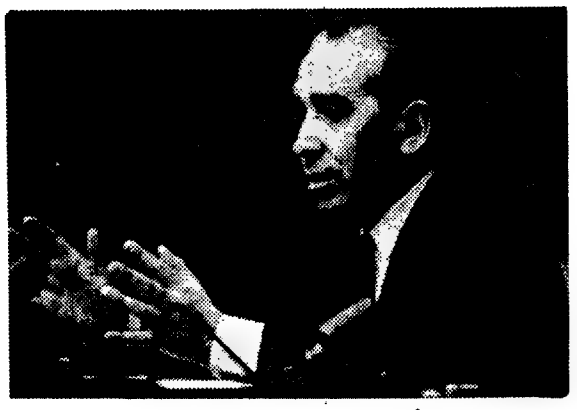
Esse milagre é a Oposição que no-lo oferece.»

(«A Voz», 3-10-69).

ASSIM VAMOS NÓS

Prémio Nobel da Paz?

Com o título «Um peregrino da Paz», o sr. Jorge K. Oliveira da Silva publicou, em «A Voz» dodia 4 do corrente, um artigo em que põe em



relevo os altos serviços prestados ao País pelo Embaixador Franco Nogueira, como ministro dos Negócios Estrangeiros, acentuando que a sua acção «teve sempre como objectivo último um verídico altruismo politico», e que, «com a preocupação dominante de lutar sempre com a verdade», «já atravessou o Oceano Atlântico cinquenta e cinco vezes».

E, a concluir:

«Perante a obra realizada por Franco Nogueira, glória e orgulho da actual geração política, todo o homem de elementar formação moral e espiritual tem de reconhecer que a campanha de moralização internacional pautada como obra invulgar, espiritualmente iluminada, fora de série, é merecedora da mais justa e elevada consagração humanitária — o Prémio Nobel da Paz.»

Lembra-se que entre as personalidades a quem foi já atribuída esta alta distinção se contam, entre outros, o ex-secretário-geral da O. N. U., Hammarskjoeld, o padre Pire, criador da Fundação Ann Frank, o dr. Albert Scweitzer e os dirigentes pacifistas negros Luther King, dos E. U. A., e A. Luthuli, da África do Sul.

A Oposição sete anos mais nova

De acordo com as idades conhecidas dos candidatos, os da União Nacional têm uma média de 48 anos, e os da Oposição, 41. Assim, segundo este índice estatistico, a Oposição é sete anos mais nova que a Situação. Sem ser do ponto de vista estatistico as opiniões, claro, variam. De qualquer forma, a U. N. escolheu, desta feita, de uma forma geral, candidatos bastante mais novos — pois, na presente legislatura, a média de idades é de 57 anos. Portanto, a U. N. será na futura legislatura nove anos mais nova.

A renovação nos quadros da U. N.

No que toca à renovação dos quadros, em outro aspecto, também a União Nacional intentou promovê-la: dos seus 130 candidatos apenas 37 são deputados na actual legislatura. Portanto, não chega a 30 % o número de deputados que poderá continuar a ter assento na nossa Assembleia Legislativa. Ora, ainda que não estejamos a falar com dados seguros, temos como certo que o número de deputados que tem permanecido de umas legislaturas para as outras — deputados sempre propostos pela U. N., como é do conhecimento geral — nunca tem sido inferior a 60 por cento.

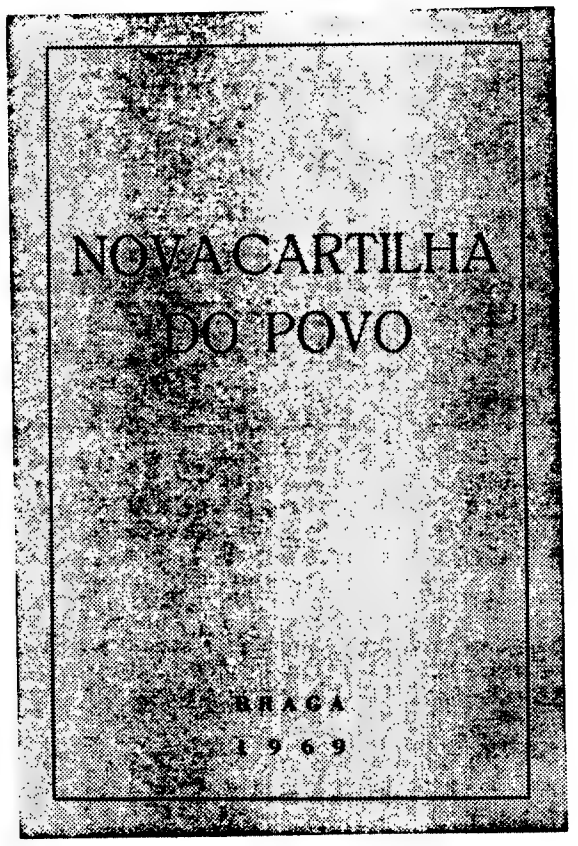
Desistência

Como ontem anunciámos, os representantes da lista Nacionalista Independente, pelo círculo de Braga, foram recebidos pelo sr. Presidente do Conselho, a quem comunicaram a sua desistência da apresentação de candidatos ás eleições do próximo dia 26.

Ficam, assim, três listas em presença, no círculo de Braga: uma da U. N. e duas da Oposição: C. D. E. e C. E. U. D.

Nova cartilha

O «Diário da Manhã», num dos seus ecos da secção «Dia a dia», citava uma entrevista à «República» do doutor Vítor Sá, de Braga, que, a propósito de uma «Nova Cartilha do Povo» («que procura despertar a consciência cívica dos leitores») ali editada, explica que ela se apresenta sob a forma de «um diálogo entre duas personagens imaginárias, o Zé Povinho e o João Portugal, que entre si trocam ideias e confrontam opiniões sobre os problemas nacionais, procurando esclarecer-se mùtuamente.»



manifesto

«As nossas candidaturas traduzem um imperativo de esclarecimento da actual conjuntura nacional»

—afirmam os candidatos da C. D. E. do Porto numa proclamação

A C. D. E. do Porto tornou pública uma proclamação de que publicamos os seguintes passos:

«No limiar de uma campanha eleitoral em que interviremos decididamente como candidatos da Oposição Democrática pelo distrito do Porto, cumpre-nos esclarecer quem somos, porque nos candidatamos movem. Em Dezembro último os propósitos que nos movem. Em Dezembro último, depois de contactos iniciados em Setembro, quando da crise de sucessão do dr. Oliveira Salazar, que originaram uma representação à Presidência da República para a dissolução imediata da Assembleia Nacional e a realização de eleições livres, presididas por um Governo independente, reuniu-se no Porto mais de uma centena de democratas de diversas opiniões e camadas sociais, para tratarem da necessidade de intervenção organizada na vida política nacional e, designadamente nas comemorações do 31 de Janeiro de 1891 e na eleição de deputados à Assembleia Nacional deste ano.

Daí resultou uma comissão para dirigir e coordenar os trabalhos que veio a designar-se Comissão Democrática do Porto, pretenderão abarcar a generalidade dos democratas do distrito, na sua pluralidade ideológica e sócio-profissional.

Essa comissão não se poupou a trabalho Organizou o jantar comemorativo daquela histórica data, cujas intervenções foram, depois, objecto de publicação, divulgada sob o expressivo título «A revolta de ontem nas palavras de hoje» Representou ao novo Presidente do Conselho de Ministros para adopção de providências preparatórias da democratização do país. Promoveu numerosas inscrições no recenseamento para o que elaborou, imprimiu e difundiu normas e instruções. Fiscalizou, oportunamente, até onde lhe foi consentido, os cadernos eleitorais e formulou, contra as graves irregularidades dos mesmos, neste distrito, reclamações e recursos cujas bases, dentro do possível, a Imprensa noticiou. Vários dos seus membros apresentaram, no Governo Civil, estatutos da Comissão Eleitoral Democrática do Porto e requerimento para a sua aprovação que, apesar de traduzirem o exercício do direito de associação, sob parecer da DirecçãoGeral da Administração Política e Civil, homologado pelo Ministro do Interior, de que os requerentes recorreram para a Auditoria competente, tendo esta recusado provimento, em Agosto passado, achando-se publicadas a petição e documentação elucidativas pelos advogados drs. Raul de Castro e António Taborda. Estudou e projectou com a participação de mais de duas centenas de democratas do distrito a «Plataforma comum da Oposição Democrática», cujo texto, com alterações, foi aprovado na reunião nacional democrática de S Pedro de Muel, passado, como princípios e reivindicações essenciais a defender durante e para além da campanha e como base de trabalho da Oposição Democrática. Procurou com outros democratas, desta cidade, que voluntàriamente se situaram fora do seu âmbito, a apresentação de uma lista única de candidatos da Oposição pelo Porto, envidando os melhores esforços nesse sentido Escolheu, finalmente, depois de amplas consultas e reuniões, os candidatos da Oposição Democrática à próxima eleição legislativa, cujos proponentes incluem cerca de uma centena de eleitores de diferentes convicções e sectores populacionais.»

Aceitamos estas candidaturas, na certeza da sua utilidade e do esclarecimento que a sua apresentação permite, sem outra alternativa

Não ignoramos, nem o país ignora, que as próximas eleições não serão *livres*, por não poderem corresponder a uma vontade conscientemente formada dos cidadãos. E que a isso nem obstam, ainda quando cumpridas na prática, as «liberdades necessárias», prometidas pelo senhor ministro do Interior, no seu comunicado de 28 de Junho último: fornecimento aos candidatos de cópias dos cadernos eleitorais, possibilidades de propaganda no curtíssimo período pré-eleitoral de pouco mais de vinte dias, igualdade de tratamento das candidaturas fiscalização do sufrágio.

Para que as eleições fossem genuínas, impunha-se a abolição, muito anterior, da censura prévia; a colocação da Imprensa, da Rádio e da Televisão ao serviço do esclarecimento dos portugueses, com igualdade de acesso a todas as correntes de opinião pública, num clima normal de esclarecimento pelo diálogo Impunha-se que as correntes de opinião pudessem, conjunta ou separadamente, organizar-se, actuar e comunicar livremente, como o Governo e a União Nacional se arrogaram o monopólio de fazer. Impunha-se um recenseamento que, com a colaboração dos cidadãos e sem entraves às actividades desenvolvidas a favor do seu aperfeiçoamento, abrangesse a generalidade das pessoas com direito a voto, muito superior à média inscrita de dezasseis por cento da população do distrito do Porto e de dez por cento desta cidade.

Se, mesmo assim, não renunciamos a intervir, remetendo-nos a um abstencismo tão platónico como cómodo para a nossa tranquilidade pessoal, é que como democratas, sentimos a obrigação moral e patriótica de traduzirmos os anseios generalizados de democracia e melhoria geral de vida, expressos nestes quarenta e três anos de governos ditatoriais, combatendo, ao mesmo tempo, a despolitização que esse longo eclipse total das liberdades logrou operar noutras vastas camadas da população. É que nos pulsa nas veias o sangue dos nossos mártires e dos nossos mortos.»

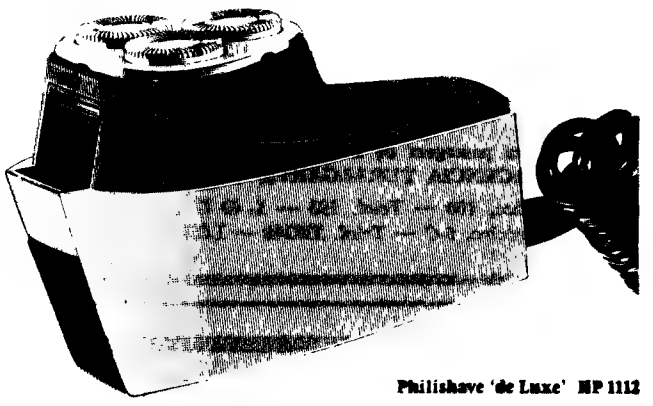
«O salazarismo governou o País, em ditadura ostensiva até 1945, data do triunfo das nações democráticas sobre o nazi-fascismo mundial.

Desde então, e do advento da O. N. U., perante a intensificação das lutas populares, o salazarismo para sobreviver, teve de recorrer a uma institucionalização e a uma legalidade aparentes, modificando as suas leis repressivas, concedendo falazes direitos aos cidadãos e alterando a propria lei eleitoral, no sentido de permitir, de quatro em quatro anos, uma fugaz expressão de opiniões democráticas. Nada abdicando da sua violência e do seu obstrucionismo ao exercício das liberdades publicas, o regime passou a utilizar os curtíssimos períodos pré-eleitorais como sucedâneo ao exercício normal e permanente da democracia. E assim, esses períodos nunca corresponderam ao seu objectivo específico de eleição de deputados, já de antemão designados pelos governos, constituindo mera exposição de opções políticas sobre as quais, contudo, nunca o país foi chamado a decidir

Valeram as intervenções da Oposição Democrática como afirmação de existência e duma resistência

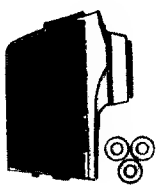
(Continua na pág. 11.ª)

Progresso à flor da pele

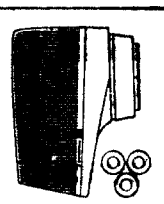


O progresso é evidente — à flor da pele — depois de barbeado com a nova Philishave.
Progresso palpável, surpreendente..
E, em cada dia, o barbear é um prazer renovado, graças às novas cabeças flutuantes «Close Up» que escanhoam rente — à flor da pele — com suavidade e rapidez.
O progresso está aí — à flor da pele.

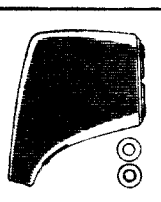
Philishave 'de Luxe' HP 1112



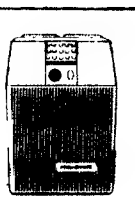
Philishave 'Universal' HP 1302



Philishave 'Especial' HP 1109



Philishave 'Standard' HP 1103



Philishave 'Compact' HP1204

nova gama Philishave

Cinco modelos à sua escolha. Cada um deles é uma pequena maravilha de concepção e execução que surpreende e satisfaz o crítico mais exigente.

Desde Esc. 295$00

Aspectos da situação económica portuguesa

—debatidos em mesa-redonda promovida pela C. D. E. do Porto

«A resolução dos graves problemas que envolvem Portugal só pode ser encontrada através da intervenção e da acção constante e firme de todo o povo, democràticamente expressa — afirmou a iniciar a sua intervenção na primeira mesa-redonda (sobre a situação económica portuguesa) promovida pela C. D. E. do Porto o dr. Armando de Castro, na qualidade de seu orientador.

Este candidato da C. D. E., que estava ladeado pelo agente técnico Eduardo Lago e pelo eng.º Augusto Fitz Quintela, fez depois largas considerações sobre o tema em debate e afirmou:

«O que são as condições de vida da esmagadora maioria dos portugueses é a vida deles próprios que o demonstra e não algumas colunas de dados numéricos, tanto mais que se trata em regra de médias, havendo muitas camadas da população que estão abaixo dessa média.

O dr. Armando de Castro focou ainda o problema do congelamento dos salários e percorreu vários aspectos da vida económica portuguesa.

A ALTA DO CUSTO DE VIDA

Seguiu-se uma intervenção do agente técnico Eduardo Lago que abordou aspectos relacionados com a inflação, a qual — afirmou — está ligada no nosso País a uma série de opções gerais de política governamental aliadas a uma incapacidade de definição de uma política de fomento. Acrescentou que, assim, poderemos verificar que, como causas fundamentais do movimento inflacionista, ressaem as entradas de divisas provenientes das remessas de emigrantes e do turismo aliadas a uma série de despesas introvertidas em que sobressaem as despesas com a guerra no Ultramar

O debate entrou depois em diálogo. A pergunta posta pelo eng.º Flávio Martins — «Hão-de as pessoas responder á alta do custo de vida?» — mobilizou as atenções gerais, tendo participado pessoas de todas as classes sociais e profissões, desde o intelectual á dona de casa

AMÉRICA DO NORTE, AUSTRÁLIA, BRASIL, CANADÁ, ÁFRICA, ETC.

Reserve sua passagem de Barco ou Avião na AGÊNCIA TURALGARVE

Praça da Republica, 100 — Telef. 193 — L O U L É
Rua Luciano Cordeiro, 6-C — Telef. 538240 — LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

PARA PESSOAS DE IDADE

A C. P. informa de que os bilhetes com a redução de 50% para as pessoas com idade igual ou superior a 65 anos são vendidos todo o ano com excepção dos seguintes períodos:

— Sábados e domingos, de 1 de Julho a 30 de Setembro;
— Nos dias 14 e 15 de Agosto;
— De 22 de Dezembro a 3 de Janeiro;
— De quarta-feira anterior ao domingo de Páscoa á quarta-feira posterior.

3º SALÃO DE EXPOSIÇÃO NSU

Todos os modelos NSU em exposição
e secção de carros usados provenientes de trocas

NOVO STAND
AV. DA REPÚBLICA, 84 (frente à feira popular) TEL. 77 80 73 • LISBOA

ao acaso da rua

—Já participou em alguma assembleia de voto?

Mais uma vez foi com bastante dificuldade que conseguimos que seis pessoas respondessem a uma pergunta deste género. De facto, numa atitude muito significativa, grande parte das pessoas, quando ouvem falar de «eleições», «voto» ou semelhante, apressam logo o passo, dizendo que «nessas coisas não se metem»...

● — *Não percebi* — logo nos volveu Elias Cheirinho Pereira, encarregado da obras

— Se já alguma vez votou ..

— *Não percebo. Não sei onde quer chegar...*

— Agora vai haver eleições...

— *Eleições! O meu assunto é lidar nas obras.*

— Mas, em qualquer clube ou agremiação, também nunca votou?

— *Nunca votei em nada. Tenho cá a minha ideia que o Benfica é o melhor, mas o resto não sei.*

● *Nunca participei em nenhuma assembleia de voto simplesmente porque acho que não vale a pena.* — disse-nos, por sua vez, Manuel de Oliveira Gonçalves, serralheiro-montador.

— Mas está recenseado?

— *Não, nem nunca estive. Talvez para as próximas.*

— ?

— *Se cumprirem aquilo que dizem, parece-me que passará a valer alguma coisa. Veremos...*

● João Ricardo Araújo, aluno do Instituto Comercial, afirmou-nos:

— *Nunca participei em quaisquer assembleias de voto, nem sequer de outro género.*

— Porquê?

— *Nunca tive oportunidade para isso.*

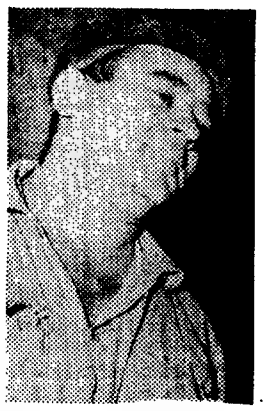
— E quando atingir a maioridade?

— *Talvez. Em parte é um dever.*

— E na outra parte?

— *O que eu quero dizer é que isso tem de se fazer com muita consciência e responsabilidade. Quem não souber o que vai fazer, o melhor é ficar quieto.*

● — *Nunca votei* — declarou-nos também Adriano Matos, pedreiro. — *O meu voto é trabalhar todo o dia para comer. Sou dos que não têm «voto na matéria»*



— Não diga isso...

— *O que hei-de dizer? Este ano nem me queriam pagar as férias por ter estado um mês com baixa, doente a sério*

— Se ninguém ligar a estas coisas é que esses problemas não se resolvem, não lhe parece?

— *Sei lá!*

● Bernardino José Vieira de Azevedo, agente comercial, também nunca participou em nenhuma assembleia de voto:

— *Estou afastado da política...*

— E sem ser em política, nunca votou?

— *Bom sou sócio de algumas agremiações, mas nunca participo nas eleições, por uma questão de comodidade*

E logo corrigiu-nos:

— *Em 1923 fui eleito para 1.º secretário da comissão do Porto do Partido Radical Republicano. Mas nunca votei*

— Mas não acha que votar é um dever?

— *Conforme. Se todos se abstivessem era mau. Mas sendo só dois ou três .*

— E se todos pensassem assim?—não resistimos a perguntar ao nosso interlocutor.

● — *Nunca votei até à data* — respondeu-nos, por último, o industrial de cabeleireiro e conhecido profissional Carlos da Nova, que fez questão de acentuar ser leitor assíduo do «Diário de Lisboa». — *Mas, em virtude da forma como o Presidente do Conselho falou, resolvi, este ano, recensear-me.*

— E vai então votar este ano?

— *Sim, conto votar pela primeira vez caso o que eu vá lendo e vendo me dê garantias*

de que o acto eleitoral vai ser uma coisa séria. Se acabar por ser como os anteriores, não voto.

As soluções da U. N. não receiam confrontos com as da C. D. E.

— afirma aquele Organismo

Da Comissão Executiva da U. N., recebemos o seguinte comunicado:

«Fomos ontem surpreendidos com o programa político aprsentado pela C. D. E. de Lisboa, numa conferência de Imprensa.

Queremos desde já afirmar, antecipando-nos à análise mais profunda e extensa que este documento nos vai merecer, que toda a estrutura das críticas e das soluções propostas entronca numa orientação internacionalista dos problemas, que não tem em conta a perspectiva nacional. É a esta que nos devemos ater, em exclusivo, já não só em obediência aos princípios que nos regem mas sim, e principalmente, à ordem constitucional vigente, que não está nem pode estar em causa nas eleições que se aproximam.

Sendo assim, cumpre à União Nacional alertar a opinião pública para o facto de o mesmo programa visar a criação, no País, de um clima emocional e revolucionário que frustra toda a possibilidade de diálogo e de controvérsia construtivos.

Alertam-se, sobretudo, as consciências para o facto de, intencionalmente, se querer condicionar a equação e a resolução dos problemas económicos e sociais do País com a chamada questão ultramarina, quando esta está perfeitamente definida pelo Governo, numa perspectiva de desenvolvimento global da comunidade Portuguesa, sem antagonismos de interesses ou subalternidade de posições.

Nesse desenvolvimento global está implícita uma autonomia qualificada, livre e progressiva que respeite o contexto sociológico, multirracial e paritário das etnias e das culturas — e que tenha por base o acesso à plenitude da cidadania e a promoção económica, social e política das populações, num clima de paz e de ordem que é nosso objectivo permanente e constante. Isto em contraste com a intenção obcessiva dos subscritores do programa da C. D. E., que se definem por uma autodeterminação pré-determinada, imediata e de sentido único. Esta exclui opções possíveis, visa impor, de fora para dentro, uma solução radicalmente antiportuguesa e conduz, em linha recta, ao abandono do Ultramar, o que não pode deixar de merecer a mais enérgica reprovação do País.

Chama-se, também, a atenção para o tom das promessas demagógicas de quem não tem, nem parece querer ter, a responsabilidade do Poder e para o facto de os candidatos da União Nacional defenderem soluções que não receiam confrontos com as propostas pelos candidatos da C. D. E. A diferença está na óptica doutrinária e no realismo consentâneo com as estruturas e as possibilidades do País.

Essa doutrina e esse realismo tornam viável e livre a resolução dos problemas, enquanto que o irrealismo obstinado e o desajustamento dos candidatos da C. D. E. do contexto socioeconómico e mental português visiona caminhos utópicos e impraticáveis.

Refere-se, por fim, o abuso flagrante em invocar legitimidade para falar em nome do Povo Português por parte daqueles que, em todas as suas afirmações e propósitos, nos levam a pensar que obedecem a comandos e a interesses internacionais, sob uma dialéctica revolucionária imbuída de notório marxismo-leninismo.

O povo não pode deixar-se iludir e, em face da definição das atitudes que a campanha eleitoral permite, só quererá votar por aqueles que lhe oferecem a garantia de, por intermédio de uma profunda e autêntica política de reformas, realizar os seus mais legítimos desejos de bem-estar, de progresso e de paz.

Convencidos de que assim será, aguardamos serenamente a «prova real do sufrágio».

A Comissão Executiva da União Nacional.»

tem a palavra

Nikias Skapinakis *

A propósito de abstenção

O documento da Acção Democrato-Social preconizando a abstenção do eleitorado oposicionista teve o condão de certamente reflectir as preocupações de muitos eleitores; e o próprio repto da União Nacional relativamente á disputa das *eleições a sério*, parece dar razão a quem pense que o regime tem vantagem evidente na participação da Oposição.

Pessoalmente, entendo que a intervenção no presente período eleitoral impõe, sem equívoco, a ida ás urnas; entendo assim porque me parece que a Oposição terá, certas vantagens, embora a U. N. também as obtenha. Quero dizer que, do meu ponto de vista, a coincidência de vantagens da Oposição e da U. N., neste ponto, é uma situação inteiramente nova, original, na política portuguesa e estou convencido de que se acaso ela não for objectivamente considerada pelos oposicionistas em geral, estes correrão o grave risco de ser ultrapassados pelas circunstancias.

As campanhas eleitorais passam muito rápidamente e as estruturas do regime estão aptas a degluti-las; se a consciência cívica dos cidadãos não é alertada pelo exercício pedagógico do voto, pouco ou nada de concreto restará para além do período eleitoral. Neste aspecto a abstenção mais rigorista e a intervenção mitigada têm de comum não ser politicamente rentáveis, isto é constituem um factor paralisante quanto á inscrição nos cadernos eleitorais a juntar a tantos outros.

A consciencialização cívica, através do voto, é afinal o maior ganho que a Oposição pode auferir—porque, todos o sabemos a provável derrota oposicionista reflectirá, apenas, o estado daqueles cadernos.

É inviável, é impensável, porém, que uma oposição a qualquer Governo europeu, disputando eleições livres, e por mais prementes que sejam os problemas internos, não obtenha uma expressão legal concretizada num número, mesmo reduzido, de deputados.

A irrelevância ou irresponsabilidade da Oposição deduzida da pequena percentagem obtida nas urnas constituiria, de resto, uma especulação *old style* de nula repercussão internacional.

Inteiramente, a derrota absoluta da Oposição nas próximas eleições seria a demonstração absoluta, o teste, de que o regime não pode consentir uma Oposição legal

Entretanto, estou convencido de que, ao contrário daquilo que até agora sucedeu, existem, nalguns círculos, probabilidades de eleição de candidatos oposicionistas. A própria extensão das candidaturas, a sua organização em tão curto tempo, é um facto relevante e por si mostra a existência de uma forte corrente democrática que dificilmente poderá abster-se sem frustração.

Mas deliremos um pouco: admitamos que, em um ou outro círculo a Oposição elege candidatos para a Assembleia Nacional. Decerto, os poucos deputados porventura eleitos não poderão modificar as estruturas do regime; decerto, mas poderão criar um clima de contenção nos excessos do poder — o que se me afigura inestimável.

Restará saber se efectivamente votar contra o Governo é colaborar com o regime; por mim, receio, então, que respirar, cantar, comer ou dançar sejam já colaboração — que se lhe há-de fazer para não morrermos de abstenção...

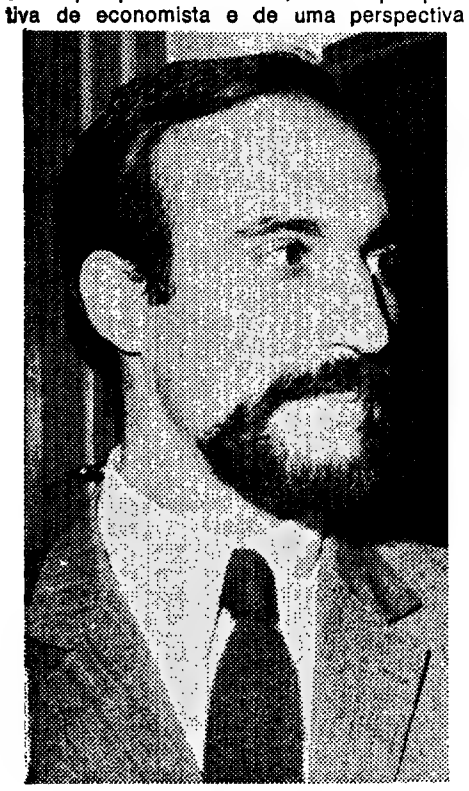
* *Pintor professor tem desenvolvido grande actividade no campo da cultura e foi candidato a deputado pela Oposição de Lisboa em 1957.*

● COMISSÃO ELEITORAL DA U. N. DE BRAGANÇA — Reuniu-se em Bragança, na sede da U. N., a comissão eleitoral de apoio à lista da U. N. pelo círculo, constituída pelos srs. drs. António Rapazote, dr. Armando Valfredo Pires, presidente da comissão distrital da U. N., dr. Artur de Oliveira Pimentel e eng. Camilo Lemos de Mendonça, que depois de apreciar largamente o actual momento político nos planos nacional e regional, elaborou um programa de sessões e actividades a desenvolver ao longo do período eleitoral. Nesse sentido, vão ser sucessivamente solicitadas autorizações, nos termos da lei, ao Governo Civil, para a realização das diferentes sessões a efectuar.

A emigração — causas, consequências e s

Conclusão da mesa-redonda em que tomaram parte Etelvina Lopes de Almeida (C.E.U.D.), Henrique Barrilaro Ruas (C.E.M.) e Francisco Pereira de Moura (C.D.E.)

MODERADOR — O prof. Pereira de Moura analisou o problema migratório dentro duma perspectiva humana, duma perspectiva de economista e de uma perspectiva



José Carlos Ferreira de Almeida

política, em termos, essencialmente, de apreciação de qual tem sido a atitude das autoridades publicas ou de qual têm sido, por outro lado, as causas e as consequências do próprio fenómeno migratório. Por outro lado, a sr.ª D. Etelvina Lopes de Almeida acentuou os problemas humanos dos portugueses emigrados e das famílias desses portugueses emigrados. O dr. Henrique Ruas insistiu também em problemas da mesma ordem e referiu-se, por outro lado, em incidências sobre a situação demográfica nacional. Falou, por exemplo, do despovoamento do interior.

Parece-me que se reconhece, por um lado, o direito ás pessoas de emigrarem, o direito de que os portugueses emigrem uma vez que não encontram no País condições que lhes permitam viver de certa forma. Por outro lado reconhece-se que a emigração se faz em condições péssimas, quer na própria deslocação para o estrangeiro, quer na forma como os emigrantes se fixam no estrangeiro, quer em termos de condições de vida e de habitação, quer em ordem a salários, onde sofrem uma disriminação em relação aos operários nacionais, quer com todas as incidências sobre os filhos, a perda da língua, a perda de todos os laços com o país de origem. Ora eu tenho a impressão de que se poderia neste momento orientar a discussão, se estiverem de acordo, da seguinte forma: Primeiro: de que formas é que seria possível, sem usar medidas de coerção, favorecer a diminuição do problema migratório e portanto a fixação pelo menos duma parte da população que neste momento terá tendência a emigrar, portanto, como favorecer a fixação dentro do território nacional. Segundo: em relação áqueles que de qualquer forma emigrem, como em relação áqueles que já emigraram, que medidas é que se poderiam adoptar no sentido de diminuir os inconvenientes que sofrem os emigrantes portugueses que se encontram no estrangeiro. Terceiro: para além de medidas de fixação, que medidas é que se poderiam adoptar para favorecer o regresso de uma parte dos emigrantes que se encontram radicados no estrangeiro.

PEREIRA DE MOURA — No primeiro ponto — que medidas é que me parece que se podiam tomar para diminuir o surto migratório. Ora, dá-me a impressão de que temos que tentar ir bem ao fundo das coisas, para não nos contentarmos com aquilo que viessem depois a ser pseudomedidas. E o fundo das coisas obriga a encarar em primeiro lugar a situação da agricultura portuguesa, visto que grande parte dos emigrantes têm saido, e continuam a sair, da agricultura, tanto do Norte como do Sul. Este «tanto do Norte como do Sul» vem para responder já de antemão a uma objecção possível áquilo que eu vou dizer a seguir, visto sabermos que a estrutura agrária no Sul é completamente diferente do Norte e Centro do País. Aqui temos uma estrutura minifundiária, pequenas propriedades e explorações sem condições técnicas, com gente excessiva em relação á terra, como se costuma dizer. Portanto, seria lógico que saíssem. Mas em contrapartida, no Ribatejo e no Alentejo existe uma estrutura latifundiária, onde a gente já escasseava no princípio ou devia escassear em relação á terra e não se compreende que também tenha fugido. Portanto, eu queria frisar de antemão que vejo este problema da emigração rural como um problema de vício de estrutura agrária. E as duas unicas perguntas a fazer quanto a esse aspecto, são estas: em primeiro lugar: tem de sair ou não tem de sair muita gente das fainas rurais e das zonas predominantemente rurais? E a minha resposta como técnico, não pode ser senão esta; tem de sair efectivamente muita gente, mesmo muito mais do que já saiu da maior parte das nossas zonas rurais e sobretudo da actividade rural. Nós ainda temos, apesar da emigração e apesar de todas essas coisas de que se tem falado, e que são reais, ainda temos mais, muito mais de 30 por cento da nossa população activa na agricultura, quando em países industrializados, quer dizer em países de estrutura económica semelhante áquela para onde nós teremos de tender e teremos de caminhar, nesses países encontram-se percentagens de população activa na agricultura que não ultrapassam os 20, por vezes os 10 e até mesmo em países mais avançados, as casas dos 4, 5 e 6 por cento. Portanto, a conclusão é que muita gente tem de sair da agricultura, apesar de muita que já saiu com a emigração. Sair das zonas rurais, faço a distinção, e parece-me que é necessário fazê-la, porque há aquela tentação muito simples: saem da agricultura, mas trabalham nas industrias que se localizam nas zonas rurais.

Ora, com uma excepção ou outra, coisas sem importancia, não é possível conduzir uma política de desenvolvimento e de fixação de populações através da dissiminação de pequenas industrias rurais. A industria moderna na maior parte dos casos exige dimensões, exige acessos e disponibilidade de infra-estruturas, exige, inclusivamente, a ligação de umas industrias com outras, e das industrias com outras actividades sociais, por exemplo centros culturais, centros administrativos, etc. Portanto, não se concebe o processo de saída das pessoas da agricultura e o processo da industrialização sem ser por aliança com uma intensa urbanização. Nós temos que caminhar abertamente no sentido de tirar gente da agricultura, quer no sentido de actividade agrícola, quer no sentido de zonas restritamente rurais, e conseguir condições para que essas pessoas se fixem em centros urbanos, de que hoje práticamente não dispomos. Aqui surge o problema de Lisboa e Porto. Às vezes fala-se, já se tem dito, na macrocefalia de Lisboa, em relação ao País. Eu, enfim, mais uma vez do ponto de vista técnico e humano, não posso aceitar com muita facilidade essa tese da macrocefalia de Lisboa e, pela mesma razão, do Porto, visto ser uma zona, apesar de tudo, mais limitada. Não estamos, nem nada que se pareça, próximo da situação de Nova York ou de Tóquio, ou mesmo de Paris, em que efectivamente se pode falar da macrocefalia, e de alguns países da América do Sul. Por exemplo: a cidade de São Paulo, tem muito mais população do que nós aqui em todo o País (11 milhões). Mesmo não aceitando a tese da macrocefalia de Lisboa e Porto e sentindo aí, sobretudo, a necessidade de soluções de ordenamento para que a vida aqui seja possível e não se tornar em cada dia mais impossvel, principalmente para os trabalhadores, mas reconhecendo isto, penso que o que precisamos é de lançar a tal política de desenvolvimento regional de que se fala há tanto tempo, no sentido de criação muito rápida, portanto, uma grande concentração de decisões e de investimentos, quer publicos quer privados. Uma política muito rápida de crescimento de alguns centros urbanos.

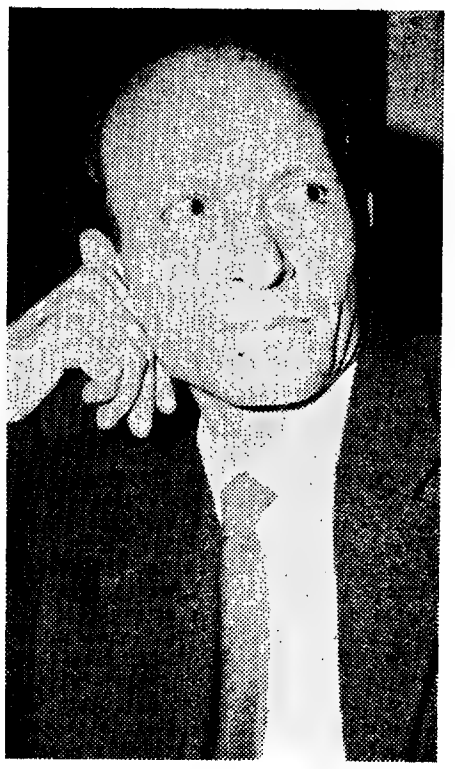
Há pouco falou-se aqui da fronteira com a Espanha desguarnecida. Eu agora comparo com a Espanha noutra perspectiva: nós vamos a Espanha, não é preciso sair muito longe da nossa fronteira, e encontramos cidades dos 100, 200, 300 mil habitantes. Em Portugal não temos — temos Lisboa e Porto. E a seguir a isso, não chega aos 100 mil habitantes. Não é possível na vida moderna. Nós não quereríamos viver nessas cidades de província, chamemos-lhe assim, porque não são compatíveis com a vida moderna. Portanto, estas são medidas que correspondem a combater a emigração para o estrangeiro através de políticas ou esboços de política de migração interna. Mas é evidente, pelo menos para mim é evidente, que quando eu digo lançar a sério uma política de desenvolvimento regional — e falei em investimentos e decisões tanto no sector publico como no sector privado — refiro-me a investimentos que sentimos deverem ser maciços. Então pode-se perguntar: porque é que isso não se fez até hoje? Será por má vontade dos governantes? Será por incapacidades técnicas? Estou convencido de que não é por nenhuma destas duas coisas. Há as ideologia de que o homem rural é melhor do que o homem da indústria; há as ideologias de que é preciso fixar os trabalhadores á terra, precisamente para não perderem as virtudes e dá-se abono de família, básicamente com essa intenção; há a ideologias de que a empresa privada é que deve promover o nosso desenvolvimento e que o Estado deve ter uma função supletiva; há a ideologia de que sem dúvida os salários devem subir alguma coisa, mas de modo nenhum esta coisa desmesurada para que subiram e que ó se explica pelo estonteamento do mundo moderno e que está todo perdido.

Ora eu citei quatro exemplos da ideologia típica das nossas classes dirigentes e creio que do nosso sistema económico, político e social. E aí é que está o problema. E quando eu vejo um plano de fomento (enfim, têm-se feito sucessivamente planos de fomento em Portugal) em que por um lado não se repara no fenómeno da emigração ou quando se repara é para se escrever umas frases perfeitamente sem significado, e, sobretudo, a essas frases não se seguem nenhumas propostas, rigorosamente nenhumas medidas no sentido de arranjar oportunidades de emprego, emprego produtivo e remunerado decentemente para essas populações, que por não haver planos nem política, se vêem obrigados a emigrar, quando vejo isso tudo, digo: de facto não são os homens que nos governam que devem ser maus, não deve ser isso, nem é falta de capacidade técnica dos seus consultores, nem é má vontade de ninguém. É um sistema que não permite a solução do problema. E, portanto, temos de encarar de frente e objectivamente, e sem pensamentos reservados ou exclusões aprioristas, encarar de frente esses problemas do nosso sistema, sistema que em aspectos como este eu consideraria absolutamente arcaico, para não dizer outra palavra que possa soar pior e a ver se finalmente temos política em Portugal.

soluções

Etelvina Lopes de Almeida

Francisco Pereira de Moura



Henrique Barrilaro Ruas

ETELVINA LOPES DE ALMEIDA — Eu estou inteiramente de acordo com tudo aquilo que o prof. Pereira de Moura afirmou, porque acho que para grandes males grandes remédios, como se costuma dizer na casa portuguesa. Parece-me que para esse desenvolvimento previsto pelo prof. Pereira de Moura, dentro de novos sistemas, de novos enquadramentos do homem frente ao tempo e ao local onde vive, parece-me que uma coisa era absolutamente necessária; a promoção do próprio homem. Tal como eu há pouco disse que não concordo com a emigração do homem analfabeto e do homem incapacitado para o trabalho, eu agora provo em como o homem que lá fora se adaptou a novo sistema e conseguiu uma especialização dentro do próprio trabalho, esse homem não regressará mais. E porquê? Porque esse homem encontrou uma expressão de si mesmo enquadrado dentro duma sociedade em que ele já não se sente apenas um subdesenvolvido que está a ganhar o seu dinheiro, mas o homem que se sente enquadrado dentro do trabalho que promove essa própria sociedade. Eu encontrei jovens que foram daqui com os seus 21, 22, 23 anos e alguns até com menos (alguns até, evidentemente, para escaparem ao problema militar) e vi-os enquadrados em agrupamentos fabris que lhes davam cursos pagos, para além do seu vencimento e para além da sua alimentação, no sentido de conseguirem especializações e uma produção muito mais hábil a curto prazo. Encontrei um moço que estava nas fábricas «Renault» que já estava no segundo curso de mecanico e que apesar de duas promoções, automáticamente remuneradas em superioridade ás anteriores, ele tinha quantitativo de 1000$00 por prémio, além da alimentação e de tudo o que ele precisasse para estudar, quer fossem livros, quer fosse material didáctico etc. Esse moço disse-me: «Já fiz dois cursos e quando acabar este e levantar o meu ordenado, matriculo-me imediatamente no terceiro». Esse homem que sente dentro da fábrica onde trabalha uma promoção como trabalhador e como pessoa, esse homem não regressa porque sabe que quando voltar a Portugal não vai encontrar absolutamente nada de paralelo que lhe possa dar uma ascensão social, mental e humana. Esse homem já conversava comigo, com os seus 23 ou 24 anos, com duas raparigas ao lado dele que me davam a mesma documentação. Estavam também a trabalhar, fazendo cursos também. Eles diziam: «Vamos regressar para quê? O que é que nos espera lá em baixo?» Portanto, eu penso que para a fixação do homem aqui, nós teremos que, evidentemente, para além da subida de salários ao nível da sua produção,das suas necessidades tanto próprias como familiares, nós teremos, evidentemente, de o fixar dentro dum destino que esteja alicerçado numa tranquilidade futura, que é isso que o homem em Portugal não tem. Nós precisamos de serviços sociais que nos garantam reformas; precisamos de medicina adaptada a todos, mas eficiente, não apenas para se dizer que existe; precisamos da velhice assegurada e do ensino absolutamente gratuito, tal como se faz lá fora. Enquanto não pudermos oferecer isto ao homem português, ele sairá das terras de onde gosta de trabalhar, ele sairá da construção civil onde talvez até goste de trabalhar, também, porque todos esses trabalhos não dão o necessário para ele viver e para dar aos seus filhos uma condição diferente daquela que ele teve. Por outro lado, toda a educação que eles vão procurar lá fora, a escola francesa, por exemplo, lhes dá: uma ascenção pessoal, moral e cultural que os coloca dentro de uma dimensão completamente nova que aqui não têm. Eles lá podem ser operários da «Renault», mas já discutem política e sociologia com qualquer outra pessoa, porque á margem da sua condição de operários eles têm uma ascensão pessoal, moral e cultural homem. E isso, para mim, é absolutamente necessário para tirar o homem desta sujeição ao dinheiro que para mim é totalmente negativa.

HENRIQUE RUAS — Eu queria retomar, mais uma vez, as palavras da sr.ª D. Etelvina Lopes de Almeida, agora dessa necessidade de fazer participar o homem português da vida de Portugal. Parece-me que é de facto esse o grande remédio: que os portugueses se sintam em Portugal como na sua terra, sem terem de procurar lá fora essa pátria imaginária de que falava há pouco. Para que o homem seja participante na vida económica, na vida social, na vida cultural, é também necessário, nos tempos de hoje principalmente, que o homem português participe na vida política. Essa participação evidentemente que deriva, ou depende, dos princípios constitucionais e do seu cumprimento, mas deriva também, creio eu, duma política de restauração ou de criação duma administração local e regional, que seja o equivalente, nos tempos de hoje, do que foi o velho municipalismo português. Creio que o papel do Estado na criação decisiva de condições que só ele pode de facto criar, através duma poltica económica maciça, como disse o prof. Pereira de Moura, uma intervenção sistemática feita, muitas vezes, para além de qualquer esforço da iniciativa privada, é necessário também que o Estado saiba criar essas forças, esses nucleos, esses centros de desenvolvimento regional, que vão desde a administração municipal, ou equivalente, até á criação em cidades hoje muito pequenas, hoje muito reduzidas, e em que realmente não é agradável nem desejável viver, criação de institutos superiores, criação de Faculdades que constituíssem com outras Faculdades, uma Universidade, podíamos dizer uma Universidade do interior, para assim se poderem criar esses centros populacionais a que se referia o dr. Pereira de Moura. Em relação á psicologia do regresso a que se referiu a sr.ª D. Etelvina Lopes de Almeida, eu penso que é de facto muito verdade, que aqueles que se sentem integrados na nova sociedade para onde foram viver não desejarão voltar, voltar seria descer. No entanto, há também a considerar, o caso oposto — aqueles portugueses que, precisamente por não terem conseguido subir nada, hão-de teimar, pelos anos fora, como tantos fizeram no Brasil, arrastando com todas as misérias, vivendo numa situação de exploração, de inferioridade económica e moral, para não regressarem como outros regressam, com automóvel, com as mulheres bem vestidas, com os filhos mais educados, não regressarem eles na mesma miséria com que foram para lá. Creio que há realmente essa distinção a fazer quanto á psicologia do regresso.

PEREIRA DE MOURA — Estou a concordar, em princípio com as coisas ditas, quer pela sr.ª D. Etelvina Lopes de Almeida, quer pelo sr. Henrique Ruas. Mas queria dizer — exactamente porque me parece que é muito importante, neste momento, em que tanto se fala de desenvolvimento regional e em organismos de desenvolvimento e planeamento regional, comissões consultivas, e, enfim, tem havido imensa confusão, e tomadas de posição diversas em torno disso — que não há meio de vir uma decisão que vá ao fundo das coisas. Eu estava a ouvi-lo falar da necessidade de repetir, embora adaptado aos tempos de hoje, o fenómeno municipalista medieval, e a pensar que esse municipalismo em princípio, no fundo, correspondeu à aceitação e até ao pôr do seu lado, digação de uma força nova, nascente, que era precisamente a burguesia medieval, contra formas antiquadas. Ora, levando até ao fim esse seu exemplo, eu penso que é essencial que em quaisquer formas e reformas que se façam agora em vista ao desenvolvimento regional, quer em vista às comissões, que tenham poderes de decisão, e penso que devem ter pelo menos alguns poderes de decisão, ou então serão apenas consultivas, é essencial que essas comissões e organismos, e novos órgão administrativos, não caiam exclusivamente nas mãos das forças tradicionais. E eu estou a ver comissões regionais para o Sul do País ou para o Centro a serem constituídas por uma grande assembleia de lavradores, latifundiários ou meios proprietários, alguns funcionários públicos, pessoas de profissões liberais, uns delegados do Governo e, mais nada E as forças nascentes, as forças que estão realmente interessadas e as populações interessadas na mudança, aquelas que sofrem e que por isso estão dispostas a lutar para que o seu sofrimento, pelo menos, ganhe algum significado, são precisamente os trabalhadores rurais, os trabalhadores das indústrias, os empregados do comércio, etc., toda essa gente excluída de qualquer orgânica que se tenha pensado até agora. E excluída por uma razão muito simples: é que não são excluídos formalmente, põem-se lá os dirigentes da Federação de Casas do Povo, põem-se lá umas pessoas pela corporação de qualquer coisa e diz-se, sossegadamente: «os trabalhadores estão representados», como acontece actualmente na Câmara Corporativa. Ora, não é esse tipo de presença que pode interessar. E, portanto, com vista á solução de um problema destes, parece-me muito mais importante conseguir a liberdade sindical, para que os trabalhadores através dos seus sindicatos livres possam conquistar os seus direitos a falar no desenvolvimento regional ou nas acções regionais, parece-me isto mais importante, embora seja um caminho indirecto, do que irmos lutar directamente para que se ponham dois ou três representantes dos trabalhadores rurais numa comissão dessas, se por acaso na lei não tenha sido prevista, pois que daí vinha uma solução fictícia e que nem sequer era mobilizadora, educativa para os próprios trabalhadores

Portanto, este ponto parece-me importante. Mas, mais: quando há pouco se falava de emigrações políticas que se podiam fazer para reorientar a emigração, eu só aludi a medidas que se podiam tomar no âmbito interno. Quer dizer, conseguir que a migração a fazer, de certas zonas e actividades do País, fique dentro do País, mas em condições substancialmente diferentes das de hoje. E também penso que já disse o suficiente, que não acredito que uma solução dessas vá para a frente sem colidir, frontalmente, com os sistemas e os métodos actuais, e o pessoal actual. Mas, julgo que há outros problemas. Um, já foi referido aqui várias vezes: é o problema daqueles que já estão lá fora e que ainda continuarão a ir, antes que se tomem e tenham tempo para dar resultados medidas de outro tipo, política de outro tipo. E esse é um problema gravíssimo. Continuando a ir gente para fora, porque é que não a reorientamos para outro sítio? Em vez de irem para França, irem, por exemplo, para Angola ou para Moçambique. Ora, quando há pouco ouvi a sugestão de África, acerca de colocação de excedentes demográficos, pensava duas ou três coisas. Em primeiro lugar, que nós, verdadeiramente, aqui no continente europeu (nas ilhas já é diferente) não temos excedentes demográficos. Nós temos uma densidade populacional que não é das mais baixas do mundo é evidente, nem da Europa, mas que está substancialmente abaixo das densidades da Bélgica, da Holanda, da Alemanha, da Inglaterra, e não vale a pena continuar as citações. E as pessoas não fogem desses países. Pior, é para lá que fogem os nossos. Portanto, o problema não é de excesso demográfico, nem sequer é do ritmo de crescimento. Nós estamos, por uma série de razões, com um decrescimento muito lento das taxas de mortalidade, sobretudo de mortalidade infantil, e um decrescimento muito mais rápido das taxas de natalidade, e, portanto, o crescimento, o saldo fisiológico da nossa população, anualmente, não é nada de espantoso. Quando a gente vê os 3 por cento típico, ao ano, do crescimento da população da América Latina e compara, não chega ao 1 por cento aqui em Portugal, a única conclusão é esta: verdadeiramente não há problema ou se o há é porque não se faz nada para o resolver Mas era um problema perfeitamente aracável. Agora apontava outra coisa: é que mesmo não se fazendo nada, as pessoas fogem. Esse é um facto, e que justifica esta «Mesa». E se as pessoas fogem porque é que não se hão-de tomar medidas para que vão para Angola e Moçambique? Eu recordo que desde meio e finais do século XIX, quando começa alguma ocupação desses territórios, os portugueses nunca tiveram vocação para ir para África Às vezes fala-se de vocação universalista. Em certos aspectos é verdadeira. Mas, o ponto aqui fundamental é que não vejo uma tradição portuguesa para a emigração africana, a não ser de uma forma extremamente limitada.

Em segundo lugar, na [illegible] de, no caso de se querer incentivar a ida de portugueses daqui, do continente europeu, para Angola e Moçambique, só estávamos a contribuir para incentivar o desenvolvimento racista. Não creio que isto vá no sentido da tradição portuguesa

Em terceiro lugar, julgo que é absolutamente ilusória a ideia de que os emigrantes uma vez que vão para França e Alemanha e lá se tornam produtivos, ganham dinheiro e até têm uma vida melhor, porque até mandam para cá sob a forma de promessas de emigrantes, então em vez de irem para lá iam para a África. E é ilusório porque a nossa gente aqui efectivamente é improdutiva, vai para a França ou para a Alemanha e torna-se produtiva, não pelo facto de tirar especialidades ou de seguir cursos, isso é importante, mas mesmo quando vão como mão-de-obra não qualificada e assim permanecem uns meses ou uns anos, inserem-se numa estrutura económica onde há capital, em que há empresas organizadas, onde há mercados, onde há políticas bem dirigidas e, por isso, eles passam a ganhar mais e a poder mandar para cá.

HENRIQUE RUAS — Queria apenas dizer que me parecem muito justas as observações feitas pelo prof. Pereira de Moura. Queria, em todo o caso, dizer que eu não defendo, ou não quis defender, uma política sistemática de emigração daqui do Continente para a África Portuguesa. Aquela pequena observação que eu tinha feito marginalmente de que toda uma emigração daqui para a África devia respeitar sempre o direito das populações nativas, parece-me que de facto merecia o desenvolvimento que lhe veio depois a dar c dr. Pereira de Moura.

PEREIRA DE MOURA — Há um ponto que eu levantava há pouco, ou sugeria, e sobre o qual eu queria dizer qualquer coisa. Em relação aos que estão lá fora,

(Continua na pág. seg.)

A emigração — causas, consequências e soluções

(Conclui da pág. anterior)

seja em França, seja no Brasil — são hoje as nossas duas grandes colónias — o que é que se deve e pode fazer? Eu não tenho experiência em ordem à colónia portuguesa em Paris, em França ou na Alemanha de um modo geral. Mas, já tenho um mínimo de experiência em ordem à colónia portuguesa do Brasil. E uma coisa que me impressionou em São Paulo foi: serem os contactos feitos com os portugueses que triunfaram lá, os comendadores, digamos assim. Aliás, fomos perfeitamente recebidos. As pessoas estão perfeitamente inseridas na sociedade brasileira: um certo saudosismo da Pátria, às vezes a compreensão da política daqui, o acompanhamento dos acontecimentos, quer portugueses, quer brasileiros, quer mundiais, mas, sem problemas por aí além. Mas um dia, nesta viagem que fiz com os estudantes de Económicas, na Páscoa passada, houve um dia que nos convidaram, e foram portugueses, para irmos à Rádio Tupi, em São Paulo, porque há uma emissão todos os domingos dedicada à colónia portuguesa. E nós fomos lá, participar da emissão. E o que me impressionou foi isto: foi a primeira vez que eu vi, nas minhas duas idas ao Brasil, foi essa a primeira e a única vez que eu vi um emigrante português. Não é aquele que triunfa, mas é aquele que sofre. E aquele que sofre, não só porque não triunfou do ponto de vista económico, mas, sobretudo, porque se cultiva daqui e por parte das autoridades portuguesas de lá, e dos mandantes da colónia portuguesa de lá, cultiva-se o saudosismo. Aqueles eram homens e mulheres que precisavam de ser ajudados a inserirem-se na sociedade brasileira. Não pode haver a mínima esperança que eles permaneçam portugueses no sentido de voltarem para aqui, no sentido de continuarem a pensar e a julgar as coisas do mundo em função de Portugal. Eles estão no Brasil e tendem a ser brasileiros. Esta é a realidade. E se não forem eles formalmente, juridicamente, os filhos já o são. Ora, em vez de dizer as coisas com este realismo e realismo que leva a criar escolas não portuguesas, mas com dinheiro português para se dar a educação e os programas brasileiros aos filhos de portugueses, enquanto não chegarem às escolas brasileiras. Realismo que obrigaria a fazer, se fosse necessário, programas especiais na Rádio e na TV para ajudarem a inserir-se esses emigrantes portugueses na realidade brasileira, explicar-lhes que o Brasil é um grande país e com grande futuro, em vez de querer convencê-los de que aqui é que é tudo e que aquilo ali não conta quase para nada — eles vêem que é ao contrário. Programas especiais de Rádio e de TV e jornais especiais se os houver, e com dinheiro português, sejam idos daqui, sejam das pessoas portuguesas de lá que têm dinheiro, mas no sentido de ajudar esses portugueses a entrar sobre as mais diversas maneiras na sociedade brasileira. Ensinar-lhes o que são os sindicatos, ensinar-lhes o que são o tipo de relações humanas que lá se estabelecem nas empresas, explicar-lhes a vida e a organização política do Brasil, que é substancialmente diferente daqui, e além disso foram daqui sem conhecer sequer a nossa. Explicar-lhes ou ensinar-lhes a história do Brasil. Isto aos adultos, visto que as crianças aprenderiam nas escolas. Explicar-lhes o que tende a ser a projecção do Brasil no mundo e o singnificado para Portugal e para a cultura lusíada o significado que terá no Brasil e que já hoje tem.

Ora, em vez disto, recitam-se trechos sobre os verdes campos daqui do Minho e levam-se cantores que cantam o fado daqui, quando do ponto de vista de canções, o canto do Brasil está extremamente mais rico e avançado do que nós. Quer dizer, cultiva-se o saudosismo. Destroem-se as últimas possibilidades que havia de ajudar aquelas pessoas a realizarem-se como homens. Degrada-se a sua situação, sobretudo porque os brasileiros, especialmente das classes populares, e por maioria de razão das classes cultas, sentem o ridículo desta política e o emigrante português ainda fica mais diminuído na sociedade brasileira por haver esta política. Portanto, isto está errado no Brasil. Temo que venha a acontecer qualquer coisa de semelhante em França, o que seria também errado.

MODERADOR — Já não temos muito tempo para prosseguir nesta troca de ideias. Já não é portanto sequer possível nem talvez fosse desejável, fazer uma espécie de divisão que cobrisse a totalidade dos problemas em jogo. Há um problema que eu gostaria de lançar para a discussão, relativo ao retorno dos emigrantes ou mais largamente dos portugueses que neste momento se encontram no estrangeiro. E estava a pensar não no retorno indescriminado, mas no retorno de certas categorias precisas, que poderiam ser por um lado os técnicos, os intelectuais, de qualquer forma, as pessoas de alta qualificação; uma boa parte dos quais, de resto, não são imigrantes no sentido básico do termo, mas são mais exilados que imigrantes, como é que seria possível e se seria ou não desejável fazê-los regressar para os fazer contribuir para a evolução deste País e por outro lado ainda dentro dos imigrantes ditos «económicos», que categorias é que seria mais vantajoso fazer regressar, categorias que podem ser encaradas quer em termos de idades, quer em termos de qualificação profissional, quer em termos inclusivamente de capacidade de iniciativa e inclusivamente de capacidade de iniciativa do ponto de vista político sindical.

PEREIRA DE MOURA — Pego só no primeiro ponto, quer dizer, no eventual retorno dos «imigrantes» intelectuais. Ora todos temos ouvido dizer, e agora está até mais em moda insistir-se nisso, que grandes valores da cultura portuguesa e da ciência portuguesa têm tido que ir para o estrangeiro; estão no Brasil, estão em França, na Itália e em tantos outros países. E é verdade. Mas eu distingo dentro desses valores aqueles que saíram daqui por razões políticas e aqueles que saíram porque de momento não encontravam no País condições para se realizarem e fazerem a obra para que sentiam possibilidades, por exemplo no campo científico ou literário. Ora quanto a esta segunda categoria, chamemos-lhe assim, estou convencido de que haverá dificuldade em que muitos deles voltem. Mas parece-me pior a situação daqueles que já saíram daqui por razões políticas, professores destituídos das Universidades: Ruy Gomes, no Recife, Valadares, em Paris, e tantos outros; esses saíram por razões políticas. Quais são as condições que se lhes oferecem hoje, para se lhes dizer que voltem?

Ainda outro aspecto que eu queria levantar ligado com isto, e aqui ponho sobretudo uma nota de ignorancia, pelo menos em relação a certos aspectos: eu vi professores portugueses, desses imigrados por razões políticas, e que estão no Brasil e que eu teria muito gosto em ver por cá. Mas, simultaneamente, e agora despersonalizando, porque senão até dá sofrimento ás pessoas, tenho pena se virem, pela obra extraordinária que estão fazendo no Brasil; obra extraordinária no campo científico e cultural. Considero a presença mais válida de Portugal no Brasil precisamente a de Ruy Luís Gomes, a dirigir o departamento de investigação na Universidade de Pernambuco, no Recife, e que é considerado o melhor departamento de matemática em toda a América Latina, onde vão investigadores e professores de toda a parte da América Latina trabalhar. Portanto, se ele viesse, provàvelmente esse departamento, não sei se já tem neste momento sucessores preparados, mas provàvelmente esse departamento ia á ruína. Se eu gostava, a título particular, que ele viesse, teria pena, do ponto de vista da projecção da cultura portuguesa no mundo, que ele abandonasse aquele posto. Mas não sei se se passam coisas semelhantes, e sobretudo de presença de imigrantes intelectuais portugueses junto dos trabalhadores portugueses que vivem em Paris, porque se for assim eu penso que não deveríamos fazer nada para que os intelectuais regressassem e ficassem lá os povos trabalhadores. Pode ser que eles não estejam hoje a prestar-nos auxílio nenhum ou pode ser que estejam. Como digo, ignoro as condições aí, mas se efectivamente os intelectuais portugueses que imigraram por motivos políticos ou outros quaisquer estiverem neste momento a prestar auxílio em tantos aspectos em que ele pode ser prestado aos trabalhadores portugueses que devido ás suas condições de miséria tiverem de emigrar daqui para Paris, então eu teria pena que esses intelectuais regressassem. Pode é pôr-se o problema de outra maneira: porque é que hão-de ser eles que já se sacrificaram durante um tempo, e não irem brigadas agora daqui prestar esse apoio aos trabalhadores portugueses. Enfim, esta perspectiva poderia levar longe.

ETELVINA LOPES DE ALMEIDA — Já que o dr. Pereira de Moura tocou um problema que é o contacto do intelectual português com o trabalhador imigrado, também português, em Paris, eu posso juntar-lhe um testemunho. Estive em Maio passado em Paris e tive oportunidade de assistir a uma reunião em que falava Maria Lamas a uma sala de trabalhadores portugueses, portanto imigrantes. Posso dizer que a palavra de Maria Lamas, muito serena, sem paixões, sem quase fazer política, se dirigia e colocava no mesmo pé de igualdade. Mas estou inteiramente consigo, pois eu não sei se essas pessoas, esses intelectuais, que se entem útei lá fora junto de outros portugueses e que formam com eles uma família humana, se hoje se sentiriam bem aqui. Simplesmente, se o lar português não lhes desse aquela serenidade e aquela independência que eles foram procurar lá fora, então mais vale que fique deles a ideia de que lá fora continuam a ser portugueses.

HENRIQUE RUAS — Sobre este último ponto eu creio que posso resumir o que teria a dizer nesta simples fórmula — é desejável que possam regressar e que se criem condições para que regressem todos aqueles que queiram voltar para Portugal; assim como também é desejável estimular, como sugeria o dr. Pereira de Moura, a presença, por turnos, se isso fosse possível, de intelectuais portugueses junto dos imigrados de outras classes, sobretudo, residentes em países que não são de cultura portuguesa. E aproveito esta referência a países que não são de cultura portuguesa para acrescentar àquilo que foi dito há pouco pelo Dr. Pereira de Moura, que me parece muito bem que se procure tanto quanto possível e até de uma maneira muito sistemática e intensa a integração verdadeira dos portugueses do Brasil na sociedade brasileira. Mas já não me parece defensável, pelo menos no mesmo grau, a integração ou a política de integração dos portugueses imigrados noutros países de culturas muito diferentes como é o caso da França ou ainda mais da Alemanha, dos Estados Unidos, do Canadá, da Austrália. Aí creio que seria preferível conseguir de facto manter através de uma rede de escolas, de jornais, de emissores ou pelo menos de programas próprios em emissores estrangeiros, manter um espírito português susceptível de favorecer um possível regresso.

MODERADOR — Tenho a impressão que atingimos ou até tenhamos ultrapassado o tempo que nos tinha sido atribuído. Nestas circunstâncias, talvez seja conveniente encerrar o debate.

Comunicados

A Oposição deve concorrer às urnas para votar na Democracia

— afirma a C. E. U. D. do Porto

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática do Porto recebemos o seguinte comunicado:

1 — «*Legenda*» — É da competência da Assembleia Nacional «fazer leis, suspendê-las, interpretá-las e revogá-las». Ora para os democratas, fazer leis, interpretá-las, suspendê-las e revogá-las, é exercer uma função séria, responsável, vigilante e operante. É intervir na administração pública. É ser solidário com os anseios e os interesses nacionais; proclamando-os, corporizando-os, defendendo-os.

A Oposição deve concorrer às urnas, para votar na democracia.

2 — Os candidatos da *C. E. U. D.*, em cooperação com as suas comissões políticas estão a ultimar a redacção da sua proclamação ao eleitorado, a apresentar numa próxima conferência de imprensa.

3 — A *C. E. U. D.* e a *C. E. D.* continuam a diligenciar a obtenção de cópias dos cadernos eleitorais de todo o distrito.

4 — Agradece-se que, sem demora, e para se evitar uma excessiva aglomeração nos últimos dias, sejam desde já obtidos os bilhetes de convite para a sessão do 5 de Outubro, no Coliseu do Porto, em distribuição na sede da Candidatura, na Rua de Santo Ildefonso, 307, 1.º, (com o telefone privativo 21 665).

6 — Na indicação que se fez ontem dos membros da Comissão de Valadares deixou de se referir os nomes dos srs. António José Teixeira da Silva, analista, e José Fernandes Carvalho, comerciante.

Da Comissão da freguesia de Mafamude fazem parte mais os seguintes cidadãos: Acácio Ribeiro Maia, Adelino Sequeira de Almeida, Joaquim Pinto Maia, Adelino de Sousa Pinto, Diogo Teixeira de Almeida, Manuel Augusto da Rocha, João Nunes de Sousa Pinheiro, Albino Pereira da Silva, José Júlio Fernandes, José Lima Martins, Rodrigo Manuel de Almeida Fernandes, António Pereira Mata, Alfredo da Silva, João Hermani Pinho, Alfredo Soares, Joaquim Moreira, Antero Nunes de Sousa.

A Comissão do Olival é composta pelos cidadãos: Joaquim Fernandes Dias, Emílio de Sousa Dias, José Pereira Lopes, José Pereira Santos, Joaquim da Silva Nunes e Manuel Ferreira da Silva.

A sede da Comissão de Matosinhos ficou instalada na Rua Heróis de França, 545, daquela vila.

LIVROS ESCOLARES

LIVRO ÚNICO 1.ª CLASSE ... 17$00
LIVRO ÚNICO 2.ª CLASSE ... 22$50

Parceria A. M. Pereira, L.da

Rua Augusta n.º 44-54
LISBOA

Diário de um candidato

ARMANDO BACELAR

Os quatro candidatos da União Nacional pelo Porto que assumiram posição autónoma em declaração fornecida à Imprensa, na qual dizem acreditar na evolução do regime do Dr. Marcello Caetano em sentido democrático e a sua firme disposição de lutarem na futura Assembleia pelo reconhecimento da legalidade duma Oposição e pelos direitos fundamentais dos cidadãos consignados no art. 8.º da Constituição e na Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela O. N. U., deram, até agora, a nota sensacional e mais digna de reflexão vinda do lado situacionista desta campanha.

Pessoas de indiscutível honorabilidade pessoal, rectidão de intenções e seriedade de propósitos, o que teria determinado a atitude de aceitarem as suas candidaturas na lista da União Nacional e o que teria levado esta a convidá-los? Não há dúvida que a resposta a estas perguntas, mesmo conjectural, é complexa e não se resolve com simples afirmações maniqueístas. Exige uma compreensão que os nossos esquemas mentais e os dos nossos adversários estado-novistas, adquiridos ao longo de mais de quarenta anos de confrontação por todas as formas em dois grandes campos opostos, nem sempre permitem.

Antes de mais nada, devo dizer que, com o fim do governo pessoal de Salazar e a subida ao Poder dum sector do seu regime há anos afastado da governação pública, representado pelo actual Presidente do Conselho, me parece ter-se operado uma descompressão. Mais no ambiente, mais num uso menos arbitrário dos poderes discricionários dos governantes a todos os níveis, incluindo as forças de repressão e a censura (que órgãos da governação têm sido, pela sua actuação e poderes e até pela simples intimidação decorrente da sua existência) do que por qualquer liberalização, que efectivamente não existe, desde que todas as leis antidemocráticas do regime se mantêm intocadas.

Mas isto bastou, num povo tão faminto de diálogo e de expressão autêntica, para um certo fervilhar da vida política vir, na medida do possível, à superfície e desaguar nesta campanha, mesmo na confusão, no equívoco e na incompreensão próprios de quem não está a contemplar os fenómenos por dentro. Ele exprime-se, a meu ver, por uma tendência com certo vigor e ainda nem sempre conscientializada para a formação e actuação de partidos políticos. Com este nome, com o de sectores de opinião ou de correntes de pensamento não importa. O que importa é que ele existe e dilacera os dois grandes campos em que até agora se tem polarizado a vida política nacional — o da *Situação* e o da *Oposição*, provocando uma fragmentação no interior dum e doutro.

Na Itália há nove partidos políticos fundamentais. Cada um deles tem o seu centro, a sua esquerda e a sua direita. E acontece que, por vezes, as opções de algumas dessas alas têm mais afinidades com as de alas de outros partidos do que com as restantes alas do próprio. Assim as «nuances» de opinião são efectivamente mais plurifacetadas do que a existência e o número dos partidos revela. Não me admira nada que o mesmo fenómeno (mas com bem maior perturbação resultante da falta de democracia no nosso país) esteja a acontecer e se venha a ampliar entre nós.

A *Situação* tem as suas tendências e correntes cujo leque começa a diversificar-se. No interior da União Nacional esboçam-se sectores liberalizantes duma «esquerda», um centro hesitante e uma direita «ultra», conforme os seus adeptos jogam numa evolução, numa conciliação ou num regresso aos moldes anteriores do salazarismo clássico e julgam possível que isso ainda se faça dentro de tal organismo. Mas o regime tem já os seus «contestatários», que não cabem dentro dos espartilhos do «novo curso», constituídos, entre outros, por uma camada de «ultras» que proclamam como traição toda a mudança e sonham com a reposição por qualquer forma do regime nos moldes imobilistas que o caracterizavam até 6 de Setembro de 1968.

A *Oposição*, por seu lado, encerra também forças e correntes divergentes, o que, entre democratas diferenciados, naturalmente é legítimo. A Acção Democrato-Social, onde pontifica Cunha Leal, prega a abstenção. A Acção Socialista Portuguesa, que está na origem das C. E. U. D. de Lisboa, Porto e Braga, pronunciou-se pelo concurso ao acto eleitoral realizado por uma *coligação* de forças democráticas, que não pôde ser alcançada pela falta de estruturação conveniente destas, impossível dentro dum regime antidemocrático, por divergências de princípio. Os católicos progressistas, sem unificação e orientação comum à escala nacional, decidiram-se por opções de consciência e pessoais. Os progressistas e os democratas sem estruturação, duma maneira geral adoptaram a concepção da unidade clássica, vinda desde o M. U. D., de 1945, como uma conjugação de antifacistas e sua subordinação à massa democrática, sem considerações de grupos ou partidos, dando esta atitude na presente campanha lugar às Comissões Democráticas existentes por todo o país e nas quais, com excepção de Lisboa, Porto e Braga, participam e colaboram todos os democratas intervencionistas, em excepção dos pertencentes ao sector que, naqueles 3 distritos, impulsionou as C. E. U. D. Mas a Oposição tem também os seus «contestatários», aqueles que não acreditam na utilidade da campanha eleitoral e, muito menos, do concurso às umas, considerando tudo isso uma manifestação de miopia política de adormecimento das massas, de castração da sua luta pela democracia ou pelo socialismo.

Tudo isto é muito esquemático e manifesta-se com maior evidência nos maiores centros urbanos e nos distritos mais politizados de Lisboa e Porto.

Ao cabo desta explanação, necessàriamente esquemática e naturalmente sujeita a erros e até a inconveniências fruto de interpretação pessoal muito sincera e quanto possível isenta, voltemos ao caso dos quatro Candidatos «independentes» da lista da União Nacional pelo Porto e da sua declaração.

Não será audácia adivinhar na determinação que tomaram uma *aposta* e uma esperança. A aposta será a da fecundidade da sua acção, em proveito geral e dos princípios que apregoam, no seio da futura Assembleia Nacional e das dificuldades que nela irão encontrar, acerca das quais, como pessoas esclarecidas, decerto não se iludem. A esperança será a duma *abertura* que leve a governação do Dr. Marcello Caetano a uma cada vez maior desvinculação do salazarismo e a uma deslocação do seu centro de gravidade. Por detrás dessas duas atitudes estará uma íntima convicção na ineficiência do combate da Oposição Democrática para alcançar os objectivos que se propõe.

Claro que se me afiguram ilusórias estas premissas.

O próprio comunicado de 1/10 da União Nacional se revela inteiramente contrário à expressão pluralista de opiniões e correntes fora desse organismo. Nesse comunicado, a União Nacional afirmou sem rodeios «conter em si própria representantes de *tudo o que há de legítimo* e útil no panorama político nacional» (sublinhado meu). A remodelação ministerial que deu origem à entrada no Governo de personalidades de técnicos mais ou menos descomprometidos anteriormente do regime, não tem relevante significado político, exprime fundamentalmente uma necessidade de alcance da colaboração de técnicos eficientes para a consecução dos objectivos económicos de que tanto o regime como o neocapitalismo tinham urgente necessidade; mas, nos postos-chave de natureza política ou militar, continuam pessoas seguras para a continuidade do regime sem alteração sensível, que, quase todos, vinham já da governação Salazar.

Objectivo da C. D. E. de Vila Real

Da Comissão Democrática Eleitoral de Vila Real recebemos o seguinte comentário:

«Problema fulcral das sociedades dos nossos dias, verdadeira variável estratégica que é vector do desenvolvimento global, o ensino ocupa, no espaço e no tempo do Portugal de hoje, um lugar de extrema importância no contexto das actividades que urge dinamizar, para auxiliar cabalmente a um activo e inexorável processo que nos permita arrancar do subdesenvolvimento em que caímos nos mais variados sectores, que consiga diminuir, no mais curto prazo, o desfasamento que se foi criando entre nós e Europa. O ensino, porém, não é uma questão cuja resolução se encontre em «miraculosas» reformas parciais que não passam de meros paleativos ou na substituição de compêndios e de mestres, dos esquemas de preparação pedagógica habituais; o ensino insere-se num todo sócio-político de que já não é viável dissersociá-lo.

Se o analfabetismo em Portugal é um problema crucial, nem por isso outros deixam de ressaltar a quem queira, de forma isenta, debruçar-se sobre o sector do Ensino. O fraquíssimo índice de frequência dos liceus e escolas técnicas, já de si insuficientes e mal apetrechados, em relação à população em idade de os frequentar; — a existência de «regentes» escolares» com a 4.ª classe a ministrar o Ensino Primário total constituem um nunca acabar de vícios de estrutura.

Por tudo isto a C. D. E. V. R. se propõe lutar com vista a um ensino cada vez mais de todos, isento de mais de todos. Este será o nosso rumo; seguir-lo-emos intransigentemente quaisquer que sejam as barreiras que se nos deparem.»

Comunicado da C. E. U. D. do Porto

Da C. E. U. D. do Porto recebemos um comunicado em que se afirma:

«Continuam a receber-se adesões da cidade e do distrito do Porto, permitindo-nos salientar a do poeta e escritor José Régio.

A comissão de apoio do concelho de Vila do Conde ficou definitivamente constituída com os seguintes cidadãos: António Gomes de Oliveira, ferroviário; dr. Joaquim Luís de Almeida Sousa Pereira, candidato a advocacia; Jorge da Silva Correia, comerciante; dr. José Alves Miranda, advogado; José Francisco Soares Filho, empregado comercial; José Teixeira da Silva, funcionário público, aposentado; Manuel Igreja Peixoto, comerciante.

A comissão de freguesia de Guilhabreu do mesmo concelho, ficou constituída com os seguintes cidadãos: Reinaldo Azevedo Cardeal, Jorge Azevedo Cardeal, Manuel Ferreira da Silva, António Nogueira Guimarães, Silvestre Moreira da Costa, Joaquim Gomes Moreira e Manuel de Azevedo Teixeira.

Do concelho de Gaia ficou constituída a seguinte comissão da freguesia de Canelas: Joaquim Pinho Ferreira Junior, operário industrial; Eduardo Gomes industrial; Manuel da Silva Fontes, empregado industrial; António Torres Barbos, industrial; Alberto Costa, serralheiro e Serafim Pinto Soares, comerciante.

● Comissões da U. N. em Viana do Castelo — O presidente da comissão distrital de Viana do Castelo, sr. eng.º Soeiro de Carvalho, esteve ontem reunido com as comissões concelhias da U. N. de Caminha e Ponte de Lima. Ficaram constituídas todas as comissões paroquiais de apoio aos candidatos da U. N.

ACTUALIDADE ELEITORAL

● OPOSIÇÃO DE SETÚBAL — Em reunião na sede da Comissão Concelhia da Oposição Democrática de Setubal foram tomadas resoluções sobre os seguintes pontos: fotocópia dos cadernos eleitorais; boletins de voto em condições de igualdade com a U. N.; programação das sessões de propaganda; necessidade de alargar a campanha de fundos.

● A CAMPANHA DA OPOSIÇÃO EM COIMBRA — Na agenda da campanha eleitoral da Comissão Democrática Eleitoral do distrito de de Coimbra, estão inscritas as seguintes actividades: dia 10 — conferência de Imprensa, ás 21 e 30, na sede; dia 11 — recepção no Grande Hotel da Figueira da Foz, ás 16 horas, e sessão para apresentação de todos os candidatos no Parque Cine, ás 21 e 30; dia 12 ás 15 horas, colóquio em Condeixa, com a prepresença de dois candidatos e colóquio em Cantanhede pelo prof. Henrique de Barros; dia 18 — colóquio numa freguesia da Figueira da Foz por um dos candidatos, á noite; dia 19 — ás 17 e 30, mais uma sessão no Avenida; dia 22— sessão no Avenida, ás 21 e 30; dia 24 — sessão no Avenida, ás 21 e 30.

Além destas actividades, outras estão previstas, nomeadamente a realização de sessões de propaganda em várias freguesias.

Sessão de propaganda da C. E. U. D. de Lisboa

Aspecto da assistência que ontem encheu a sala do «Vasco Santana»

(Continuação da 1.ª pág.)

dores receberam frequentes aplausos, tendo a sessão decorrido em emocionante clima de exaltação patriótica, com constantes apelos de liberdade e de amnistia.

Seguindo-se no uso da palavra, Etelvina Lopes de Almeida teceu considerações sobre «a mulher o voto e o medo».

«A fastada propositadamente de todo o debate político, ignorante do que vale a sua opinião como elemento da sociedade a que pertence, que podemos esperar desta mulher, antes de lhe termos dito que ela deve e tem de ser chamada a participar no debate para a elaboração de leis que irão reger os destinos de seus filhos?», perguntou, acrescentando que a mulher não faz senão uma eleição contínua, *«quando sai de casa para abastecer a sua cozinha»*, ou *«quando determina o que se vai comer ao almoço e ao jantar»*, ou *«quando procura habitação dentro das suas limitações económicas»*.

Referindo-se ás mulheres que o *medo* afasta de tudo o que se assemelhe a política, afirmou:

«Elas são vítimas inconscientes de um sistema que as envaideceu como «rainha do lar», como traves familiares de quem tudo depende, mas se esqueceu delas, quando estudou as leis que as deixaram ficar no silêncio do seu reinado, á margem dos seus próprios dramas e desprotegidas.»

A DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER PEDIDA PELO CANDIDATO MÁRIO BRUXELAS

Por seu turno, o candidato arquitecto Mário Bruxelas, falando como técnico, referiu-se ás condições vigentes no País nas quatro últimas décadas e apontou *«a ineficácia dos serviços, a carência dos quadros e a situação de desfavor em que se encontram os servidores do Estado»*.

«Não obstante — afirmou —, *apesar de tudo, constituiram-se grupos valiosos de técnicos competentes e jovens: uns fora, outros dentro da Administração»*.

Mais adiante o arquitecto Bruxelas considerou *«imperioso e urgente promover a descentralização do poder»*, mas desde que esta seja *«levada a cabo por processos democráticos que permitam a criação, a nível local, de assembleias livres para estudo e discussão dos problemas regionais e lançamento de iniciativas de interesse comum; e ainda que os municípios e outros orgãos de administração sejam eleitos por sufrágio directo»*.

Por fim, o orador, atribuindo a máxima importancia ao planeamento, disse pretender *«que os Planos de Fomento constituam o quadro que oriente e incentive o desenvolvimento económico e social»*.

Durante o improviso que em seguida fez, o candidato dr. Sousa Tavares referiu-se á luta eleitoral como uma *«viagem a caminho da liberdade»*.

Depois de ter exortado os Portugueses a que *«acabem com o medo e partam do princípio que Portugal é a terra que lhes pertence»*, defendeu o incremento da cultura e a liberdade da Universidade, e denunciou o que se passa no sector do Desporto:

«Ninguém faz «sport» e, no entanto, temos a primeira Imprensa desportiva da Europa».

«É tempo de voltarmos a apanhar o trem onde o deixámos» — afirmou.

E a concluir:

«O Português está a fugir de Portugal. Se a terra se despovoar, que resta para fazer Portugal?»

Por último ergueu-se para falar o dr. Mário Soares. Frequentemente interrompido pelos aplausos da assistência, o dr. Mário Soares começou por recordar *«os homens que eram estudantes quando veio a nuvem negra do fascismo, os homens que lutaram contra o fascismo em toda a parte»*.

Lembrou Manuel Mendes, o general Humberto Delgado e, também Urbano Tavares Rodrigues (ali presente) e saudou os representantes da Imprensa, referindo a Censura oficial, mas, também a que se processa em certos jornais.

«Tenho participado em todas as campanhas eleitorais desde 1945».

Por fim, o dr. Mário Soares reafirmou a decisão da C. E. U. D. de ir até ao fim, mas sob condições:

«Resolveremos no último momento, mas, para já, declaramos o nosso propósito de ir até final.»

Recordou, em seguida as linhas gerais do programa político da C. E. U. D. e afirmou:

«Este é o programa por que nos bateremos se formos eleitos para a Assembleia Nacional; este é o programa por que nos bateremos se não formos eleitos para a Assembleia Nacional.

E a terminar já sobre a meia-noite, antes dos aplausos finais e do Hino Nacional, cantado em coro pela assistência.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
COMPAE 69/DSM

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Publicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA PROPOSTAS	
			DATA	HORA
15PAE/69	BATERIAS P/VIATURAS AUTO	15 000$00	10DEZ69	15.30 h.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 ás 18 horas e aos sábados, das 10 ás 12 horas.

As propostas devem ser entregues até ás 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

Lisboa, 3 de Outubro de 1969.

Pelo Presidente da COMPAE69/DSM,
JOSÉ MANUEL TOJEIRO QUINTÃO
Ten. Cor. Eng.º do S. M.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«LUGELA» a sair em 27 de Setembro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **PRINCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES** e **PORTO ALEXANDRE** (se necessário).
«PORTO» a sair em 19 de Outubro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA.** Carrega — Porão: de 12 a 16 de Outubro. Frigorífico: em 18 de Outubro.
«AMBOIM» a sair em 20 de Outubro	Para: **S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO** e **MOÇÂMEDES.** Carrega — Porão: de 12 a 17 de Outubro. Frigorífico: em 18 de Outubro.
«BAILUNDO» a sair em 24 de Outubro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 17 a 21 de Outubro
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 31 de Outubro às 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES** e **BEIRA.** Carrega — Porão: de 23 a 28 de Outubro. Frigorífico: em 29 e 30 de Outubro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 17 de Outubro à 21 de Novembro às 18 h.	Com escala por **VIGO** e **FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU** e **PORT EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

Debates e mesas-redondas na sede da C. D. E. de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

des á cedência de salas para a realização de sessões. Parece-nos desnecessário sublinhar o significado de tal atitude.

3. Nas sessões publicas de propaganda eleitoral, e dado, por um lado, a exiguidade das salas que nos é possível utilizar e, por outro lado, a grande afluência de democratas, muitas pessoas ficam impedidas de assistir.

Para obviar a este inconveniente, a C. D. E. resolveu que, a partir de quarta-feira, se realizarão todas as noites, na sede, ao Campo Pequeno, 81, debates e mesas-redondas, em que participarão candidatos e membros da Comissão Política da C. D. E.

4. Os candidatos da C. D. E. têm sido convidados a participar em diversas sessões de propaganda eleitoral, promovidas em outros distritos. As autoridades têm-no impedido sistemáticamente. A proibição — contra a qual protestamos vigorosamente — parece-nos infundada, já que declaradamente, ignora o carácter nacional das eleições, destinadas á escolha de candidatos que sejam os representantes não de interesses puramente locais, mas da vontade natural de um País cujos grandes problemas são globais.

Pela Comissão Política,
Mário Sottomayor Cardia.»

CONDENADO O AUTOR DO LIVRO «O CASO DE BELÉM»

No 3.º Correccional, no Tribunal da Boa Hora, de que é juíz o sr. dr. Pais de Almeida e Silva, efectuou-se esta manhã o julgamento do eng.º agr.º Agnelo Galamba de Oliveira, casado, de 60 anos, residente na Rua S. Francisco Xavier, 100, em Lisboa (Restelo).

O réu era acusado de, no seu livro «O caso de Belém» ter publicado diversas cartas particulares do queixoso (padre José da Felicidade Alves) sem sua autorização. O eng.º Galamba de Oliveira foi defendido pelo dr. Mimoso Ruiz, sendo advogado do padre Felicidade Alves o dr. Álvaro Soares.

Produzida a prova, e ouvidas várias testemunhas, o juíz proferiu a sentença que condena o réu a 30 dias de cadeia substituível por multa a 50$00 por dia, mais trinta dias a igual multa e 1200$00 de imposto de justiça. O arguido foi ainda condenado a pagar ao queixoso uma indemnização, a fixar na execução de sentença de um processo cível que corre seus termos - indemnização que, por vontade expressa e declarada do padre Felicidade Alves, reverterá para uma instituição de caridade. A pena ficou suspensa por dois anos.

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de PALMELA em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento no lugar de Alagoinha, no referido concelho, de uma linha aérea a 6 kV com 1.419 metros, do apoio n.º 30 da linha para o Pinhal Novo ao posto de transformação n.º 2-080 Alagoinha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Setembro de 1969.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

A proclamação da C. D. E. do Porto ao povo do distrito

«Continuação da 3.ª pág.)

que nunca esmoreceu e antes se foi ampliando, servindo essas breves aberturas controladas como única forma de o Governo perscrutar a opinião real do país e aproveitar os indicativos, assim colhidos, para os seus próprios fins. Estranha e inédita espécie de «parlamentarismo».

As nossas candidaturas traduzem, antes do mais, um imperativo de esclarecimento da actual conjuntura nacional.

A subida ao Poder do dr. Marcello Caetano, representante de um sector mais dinâmico e actualizado do salazarismo, criou ilusões e esperanças infundadas que importa, sobremaneira, desfazer, para não serem pedestral duma perpetuação da ditadura corporativista.

Interessa reconhecer, na base desse fenómeno, uma certa descontinuidade, sobre o mesmo pano de fundo, entre a inserção social e os objectivos do salazarismo clássimo e os do salazarismo marcelista. Aquele correspondeu a uma mentalidade reaccionária de velho estilo, que entendia esconjurar os seus pavores de convulsões sociais, actualizadoras da sociedade portuguesa, com a manutenção de um Portugal passadista, agrário, feudal e subdesenvolvido, recorrendo a uma repressão directa e sem máscaras. Este radica-se num capitalismo financeiro e industrial que aspira a passar ràpidamente para um capitalismo de organização e uma economia dita de consumo, à imagem e semelhança dos países de capitalismo adiantado, encarando inversamente o imobilismo anterior como fonte dos perigos de «subversão», que pretendia evitar, e o desenvolvimento capitalista como esconjurador de tais perigos, correndo os riscos desta mudança, e da necessidade de retirada da sua carapaça repressiva para posição mais discreta.»

O País debate-se com os magnos problemas que o salazarismo criou ou não conseguiu nem pôde resolver, nem sequer na sua versão marcelista.

A hemorragia humana da emigração em massa não estanca e antes recrudesce, como se vê do aumento de repressão, relatado na Imprensa. O campo português jaz abandonado e desprezado, pois não recebe senão vinte a trinta por cento do benefício que produz, carece de apoio técnico capaz, de sementes seleccionadas, de possibilidades de previsão de preços, duma estrutura agrária modernizada de industrialização, de meios de conservação e escoamento dos seus produtos, de poder contratual. A industria debate-se com problemas trans parecem das crises da têxtil, das conservas e da pesca, vivendo á sombra de pautas alfandegárias, que não podem perdurar.

A concentração das riquezas acentua-se pela fusão de Bancos, de grandes companhias de electricidade, ao ponto de 0,2 por cento de grandes empresas deterem, em 1968, cerca de cinquenta por cento do capital total das empresas, aumentando o domínio da plutocracia e dos monopólios, ostensivos ou encobertos. Numa nação, cujos índices de nível económico são os mais baixos da Europa, verifica-se que, neste último ano, a dominação do capital estrangeiro ascendeu, como bola de neve, até ao nível perigoso de os rendimentos de certos empréstimos serem suficientes para a aquisição de novas empresas no País A falta de um mercado interno capaz, ligada ao baixo nível de vida do povo e de possibilidades de integração nos grandes espaços económicos de que dependem os mercados externos (devido ao subdesenvolvimento, deficiências de estruturas e regime antidemocrático) são de molde a causar a maior apreensão nos portugueses, conscientes acerca do seu futuro colectivo. Para não falarmos já dos atrasos da técnica, do ensino a todos os níveis, da situação das mulheres, do funcionalismo público e dos trabalhadores etc., etc

«Todavia, como pode um Governo, fiel intérprete dos grandes interesses, lutar contra os abusos da plutocracia, dos monopólios e da alta finança? Como pode ele, solidário com as classes ligadas â exploração do povo, libertar o povo dessa exploração ele, que é antidemocrático, criar as estruturas democráticas e cooperativas de que essa libertação depende? Como reformar e modernizar a vida académica e o ensino?

Para explanar tudo isto é que os democratas se dispõem ao contacto público, nos escassos dias de que irão dispor. Eles, que reivindicam esse contacto como forma normal de convívio e de diálogo permanente para todos, não podiam remeter-se a uma suave inactividade abstencionista a ruminar meros protestos.

A «PLATAFORMA COMUM DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA», estabelecida na reunião de S. Pedro de Muel, é nosso programa, o ponto de partida da acção que nos propomos. Ela anuncia as reformas mínimas de que depende o nosso futuro e, quiçá, até, a nossa sobrevivência como nação livre e independente. Na sua clareza sintética, ela fala por si, dispensando-nos de mais alongamentos na sua matéria.

Não temos ilusões acerca do espírito com que o Governo irá presidir ás próximas eleições. As seguintes passagens do comunicado do ministro do Interior já referido são bem eloquentes.

«Se as oposições se contam nos estreitos limites dos círculos e se formam para pôr ao eleitorado uma simples opção de candidaturas, o Governo não tem mais que presidir, na plenitude da sua independência, ao acto eleitoral.

«Se, pelo contrário, a estratégia escolhida pela Oposição conduzir á concentração duma força unificada para a confrontação global das estruturas constitucionais ou da política do Governo, é evidente que o acto eleitoral será substancialmente transfigurado, sofisticado, revestindo o carácter plebiscitário do regime ou do executivo e desencadeando necessàriamente a reacção indispensável para a defesa da Constituição ou a contestação governamental das teses que afrontam a sua política.»

Esta transcrição demonstra que a própria disposição do Governo, de acatamento da Constituição que o rege, é meramente condiconal, encarando, até, uma atitude de autêntico golpe de Estado contra a Constituição. Com efeito, ninguém ignora que a próxima Assembleia Nacional *é constituinte* por direito próprio, sendo, portanto inteiramente lícito aos candidatos adoptarem como programa e defenderem, depois, na legislatura, todas as reformas constitucionais que entendam convenientes sem que, por isso, possam ser acusados de desrespeitar a Constituição. Aliás, tais reformas, a serem adoptadas, sê-lo-ão em obediência ao próprio texto constitucional e de acordo com o respectivo processo».

«Mas, por outro lado, a mesma transcrição evidencia, ainda desacato da Constituição, quando pretende que a acção dos candidatos e dos futuros deputados se circunscreva ao âmbito distrital, quando é certo que, pela lei fundamental, compete aos membros da Assembleia pronunciarem-se e intervirem na feitura das leis e em toda a orientação política do País, mesmo nas questões mais fundamentais e gerais.

Iremos desenvolver a nossa acção e disputar, com o eleitorado, o próximo acto eleitoral. Desta vez não ficaremos pelo caminho e os nossos contendores situacionistas terão em nós adversários leais mas firmes Vencedores ou vencidos, venceremos sempre e daremos aos cidadãos a oportunidade de comprovarem na prática o que são as eleições do regime

Não nos perturba o falaz argumento de que o nosso concurso ao sufrágio legitimará uma assembleia, porventura apenas composta por deputados da União Nacional Porque a nossa atitude é de contestação frontal e global do regime antidemocrático que nos oprime e a autenticidade do acto já está afectada pelas irregularidades, restrições e afirmações pré-eleitorais que são aqui denunciadas

Se formos eleitos, seremos na próxima Assembleia Nacional constituinte, a voz dos que protestam sem compromissos contra arbitrariedades, violências e atropelos; e proporemos as reformas constitucionais democráticas indispensáveis. Exigiremos plena publicidade da vida política nacional e que a administração pública se faça ás claras, publicando todos os organismos estaduais e para-estaduais e a União Nacional as suas contas com a conveniente discriminação Enfim, focaremos e desenvolveremos todos os pontos da nossa plataforma de candidatos. Fiéis aos princípios e ao eleitorado, manteremos constantes ligações com o povo ouvi-lo-emos e serviremos os seus interesses».

«O distrito do Porto tem sido votado a um ostensivo ostracismo»

«Como representantes do distrito do Porto, berço e baluarte das liberdades, pugnaremos pela atenção para os problemas dum distrito que e o segundo do País, em população e importância, mas que, apesar disso, tem sido votado a um ostensivo ostracismo; lutaremos pela resolução desses numerosos problemas, os da habitação, da indústria, da lavoura, das actividades piscatórias, dos transportes e comunicações, do ensino, da urbanização e tantos outros.

Assinam os candidatos: Alberto Teixeira de Sousa (professor), Armando Bacelar (advogado), Armando Castro (advogado e investigador de temas económicos), Francisco Hortas (técnico e contas) João Arnaldo Maia (jornalista), Joaquim Felgueiras (controlador fabril) José Cardoso (empregado de escritório), Papiniano Carlos (escritor), Virgínia Moura (engenheira civil) e Zeferino Coelho (estudante)».

Sessão de propaganda da Oposição no Barreiro

BARREIRO, 7 — Efectuou-se nesta vila uma sessão presidida pelo democrata sr. Manuel Cabanas secretariado pelos srs. Artílio Baptista e Artur Tavares. Assistiu, em representação da autoridade, o sr. tenente Canavarro, da G. N. R.

A abrir a sessão, o sr. Manuel Cabanas fez votos para que tudo decorresse com o maior civismo e exortou a assistência a prestar a maior atenção aos oradores, pois «iriam ouvir muitas verdades que não ofenderiam ninguém».

Falou depois o deputado Alvaro Ribeiro Monteiro, que analisou problemas de política e economia e concluiu pela incapacidade do Estado Novo para resolvê-los.

Por sua vez, o candidato Joaquim Palmeira Gonçalves começou por saudar o povo trabalhador do Barreiro a quem se deve grande parte do esforço para a conquista das 8 horas de trabalho diário, para depois fazer considerações sobre a situação dos trabalhadores em face dos grandes empórios industriais.

Foi o orador seguinte, o candidato dr. José António Tavares da Cruz que analisou problemas de economia.

Falaram também o operário fabril sr. Arnaldo Marques e o jovem Francisco Manuel Abraços e, por ultimo o dr. José Malheiro da Silva que analisou problemas de saude e assistência, invocando a sua experiência de médico na região de Almada, junto de classes pobres.

O advogado dr. José Manuel Galvão Teles, candidato da C. D. E. de Lisboa, em cuja lista substituiu o ferroviário Firmino Martins, considerado inelegível

Em VILA VIÇOSA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por IBÉRIO RAMOS — Rua Dr. Oliveira Salazar, 51.

Agenda das Sessões de propaganda eleitoral

AMANHA

Da Oposição

ALMADA — Às 21 horas, na Academia de Instrução e Recreio Familiar Almadense, da C. D. E. de Setuba.

LISBOA — Às 21 horas, no Palácio Fronteira, da C. D. E. Preside o candidato Jorge Sampaio, para debate de problemas ligados á política internacional.

— Às 21 horas, na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, da C. D. E. Preside Manuel Bidarra de Almeida, para debate dos problemas sindicais.

SACAVÉM — Às 21 horas, no Cinema S. José, de Sacavém, da C. D. E. de Lisboa. Preside Lindim Ramos.

Da U. N.

NAZARÉ — Às 21 e 30, no Cine-Casino da Nazaré, da União Nacional.

DIA 9

Da Oposição

LISBOA — Às 21 e 30, no Teatro Vasco Santana (á Feira Popular), da C. E. U. D. Preside o prof. Vitorino Magalhães Godinho, com a participação de Rui Grácio, Rogério Fernandes e José Esteves e os candidatos José Carlos Megre e Jaime Gama, num debate sobre o tema «Educação e Juventude».

— Às 21 horas, no Centro Escolar Republicano Fernão Boto Machado, da C. D. E. Preside o candidato Sottomayor Cardia.

— Às 21 horas, no Centro Escolar Republicano Alberto Costa, da C. D. E. Debate sobre problemas bancários.

VENDAS NOVAS — Às 20 e 30, no cinema local, da C. D E. de Évora.

DIA 10

Da Oposição

TOORRES VEDRAS — Às 21 horas, no Teatro Ferreira da Silva, de Torres Vedras, da C. D. E. de Lisboa

ALHANDRA — Às 21 horas, no Teatro Salvador Marques, de Alhandra, da C. D. E. de Lisboa. Preside a candidata Rosalina Pinto.

LISBOA — Às 21 horas, no Clube Atlético o candidato Joaquim Mestre.

PORTIMAO — Uma sessão da C. D. E. de E. de Lisboa. Preside de Alvalade da C. D. Faro.

GRANDE VIAGEM AO BRASIL

de 7 a 21 de Novembro

Especialmente dedicada aos industriais de moagem e panificação

RECIFE • BAHIA • RIO DE JANEIRO
PETROPOLIS • BRASÍLIA • SÃO PAULO
SANTOS • GUARUJÁ, ETC.

UMA ORGANIZAÇÃO DA Europeia
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 81 21 LISBOA-2

EM COLABORAÇÃO COM A VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras

Liberdade de Imprensa —um esclarecimento

ACTUALIDADE ELEITORAL

Recebemos com pedido de publicação o seguinte «esclarecimento»:

«Na «Mesa-Redonda» (especial-eleições) de 29 de Setembro, sob a rubrica «Missão da Imprensa e seus pressupostos», lê-se a opinião formulada pelo candidato José Manuel Tengarrinha, da C. D. E. que, na página 7, e depois de várias considerações, afirmou

«...Quero apenas dizer que não é com o exemplo do nosso País, nem com os exemplos mais expressivos de outros países do mundo, que se poderá fundamentar esta posição. Nós tivemos liberdade de Imprensa de 1821 a 1823. Tivemos depois na vigência da Carta outorgada por D. Pedro IV, de 1826 a 1828, e, mais tarde, finda a guerra civil e vencido o Miguelismo, de 1834 a 1926...»

Julga-se que esta afirmação carece de fundamento, pois Brito Camacho, em «Ferroadas», 4.ª milhar, Guimarães & C.ª Editores, 1922, no seu prefácio refere factos e datas que levam ao convencimento de que é menos exacto o que o candidato Tengarrinha diz na entrevista que, em «Mesa-Redonda», forneceu ao «Diário de Lisboa».

Não vou ler ele de maneira nenhuma truncar o prefácio referido, mas, como é extenso e se indica a obra onde foi escrito, transcrevem-se sòmente algumas das passagens que se reportam até 1926. E, assim a págs 6:

«A Monarquia foi muitas vezes, com demasiada frequência, violenta contra a Imprensa fabricando várias leis da rolha, n'uma fúria de defeza, que a dementava. Estabelecia-se a censura prévia ao menor pretexto e fazia-se a apreensão dos jornais por mero capricho policial. Os processos de Imprensa eram o pão nosso de cada dia quando a atmosfera política se entroviscava — *fosse quem fosse que estivesse no poder*».

Mais adiante a págs 7, lê-se:

«A Monarquia com propósitos de se defender, restringia a liberdade de Imprensa e perseguia os jornalistas, às vezes com fúria, nas crises de medo em que os dedos lhe paraciam hóspedes. Contudo, e em plena ditadura franquista, pôde fazer-se a campanha dos adeantamentos que minou o Regime no mais fundo dos seus alicerces».

«Veiu a República: as ruins práticas adoptadas pelos governos monárquicos contra a Imprensa que os combatia foram sendo adoptadas pelos governos republicanos contra os jornaes que se permitiam a livre discossão dos actos ministeriaes, embora o fizessem não recorrendo ao insulto ao enxovalho»

«Sidonio Paes quasi excedeu os Democráticos em rigores contra a Imprensa mas permitia que os jornaes, *aparecendo com espaços em branco*, affirmassem bem alto que a policia os mutilára».

E, finalmente, na última página do prefácio, a 9.ª *in fine:*

«Este pobre livro, bem consideradas as coisas, é um documento valioso para quem se propuser fazer a história da liberdade de imprensa nos últimos cinco anos de Monarquia e nos primeiros dez anos de República».

Este meu esclarecimento não passa de ser uma tentativa de «pôr as coisas no seu lugar», não contém qualquer crítica, mas serve também para que alguém do público a que pertenço, menos privilegiado, conheça e se inteire dos factos reais. Lembrei-me então que os tempos eram outros antes de 1926 e recordei-me de ter lido um outro prefácio também de Brito Camacho, que foi Deputado da Nação, no seu livro «Portugal na Guerra», Guimarães & C.ª Editores, Janeiro de 1936, onde, reportando-se a tempos anteriores a 1926 (repete-se), se lê a págs 10:

«Uma noite, na Brasileira do Rossio, apareceu um grupo à minha procura, um grupo de patriotas, está bem de ver, um delos mal disfarçando debaixa do capote um machado. Propunham-se abrir-me a cabeça, como aconselhara o Mundo, para se ver o que eu tinha dentro dela. Por acaso não jantara em casa, nesse dia, e por isso não fora, como de costume, depois de jantar, tomar café à Brasileira, sem nenhum aviso do que se planeava».

«Pagou as favas o dr. António José de Almeida...».

Julgo que, com o que atrás fica escrito, dei um esclarecimento válido e parece-me que me devo congratular (e todos nós) por estes factos que refiro em transcrição, especialmente o último, se terem passado antes de 1926, data que parece ser a *pedra de toque* do candidato Tengarrinha da C. D. E.

AFONSO TAVARES»

O manifesto da C.D.E. da Madeira

(Continuação da 1.ª pág.)

rizonte. De resto, e é esta uma consideração básica, é por demais evidente, a dificuldade de estruturar, em três ou quatro semanas apenas, uma organização capaz de competir em eficácia, e sobretudo em extensão, com todo um complexo, cobrindo o país até aos mais recônditos lugares, que abrange as estruturas administrativas, policiais e políticas do regime e está em funcionamento permanente, desde há quatro décadas. Mas perante a gravidade da hora que passa - e para além do caminho e das opções que cada um tome perante a construção desse futuro — parece-nos não ser possível manter por mais tempo calada a voz dos madeirenses que sentem na carne a injustiça, que fazem do seu dia-a-dia vinte e quatro horas de luta contra a miséria sem usufruirem verdadeiramente do fruto do seu trabalho. Não seria possível esconder por mais tempo a revelação dos sacrifícios quotidianos do povo madeirense e das suas aspirações ao bem-estar, ao pão, á paz e ao progresso.

Ora é porque é necessário fazer ouvir a voz das gentes do campo e da cidade deste Arquipélago que resolvemos intervir. Intervir, repetimos, não porque alguma mudança de fundo haja a esperar do regime (e, muito menos do seu jogo eleitoral — necessário para se prestigiar aos olhos do mundo), mas porque é urgente começar a construir um projecto colectivo para o futuro, porque é urgente estabelecer um largo diálogo, não propriamente entre o regime e aquilo a que se chama a «Oposição», mas entre nós todos, entre todos os madeirenses, (entre todos os portugueses) que entendem ser altura de mudar, de mudar homens, de mudar sistemas, de mudar métodos — e restituir ao povo o poder de decisão que lhe foi totalmente retirado desde há quarenta anos.

«SÓ OUVINDO E CONHECENDO O POVO SE PODEM ELABORAR PROJECTOS»

O que vimos propor ao povo madeirense é um trabalho de conjunto, uma procura em comum dos problemas e das suas causas, uma determinação em comum das medidas a tomar para a sua solução. O que vimos oferecer ao povo madeirense não são os milagres fáceis dos «políticos» que julgam tudo saber, que perante as interrogações e dúvidas do povo respondem apontando o dedo para o «chefe», que tudo resolverá a contento de todos; não somos, nem queremos ser, o político tradicional que á invocação do nome do «dirigente máximo» se curva subservientemente porque saber baixar a cabeça a tempo e a propósito, representa garantir postos e benesses.

É demasiado fácil oferecer receitas ao povo, dizendo-lhes serem as melhores do mercado. É muito fácil oferecer programas de acção ao povo, afirmando serem os únicos. Bem mais difícil é escutar o povo, ouvir-lhes as queixas, e os anseios, saber-lhe e conhecer-lhe os problemas,—e, depois disto, partir então para os programas. Mas só ouvindo e conhecendo o povo é que se podem elaborar projectos que o sirvam: só sabendo o que o povo quer é que aqueles que o vão representar o poderão fazer com verdade.

Eis porque, neste primeiro contacto com a população do distrito, não é um programa aquilo que lhe oferecemos; mas apenas uma manifestação de intenções e de uma linha de actuação. O programa, esse, virá breve — depois de terminados os minuciosos inquéritos que estão a ser elaborados pelas populações de todas as partes do distrito. Poderemos dizer que o nosso programa exprimirá, fielmente, o pensamento das mais profundas camadas do povo madeirense».

Segue-se uma série de perguntas sobre alguns dos mais momentosos problemas nacionais, incluindo-se:

«Sem a activa e consciente intervenção dos que no arquipélago vivem não podem ser encontradas soluções sólidas para os seus graves problemas.

A possibilidade dessa intervenção é a razão única da nossa candidatura».

● SESSÃO DA OPOSIÇÃO EM POMBAL — A Oposição do distrito de Leiria realiza esta noite, ás 21 horas, uma sessão de propaganda no Teatro-Cine de Pombal. Falarão o conhecido democrata dr. António José Guarda Ribeiro e os candidatos drs. Vasco da Gama Fernandes e Sérgio Ribeiro, eng.º Jorge Silvestre e dr José Henriques Vareda

● ACTIVIDADE DA U. N. NO PORTO — Na sede da Comissão Distrital da União Nacional, no Porto, reuniram-se os candidatos a deputados pelo respectivo círculo, que apreciaram problemas respeitantes ao próximo acto eleitoral. Também na sede da U. N., esteve reunida, com o presidente da Comissão Distrital do Porto, a Comissão Concelhia de Paços de Ferreira. O prof. Almeida Garrett recebeu também o presidente da Comissão Concelhia de Amarante. Por seu turno, reuniu a Comissão Concelhia da U. N. do Porto, que apreciou assuntos referentes ao momento eleitoral

● CANDIDATOS DA U. N. POR LEIRIA — Os candidatos a deputados da União Nacional pelo círculo de Leiria desenvolvem intensa actividade, em todo o distrito. A tarefa de esclarecimento dos eleitores processa-se nas sedes das freguesias dos diversos concelhos, que são visitadas, normalmente, por dois candidatos, e nas sedes de concelho, aonde se deslocam todos os candidatos. No passado domingo, houve sessões de trabalho na Batalha e em Porto de Mós.

Entretanto, foram marcadas reuniões dos candidatos com os eleitores nas seguintes sedes de concelho: Bombarral, no dia 9; Peniche, no dia 10; Ansião Castanheira de Pêra, Pedrógão Grande e Figueiró dos Vinhos, no dia 11; Caldas da Rainha e Óbidos, no dia 12; Pombal e Alvaiázere, no dia 19; Mira de Aire, no dia 21

● CANDIDATOS DA U. N. EM CELORICO E EM CABECEIRAS DE BASTO — Os candidatos da U. N. pelo círculo de Braga — drs. Antão Santos da Cunha, Fernando Dias de Carvalho Conceição, comendador José da Costa Oliveira e Luís António de Oliveira Ramos — visitaram no sábado os concelhos de Celorico de Basto e de Cabeceiras de Basto», onde se inteiraram dos problemas e aspirações das gentes locais». Foram acompanhados nessa visita pelos membros da comissão distrital da U. N.

«Nas reuniões realizadas nos dois concelhos com as individualidades locais de maior relevo, nomeadamente do sector económico, corporativo e outros, estiveram presentes muitos jovens que manifestaram o seu desejo de apoiarem os propósitos que orientam os candidatos da U. N. pelo círculo de Braga». — concluiu a notícia que nos enviou a U. N.

Um comunicado da Comissão Eleitoral Nacionalista Independente de Braga

Da Comissão Eleitoral Nacionalista Independente de Braga recebemos o seguinte comunicado:

«1 — Conforme comunicado de 18 de Setembro findo, publicado na Imprensa, constitui-se a C. E. N. I. que apresentou uma lista de candidatos a deputados á Assembleia Nacional. Os motivos daquela atitude foram participados ao eleitorado no manifesto «As razões de uma Candidatura».

2 — O Governo tomou conhecimento dessas mesmas razões na audiência que S. Ex.ª o sr. Presidente do Conselho de Ministros concedeu aos candidatos.

3 — Perante a rápida deteriorização do ambiente político nacional, decorrente da campanha eleitoral, da agressividade das Oposições— que voltam a pôr em causa a própria integridade da Nação — julgamos ser estrita obrigação depôr nas mãos do Chefe do Governo a nossa candidatura.

Braga, 6 de Outubro de 1969.»

A sessão de Tomar

(Continuação da 1.ª pág.)

Usou da palavra a seguir o candidato António Reis que abordou o problema ultramarino e a reforma do ensino, pedindo ainda a reintegração dos professores afastados. Antes de terminar, prestou homenagem ao eng. Hugo Blasco Fernandes cuja candidatura foi rejeitada.

O orador seguinte, o candidato Alexandre Cabral, depois de se referir a Maria Barroso abordou o problema dos intelectuais em Portugal.

Falaram ainda os candidatos dr. Fidalgo Pereira (comparando a situação de Portugal com a de outros países) e o eng. Lino Neto citando o marechal Craveiro Lopes: «Já perdemos muito tempo, não podemos perder mais um minuto».

A terminar, Manuel Tereso declarou o poema: «Ser ou não ser», de Manuel Alegre e Maria Barroso, a «Ode á Liberdade» de Jaime Cortesão.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 7 DE OUTUBRO DE 1969

NAFRET

por José Agostinho Baptista

Nofret era teu nome e aqui nasceste
não. nunca seria uma ilha uma pátria
nem sequer um ocidente. é o egipto aqui

Nofret ou a música de um nilo tão longo
tão antigo.
ou uma infância de sol pondo-se pelos
anos dentro.
ou esse adeus suspenso a norte de
todos os lugares a leste de todos os
tempos.
e pelas margens as mãos passeavam a
noite simples e tranquilas.

Nofret era assim.
era um rio.
era um nilo.

Nofret foi esta planície com este ouro.
este silêncio com este azul.
Nofret foi o egipto aberto com uma
papoila.

tinha os olhos ciumentos de trigo e
amor. e sua paz era larga como as
horas como as espigas como os deuses.
Nofret tinha tudo isso e era assim:
era um rio.
era o nilo.

de seus lábios aprendeu a dizer o suor
a ceifa e vagamente o mar.
dos seios o branco setim.

Nofret orava ao deus osíris no difícil
mês da inundação: como quem partia e
regressava.
e Nofret amou o irmão Yamok numa gruta
num sonho num verão: como quem chegava
e não sabia.

Nofret aqui nasceu. e viveu, e morreu.
Nofret passou pelos dias queimada e
leve como as tardes de seu país.
fértil e bela como a história de seu povo.

dorme Nofret: dorme.
e teu repouso será calmo e sagrado
como o sono do grande faraó.

POEMA

por João Cotrim

sentir a tarde aumentando circularmente
no amarelo das rosas possívelmente nos lábios
e todo o calor que cabe na tarde e no amarelo
prolongado nos dedos pelo desejo de contar as
[pétalas
então pensar urgente é o amarelo
que as flores ùnicamente se insinuam pela cor
e quando já nem os rostos nos ferem
desenham-nos nos olhos
os lábios onde floriram as palavras
que ao menos amareladamente continuem
as tardes e as rosas que as insinuam

A ESPERANÇA É UMA BOCA AOS GRITOS

Manuel Ribeiro Santos

POEMA DIFÍCIL

por José Eduardo Guimarães

vou fazer-te nascer da terra
com todas as mãos
do meu saber
(hoje há uma hipótese de
sobreviver)
é que talvez
o húmus
não tenha entrado bem
em ti

esta manhã

POEMA

por João M. Ferreira

quando nos dedos
o desespero gritar raízes
então
sobre teu corpo adormecido
terá forma um poema novo
para proclamar no verde das manhãs
a ternura silenciosa de cada palavra

POEMA

por Carlos Alboim

Um barco
Na distância
Sùbitamente proporcional
ao esquecimento.
E depois, um murmúrio
de noite
nos teus olhos

POEMA

por Baião Modesto

naquele tempo
cortavas
o cabelo á rapaz

não tinhas cabeleireiro

tinhas um vestido
que lavavas ao sábado
para vestires ao domingo
passado a ferro.

DO TEMPO QUE VIVEMOS JUNTOS

por Carlos Ortil

das noites é que eu guardei recordações
dos dias não

A ESCADA

por Francisco J. Craveiro

uma passadeira desde o rés-do-chão
a escada de madeira de castanheiro
ainda não carunchosa coberta com
ao terceiro andar fica suspensa
das paredes branco-amareladas

todas as manhãs as criadas vêm
limpar o pó uma vez por semana
enceram-na e batem a passadeira

à porta em cada andar está um
tapete mas as pessoas (quase)
nunca o utilizam

POEMA PRÉ-FABRICADO

por Manuel Ribeiro Santos

1 — **AS PALAVRAS (SUBSTANTIVOS)**

seio, palavra, boca, hora, cabelo, obra, flor, amor, silêncio, colo, força, madrugada, beijo, ombro, esperança, cotovelo

2 — **OS VERBOS**

sentar, queimar, saber, gritar, reduzir, nascer, colher, estudar, dizer

3 — **O POEMA EM SI**

eu sei amor as palavras onde te colho
sei da força com que te estudo
assim
digo da obra que nasce no teu ombro
do silêncio saliente do teu cotovelo

eu sei a que se reduzem as flores
quando te sento nelas eu sei amor
porém
digo dos beijos no seio da hora
do cabelo queimado no colo da madru-
[gada
eu sei amor
que a esperança é uma boca aos gritos

Diario de Lisbôa
juvenil
N.º 642 DOS JOVENS PARA TODOS

PRIMAVERA

por Alexandre

Primavera diz-se das flores
e dos homens com mãos suadas
de construir jardins

diz-se da erva que cresce
nos campos
e desse sorriso que cresce
nos teus lábios

diz-se do rio claro
onde se bebem ideias frescas

Primavera diz-se dos poetas

diz-se dos poemas que falam da morte
a pensar numa vida doutra sorte.

TEMPO

por Sérgio R. das Neves

Tempo...
Digo «Agora»
E quando chego ao «a»
Estou desactualizado!

Tempo...
Será o teu espaço oco?
Será o teu espaço maciço?
Começas simplesmente no «T»?
Acabas simplesmente no «o»?

Tempo...
Embalaste-me o berço!...
Hás-de-me embalar o caixão!...

Tempo...
Apenas te admito
Porque não és racista!

A PROSA DO CHICO GORDO

por Paula Teresa

O Chico é gordo e ninguém gosta dele. Mas o Chico lá por ser gordo não deixa de sentir e tem pena de ser gordo, de estar afastado dos outros que se dizem amigos. E o Chico sabe que precisa de um amigo também mas nem sequer sabe o que é um amigo. Pensa que é uma palavra maravilhosa, gosta de a pronunciar mas só fala dela baixinho só lá para dentro de si só debaixo do travesseiro. E uma vez o Chico encontrou um amigo quando ia para casa no carro eléctrico. E o Chico ficou contente e passava o dia a falar com o outro e os seus olhos brilhavam quando dizia amigo.

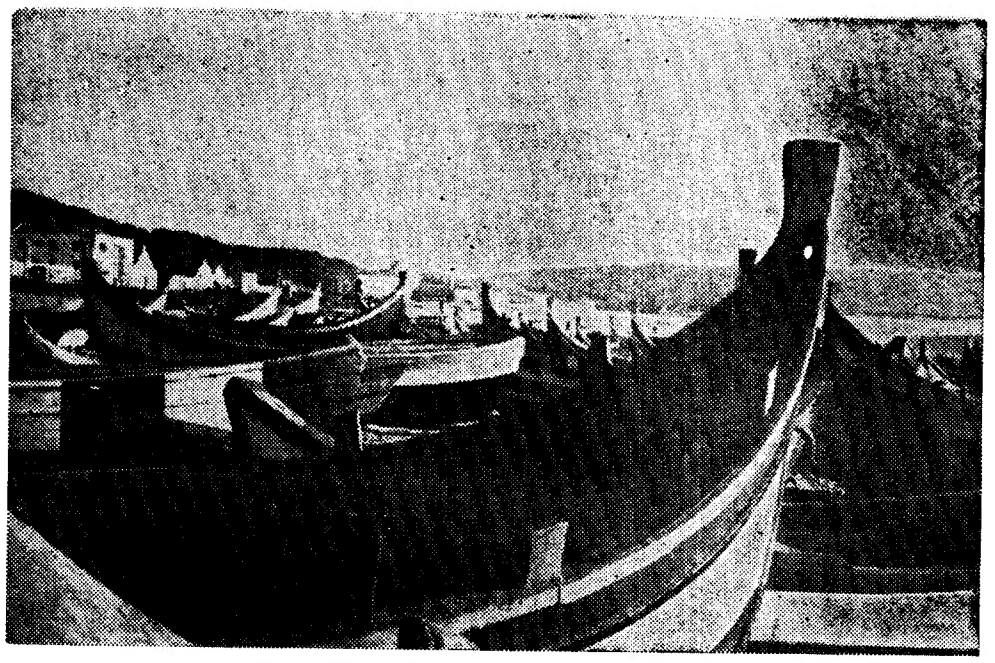
Mas o Chico achou que o outro não sabia o que queria dizer amigo e ficou ainda mais triste.

NAZARÉ

AGOSTO DE 69

por José Rogério Mineiro Carrola

«Vejam bem
que não há
só gaivotas em terra
quando um homem se põe
a pensar»



Onde a monotonia dos barcos enche o vazio do pescador...

DOIS LUGARES

Lá ao fundo, plantadas na areia, cerca de 2000 barracas. Aqui, desviado dessa zona, o lugar onde a monotonia dos barcos enche o vazio do pescador.

Lá ao fundo, milhares de pessoas refrescam-se (?) nas águas do mar. Uns vieram para passar um mês solto nos onze de trabalho. Outros continuam este mês pelos outros onze de ócio intenso.

Aqui é o lugar do pescador. Dos pequenos barcos que chegam e que vão. Peixe como pão para fomes desiguais. Peixe atravessado nas mãos dos homens. Remos e dedos. Aqui os homens estão de pé na areia. E os seus braços endurecem ao pé do mar. As vezes não têm tempo de dormir á noite. Estendem-se junto dum barco. E peixes doirados atravessarm-se-lhes no sono como uma história antiga que nunca lhes contaram na infancia.

Lá ao fundo, antes do banho e depois do banho, senhoras de classes variadas mas privilegiadas lêem o «Capricho», a «Ilusão» e outras hisórias em quadradinhos muito bonitinhas que lhes arrepia a carne e lhes faz enterrar o corpo na areia mole. Senhoras felizes em si mesmas. Fumam um cigarro e olham longinquamente o herói da história.

JANELAS PARA O MAR

Pescador Joaquim é um homem velho e cheio de mar. Tem as mãos grossas, os olhos fundos, vermelhos.

— A gente anda uma vida no mar.

Os olhos e a carne parece que até ficam com outra cor.

Pescador Joaquim tem largos episódios desta vida.

— Quase todos maus. A gente vê muitas vezes a morte á frente. Estou farto. Uma vida inteira aqui. Para quê?

Juntávamo-nos muitas vezes. Eu e eles. Eles contavam coisas do seu dia a dia. Eu ouvia e dava-lhes ás vezes uma esperança. Uma esperança em quê? Feita de quê?

Pescador Joaquim tem um sonho:

— Jogo todas as semanas na lotaria. Isto um dia sai-me. E então...

— Então?...

— Então mando fazer uma casa. Além, olhe. Mas uma casa cá á minha maneira. Com janelas para ali, para além e para acolá.

E apontava em todas as direcções que não eram as do mar.

— Não. Janelas para o mar é que não. O mar que fique para os ricos e para vocês todos que vêm tomar banho. Janelas para o mar é que não.

E o pescador punha na sua vida a distância de um tempo comido pelo vazio das horas. Os outros olhava-no, ouviam e concordavam. Estavam ali, perguntava eu então interiormente desde quando? Como teria começado esta história do pescador?

No inicio era o caos. Mar e terra estavam juntos. Fez-se então a separação. E alguns homens ficaram ali. Um fio de prumo feito de peixes orientou-lhes a vida futura. Ficaram sózinhos. Não temos noticias deles. Nem sequer os pensamos quando ao jantar comemos um peixe assado.

A FUGA

As pessoas na praia têm um ritmo diferente. Mas aos poucos esse ritmo acaba por ser habitual, quotidiano, falso.

As onze toda a gente está já na praia. Metida no branco das barracas ou á beira-mar. E depois, quase se não pode dar um passo. Almoça-se e regressa-se. E á noite há a esplanada. Uma espécie de mercado coberto, onde as pessoas se atropelam. Uma cidade em miniatura.

As pessoas querem fugir. Fugir da cidade, do trabalho, da rotina do dia a dia.

Mas as pessoas não se apercebem que criam sem querer uma nova rotina, um tédio, um vazio, no hábito do novo dia a dia, igual ou pior ao anterior. As pessoas querem é fugir. Fogem um mês das gentes, do bulício. Para novas gentes, novo bulício. Mas é uma fuga e isso basta-lhes.

TALVEZ AMANHÃ

— Mas conte lá como é essa história do peixe. Chegam á lota e depois...

— Depois há a pesagem e os descontos...

— Mas ás vezes não pescam.

— Olhe, eu desde quinta-feira que não vou ao mar.

A espera é uma mulher negra...

DIÁRIO PRISMÁTICO

ou nova introspecção

por Manuel Braz Saraiva

Hoje é sábado e já só devo ir amanhã á tarde.

Chama-se José Roberto. É um homem baixo e forte. Olha-me sempre com uma interrogação nos olhos. E pergunta-me porque quero eu saber tudo isto.

— Porque me interessa saber. Para contar aos amigos e falar de vocês.

— A gente não pode resolver nada para, enfim, termos um pouco mais de regalias. Vocês que estudam é que lá sabem melhor essas coisas que nós. Talvez isto não esteja sempre assim e melhore. O pior é o mar. Agora, vá que não vá. Mas no Inverno...

Talvez. Onde é que eu não encontrei ainda esperança? Talvez amanhã... ou depois, sabe-se lá. Mas o mar está ali e chama. O mar é o princípio do forno onde o pão se há-de cozer.

— Onde é que mora?

— No bairro dos pescadores. Mas agora temos a casa alugada. Eles só nos dão direito a alugar um quarto mas nós precisamos de alugar a casa toda porque já sabe...

— E vocês?

— Ficamos no sótão. Quase todos assim fazem quando chega o Verão. Estes meses ganha-se algum dinheiro. A gente lá se arremedeia no sótão. Quer ver? O sótão. Sobem-se umas escadas velhas, a cair e lá no cimo, rente ás telhas numa só divisão, dormem e cozinham. Não há vento nem chuva no verão. Cozinha-se o peixe. O peixe diáriamente. De manhã, á noite. No dia a seguir. Todos os dias. Todos os dias.

Talvez amanhã Zé. Quem sabe? Talvez a gente amanhã possa ver as coisas doutra maneira. Sem sótãos. Nem peixes todos os dias. Afinal, peixe não rima com flor.

E ATÉ ENCONTREI PESSOAS FELIZES

Mas a gente que chega tem que dormir, comer. É verdade que os hotéis são para alguns apenas. E as pensões exploram. Mas que diabo, ás vezes encontra-se assim uma casa que.

Rua da Saudade, 56. Por acaso ali fui dar. A casa da Marina e da Manuela. Dormida, comida que se quisesse, ambiente familiar. A Marina tem quinze anos e a Manuela dezasseis. E são dois rostos que transbordam alegria. Uma frequenta o 5.º ano do liceu, a outra o 6.º. Cinquenta e cinco escudos diários. Quando tiver fome, diga. Como em família. Mas quem tem fome, ali? Éramos umas cinquenta pessoas. As moças, filhas da casa, passam as suas férias a trabalhar para esta gente.

— Ficamos sempre muito alegres nesta altura. A nossa casa enche-se de gente que não é nada exigente. Gente simples que sabe conviver. E nós gostamos de ver, nesta altura, a casa cheia de gente.

A mãe e duas tias fazem o comer. Não saem da cozinha. A Marina e a Manuela distribuem-no. Sempre com um sorriso no rosto. As pessoas dão-se a conhecer. Sentam-se á mesa e contam. O mês de Agosto é o mês da grande família.

— São pessoas mais ou menos simples que vêm para aqui. Muitas já conhecidas de há anos.

E a Marina é uma moça sempre a sorrir.

Aconteceu, penso, qualquer coisa de verdadeiro ali. Como se o lugar não fosse a praia. Como se fosse assim um lugar diferente, autêntico. E a hora, fosse a hora de uma mãe que acaba de dar ao mundo um filho.

QUANDO DÁ APENAS PARA OS BOIS

Há no entanto o grupo de pescadores que pesca com a sua rede, com o seu barco. Peixe que chega á areia para ser vendido logo. As mulheres puxam as redes dum lado, os homens doutro. E ansiosamente espera-se sobre a areia a chegada.

Quando o sol está prestes a esconder-se a rede chega por fim ao areal. Morre nos lábios a esperança aos pescadores. Não dizem nada. Ficam em silêncio e retiram um peixe e um polvo. O resto são centenas de caranguejos que ficam sobre a areia a morrer devagar.

— Deu para os bois, ao menos!

É uma voz seca como que a desculpar a natureza o próprio mar. As mulheres retiram-se. O sol morre ao fundo. Figuras negras, também elas esperam todas as horas. Mas é uma espera diferente, calejada por desilusões diárias. Deu para os bois! Um polvo, um peixe, que depois de vendidos cobrirão os dez escudos a pagar ao homem dos bois que meteram o barco pelas ondas dentro. Mais uma vez, eles estão terrivelmente sós. Ninguém o sabe, porque á noite já todos regressaram a casa, á pensão, ao hotel. No prato, haverá talvez lindas lagostas da cor do sol. E sòzinha, na praia já sem sol uma garota mete num saco os caranguejos abandonados á beira da água.

— Para que os levas?

— Para a minha tia cozer.

— Para comerem?

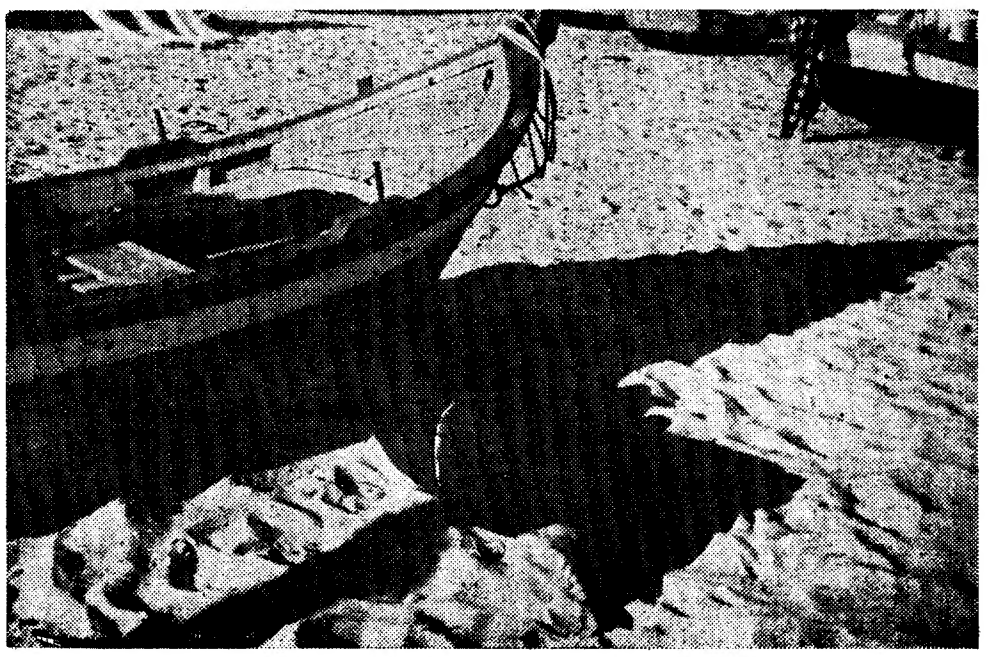
— Não. Para eu depois vender a quem passa na rua.

— A como é que os vendes?

— Cada doze, vinte e cinco tostões.

A PRAIA. QUAL PRAIA?

É assim. Estendem as redes como as mãos, como a sua própria vida. Estendem os barcos nas águas salgadas e o corpo navega pelo sal desde o mais longínquo dos tempos. A espera é uma mulher negra que se estende cansada e varrida em seu corpo por areias finas. Estendem depois as redes no mar e esperam. Têm os olhos muito fundos, grandes, salgados. São olhos imensos, distantes, onde a cor das águas já nada reflecte. E estão assim, desde não se sabe quando, rijos, infinitamente secos pelo cair dos dias — estendidos, esperando — o quê?



Peixe como pão para fomes desiguais...

31 de Julho. Foi ao dobrarmos a esquina que Ela nos apareceu. Não ficaste surpreendida. Apenas calaste mais o teu silêncio. Silêncio de ocasião. Ainda há bem pouco Freud e Schopenhauer estavam na baila. Este esqueci-o por momentos. Adiei. Quanto a Freud acho-o... amigo, mas corajoso — «só o amor transforma o egoísmo em altruísmo». Muitas vezes to disse. M. Ternamente, como convém. Afrodite sorriu-nos. Coragem. Com presteza temos as mãos coladas. A tua, suada, receptiva. Fria. A minha, fogosa. Estremeceste, feliz. Pensei na minha boa acção diária; eu dava calor. Pensei em tudo. E em nada. Atirei o cigarro. Gostei do arco pronunciado. Até ao fim. Tu sabes que sou orgulhoso; não gosto de ordens nem de conselhos. Todavia prometeste não fumar mais nessa noite. Eu sei que não gostas. Tens medo dos cancros. Continuavas de olhos baixos. Ainda. Alheada dos geométricos desenhos da calçada, assim ficaste. Acordei-te — desconheci a voz. Levantaste o olhar. Por segundos. Já não era a primeira vez que admirava o sabor do silêncio. Lá longe, o policromo néon saltitava, alegre, como se pretendesse envolver-nos na brincadeira. Imaginei a analogia e ri. Bruscamente. Senti a tua mão mais dentro da minha quando me chamaste tontinho.

Olhei o cartaz. O chamariz. Achei idiota o sorriso de Mr. Presley. Imaginei-me a por-lhe a língua de fora. «Carlos, já não és uma criança». E aquelas tipas seminuas a abrirem a queixada no melhor sorriso de ocasião! Convincente? Logo a seguir, o café.

Cruzas as mãos. Irrequieta. Voltas a mala outra vez. Compões a madeixa; passas a mão mais que uma vez. Mudas de expressão. Agora olhas para o lado. Pouca gente no café. No canto, um par. Exótico. Ela faz esforços para não se engasgar e tossir. Ele não fuma. Bebe um «martini». Com casca de limão. Claro. Sinto-me mais á vontade. O cabelo dele é mias rebelde e desalinhado que o meu. Mesmo muito mais.

Mais tarde, sentados, indicava-te lá em baixo o novo bairro da cidade, inundado pelas cores faiscantes dos reclamos. Devia-te ter falado dos poemas esculpidos, espalhados pelo Penedo, da fonte e dos Amores. Devia-te ter contado muitas coisas; palavras banais, inuteis, que o monte lá diante, ao fundo, reemitia. Mas tu não me ouvias. Os teus olhos brilhavam como faróis em noite escura. Quase. A tua mão, espalmada e tensa, sobre a minha imóvel, brincava. Eu gostàva do movimento circular. Sentia-me bem. Mais eu. Um beliscão mais forte interrompeu-te o devaneio. A ausência. Dei um jeito á cabeça. O tom teatral falhou. Com voz rouca, amusical, pedi um pouco de tl. Romaneso! Deste-me a caneta. Eu ofereci-te um botão de punho. Sério. Consciente. Comentaste a sua velhice. Não tenho outro. Mais seguros, mais unidos, regressámos. Ao início. Aborrecidos. Tenho medo do amanhã. Tu também mo confiaste; «mas nós somos diferentes». E disseste isso com os teus grandes olhos fixos nos meus, como se quisesses tocar as minhas incertezas. Entretanto eu sabia que amanhã ás nove havia o pequeno almoço. Como sempre.

Reconhecemos que não estávamos sós no cosmos, quando apareceu aquela velhota, lembras-te? Descia as escadas. Meia desdentada. Sandálias patuscas; «... e que Deus vos ajude sempre, meus filhos» — e aquilo entrou-me na cabeça. Do resto mal me lembro. Senti-me transportado para outro mundo. Para este. Que não é o meu. Pensei em Freud. No velho Freud; medi a sério a sua frase. Aquela que eu sei. Mas já estávamos em casa. E era tarde.

Despi-me. Creio que o fiz maquinalmente. Abstracto. Apenas, e como sempre, as calças mal-dobradas e a camisa atirada (despejada) de qualquer modo para cima de uma cadeira. Não, não to disse. Nessa noite deixei Russell e Torga em paz — talvez amanhã me sinta bem á procura da «ultima oportunidade do Homem». No cromado da caneta vi-te, M. Mais uma vez. Fixei-me bem. Lá estavas tu. O sorriso, diferente, e os olhos escuros. Quase belos. Também diferentes. Não reflecti. Apaguei a luz. Ainda pensei em Russell e em Torga.

POEMA DO TEMPO DO POETA

por Joaquim Feio

Ser poeta é viver a pres-
/tações
dois miutos de seriedade
Ser Poeta é viver o tempo
de um poema feito

RECEPÇÃO

Crítica aos trabalhos recebidos

por Alice Vassalo Pereira

M.ª GRAÇA P. (R. de Monsaraz) — A impressão que os teus trabalhos me deixaram é de que ainda deve haver muita confusão nessa cabeça... Às vezes deixas-te levar pelas palavras, elas arrastam-te de tal modo na corrente que acabas por não ter mão em ti. E o resultado disso está à vista: contos e poemas que são um mar imenso de palavras, só palavras e nada mais que palavras. No entanto, tenho quase a certeza de que este «naufrágio» é passageiro. Vale a pena leres bons poetas contemporâneos. Muitas vezes. É a melhor — a única? — receita que te posso dar. E quanto ao encanto das palavras... às vezes é preciso fazer de Ulisses e pôr algodão nos ouvidos.

LUÍS VIANA (Lisboa) — Um estudante no **sexto ano de Medicina** não encontrará nada melhor para nos dizer do que banalidades altissonantes do estilo: **«Quero ser mais poderoso que o próprio Deus porque não admito que um Lucifer tenha também poderio no meu reino. (...) Não preciso de luta para provar o meu poder porque todos se curvam a ele, desde o mísero mendigo ao mais potente chefe que habite o Universo.»**

Um estudante no **sexto ano de Medicina** não encontrará frase mais apropriada para se referir a uma criança do que

«rosa que desabrocha ainda por entre espinhos urtigas...»

Um estudante do **sexto ano de Medicina** não sentirá nada, mas mesmo nada, de mais vivo, de mais importante, de mais sério à sua volta do que estas patetices pseudofilosóficas e e pseudoternas?

Um estudante no **sexto ano de Medicina** não acha que isso é um atraso de vida?...

M.ª EDUARDA C. (Alge) — Tanta palavra, tanta filosofice, tanto disparate...

«Cada pedaço deste meu mun-
[mundo (...)
é para mim um filho do meu
amor à existência.
É preciso que compreendas
[assim a amizade, poderás
[ajudar etc.»

Acabo de verificar que não compreendo a amizade nem poderei ajudar... Paciência...

JOÃO CARLOS E. (Lisboa) — As intenções são louváveis, lá isso honra te seja feita... Mas não se pode ficar só aí. Por enquanto os teus contos são demasiado pessoais («pessoal» no sentido de «deixa-me-cá-dizer-isto-desta-maneira-para-fulano-e-beltrano-perceberem-que-é-com-eles-e-é-bem-feito...»). Não pode ser. Temos, é evidente, que aproveitar toda a nossa experiência, tudo o que conhecemos — mas há que transcender tudo isso, deixar o plano do particular e situar-nos, tanto quanto possível, no plano do universal. Não te parece que é assim?

JOSÉ A. C. G. (Lisboa) — Esta nova remessa parece-me das mais fracas. O que foi que te aconteceu ai pelos Algarves? Mesmo assim consegui «salvar» o **«Tempo»**. Veremos se a tempo...

ANTÓNIO M. (Lisboa) — Sou eu a primeira a lamentar a pouca frequência da publicação dos teus trabalhos. Espero, no entanto, que não desanimes e que vás escrevendo. Em breve terás notícias mais pormenorizadas.

ALDA A. (Livramento) — Os **«Laços Quebrados»** estiveram quase, quase a salvarem-se... Aqueles versos

por teres remado três vezes
«obrigada amigo
no meu horizonte verde»

iam-me levando à certa... Mas há ainda muita «flor morta» e murcha pelo meio, muitas «ilusões», muitos «ombros cansados». Vá lá, mais um bocadinho de coragem — e temos gente. (P. S. — Os desenhos são muito fracos).

DE MELLO (Lisboa) — Os teus dezasseis anos **prometem muito** — por enquanto é a única coisa a dizer-te. Gostava que me fosses escrevendo, que me fosses contando coisas, mesmo que não tivesses muitas coisas para me contar... Pode ser?

JOSÉ C. (Parede); **ZÉ DE B. C.** (Porto); **NEA R.** (Cova da Piedade); **RUY B. C.** (Torres Novas); **M. B. M.** (Gavião) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

CARLOS A. F. (Cacém) — Tudo muito confuso... Muito lirismo atrasado no tempo, muita filosofia de saldo, muita retórica balofa. Vais tentar despir a poesia de tudo isso e depois escreve novamente.

M.ª MANUELA S. (Faro) — Manda-me mais trabalhos. O que li mostra certas qualidades mas ainda há muito nevoeiro...

M.ª LUÍSA R. T. (Algueirão) — Parece-me que o teu caminho estará na poesia satírica mas, por enquanto tudo isto fica no reino das suposições... O que te digo, desde já, é que deixes aquele tom demagógico dos «Três tempos verbais». Vale a pena aperfeiçoar o «Queixobocanariz». Volta a escrever.

CARLOS A. (Porto) — Os teus poemas têm ainda muito de Fernando Pessoa pelo meio. Há que vencer essa doença (eu diria, se isso te consola, essa epidemia...) tentando ser o mais conciso possível. Publicaremos um pequeno poema teu em breve.

RUI C. (Coimbra) — Se o teu «contacto com o mundo» só produziu coisas como estas

«no frasco longilíneo de ro-
[lha de aço
sou cobaia»

ou ainda

«a partida é a fuga de alguém que se liberta
vislumbra uma perspectiva
[aberta...»

fraco contacto foi esse, meu amigo... Brincar com as palavras só dá bom resultado quando se brinca a sério, muito a sério.

TIO MANEL (Leiria) — O quê, por aí ainda estamos nesta proto-história literária?

«adeus, amor, adeus
a vida é adeus,
é saudade
nos teus olhos
reflectem-se os meus...»

Então por aí — espanto dos espantos! — «olhos» ainda rimam com «abrolhos»? Palavra?

JOSÉ A. A. (Covilhã) — O teu poema «Talvez» é também outro bom exemplar da poesia que se pode escrever sem se fazer a mínima ideia do que seja poesia. O princípio é de antologia...

«moreno, alto, havia até elas
[que diziam
que ele era uma tara. Cha-
[mava-se Carlos.
Em seu coração havia sempre afecto ternura... etc.»

Isto tudo salpicado com muitas andorinhas, muitas flores e muitas borboletas. E uma história muito, muito moral, muito para fazer pensar os vindouros. E o Carlos (que no fim até morre) que nunca se ri porque, com dezasseis anos, **«em face da discórdia que divide os homens não se sente realizado nem como homem nem como garoto»**... Enfim, uma aflição completa, revista e aumentada, em três longas folhas dactilografadas... E se te deixasses de metafísicas e pensasses em coisas sérias?

JOSÉ LUÍS M. (Vendas Novas) — Gostava que me mandasses mais poemas. De vez em quando nota-se um querer sair do banal, um querer dizer qualquer coisa mais do que o que fica escrito. Tudo isto acontece quando te aproximas objectivamente das coisas, quando não pretendes literarizar. O que, infelizmente, ainda é raro. Vais tirar do teu vocabulário poético palavras e expressões bafientas como «tédio», «amargura», «o porquê dos dias», vais tentar empregar, sempre que possível, as palavras do teu dia-a-dia (há ainda quem confunda quotidiano com banalidade e futilidade...) — e dá notícias.

M.ª ENCARNAÇÃO H. (Lisboa) — Tanto o teu poema como o teu apontamento pecam por um tom morno, mole, nem-carne-nem-peixe, nem bom nem mau. É este meio termo, este não querer arranjar problemas que faz dos teus trabalhos uma coisa sem interesse, deslavadinha, deslavadinha, deslavadinha... Um bocadinho mais de genica, vá lá — e pode ser que o teu poema consiga um bocadinho mais de saúde.

MARGARIDA PINTO (Porto) — A tua experiência como professora devia dar-te um rico material de trabalho e não apenas estes pormenores mais ou menos técnicos dos recreios, dos alunos, das reguadas, dos pátios vazios da escola. Por que não aproveitas os problemas que te surgem pela frente? Pelo menos estarias em terreno conhecido, seguro.

MARIA (Caparica) — Antes de mais peço-te que me mandes a tua identificação completa (nome e morada, pelo menos). Vamos lá agora conversar um bocadinho acerca dos teus trabalhos. Digamos que são atrasadamente adolescentes. Perdoàvelmente fracos. Penso que neste momento o maior erro teu consiste em fazeres uma separação nítida e brusca: a tua vida de um lado, e a literatura do outro; onde cabe uma não cabe a outra. Ora isto assim não pode ser. Porque, compreende, se a literatura se fizesse só de regras, de mandamentos rígidos, se houvesse um «Manual de Bem Escrever um Livro» como há um «Manual de Bridge», tudo seria muito fácil, seríamos todos escritores e era uma festa... Mas o caso é muito mais complicado. Tem de haver a experiência de cada um, essa experiência que, tal como as assinaturas da Carris, é rigorosamente pessoal e intransmissível. Tenta pois, conciliar a tua vida e o teu trabalho; aproveita tudo o que estiver ao teu alcance e tenta ver um bocadinho para lá das coisas e das pessoas. Verás: mesmo naquilo que te é mais familiar poderá haver sempre... uma história desconhecida à tua espera...

PAULO R. P. (Porto)

«Que importa
que se acabe o mundo
que se morra na rua (...)
(...)
Que importa
que se invente remédio
para doença incurável
Que importa
que construam um prédio
num lugar inabitável
(...)
Que importa
que morra de frio
um ser distante
(...)
se não sei do teu amor.»

Não meu amigo, isto não é um caso de «poesia triste e antiquada», como dizes. Isto é, pura e simplesmente, um caso de inconsciência. Total. Completa. Insuportável.

JOSÉ A. F. (Mem-Martins) — Insuportável é também este bucolismo-fim-de-estação do teu poema. De resto, isto não é um poema. São palavras para as quais encontraste rima, possivelmente no Dicionário do V. de Castelões... Quanto ao sentido... prefiro apenas citar, sem comentários, a quadra final:

«É uma vida triste e de tra-
[balho
A vida de um grande pastor
Aquele homem robusto que
[gosta de trabalho
E para ser pastor deve-se
[ter 100 % de amor.»

CELESTE L. (Lisboa) — Gostava de ler mais trabalhos teus. Por um poema não sou capaz de dizer nada de seguro a teu respeito.

FILOMENA S. (Faro) — Tu vais prometer-me uma coisa: não vais ter pressa. Os teus onze anos prometem muita coisa boa, mas é claro que é muito cedo para falarmos de certezas. Tens ainda muito que ler, muito que trabalhar e muito que aprender (não apenas nos livros, nota bem...) Mas, se quiseres vai escrevendo.

CUCA (Porto) — Depois da praga dos meninos prodígios a recitarem a **«Balada da Neve»** em festas familiares ou escolares, estas histórias mais ou menos líricas com muita **«neve em pequeninos farrapos brancos»** já não conseguem comover ninguém... É que sabes, amiga, isto de «nevar sempre também cansa!» (Desculpe, José Gomes Ferreira...)

JOSÉ C F. (Lisboa) — A tua poesia é demasiado caótica e desordenada. Como muitos, pecas sobretudo por um excesso de palavriado sem sentido. Já anteriormente tinha notado esse defeito: se não te respondi foi porque ao chegar a tua vez, chegou também a vez do Concurso **F. F.**, em que a «Recepção» fica suspensa. O motivo foi ùnicamente este. (Isto para responder a uma carta tua que recebemos e que, certamente, ainda não esqueceste...)

J. J. (Setúbal); **CARLOS M.** (Lisboa); **M.ª F. E.** (São Teotónio); **PEDRO M.** (Lisboa); **ISABEL M.ª F.** (Viseu); **JOYCE** (Coimbra); **PEDRAS DO MAR** (Madeira); **MÁRIO T.** (Boliqueime); **MARTA** (Porto); **FERNANDO B.** (Lavradio) — Os vossos trabalhos não têm por enquanto qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

MARIA INÊS — (Lisboa) Uma redacção faz tanta diferença de uma reportagem como faz a água da banheira do Oceano Atlantico... E isto que tu escreves não passa, por enquanto, de simples redacções escolares a nível muito primário. De que serve repetir o que já está dito e redito, num estilo que já criou teias de aranha há muito? O que é preciso, antes de mais, é seres **tu** a falar e não te limitares a repetir o que está gravado nos teus ouvidos, aprendido sabe-se lá onde. Uma visão nova de tudo — é este o primeiro passo. O mais difícil, também. Mas nem todos podemos ser jornalistas — e ninguém morre por isso...

M.ª FÁTIMA R. C. (Porto) — Às vezes a caneta ainda te escorrega para o lugar-comum, para a frase feita. Mas o teu poema **«Voltar não»**, depois de limadas algumas arestas, dá-me uma certa dose de esperança. Volta a escrever.

E. COSTA (Oeiras) — Lembro-me de te ter respondido há tempos na recepção. Dizia-te: «O presidente do juri do Concurso **F. F.**, na parte de Fotografia, é o Augusto Cabrita. Penso que isto responde á tua carta». Continuo a pensar o mesmo.

R. MENDES (Lisboa) — O teu «Contubérnio» padece ainda daquela doença saudosista de que nunca mais nos libertamos de vez. Terás de perder todo este lirismo cor-de-rosa pálido e olhar para o poente, que isto de chorar o passado não adianta grande coisa... No entanto espero contar contigo brevemente nas páginas do **«Juvenil»**.

PALMEIRA B. (Beja) — **«Viver, amar, morrer»**... Só no filme do Lelouch, minha amiga... Deixa-te de fantasias, que o tempo não está para choraminguices patetas.

JOAQUIM E. M. S. G. (Porto) — Foi quando li aquela tua preocupação de que tinhas «a alma manchada», que não «encontravas formosura em qualquer flor» por causa disso, que para ti «a vida humana não representava nada» ainda pel mesma razão, que não distinguia «a razão do irreal» novamente por causa da mancha — que eu comecei a notar que havia qualquer coisa de estranho em ti. Que diabo, com tanto produto para tirar nódoas que há no mercado, não via razão para tão grande desalento... Mas então quando cheguei a outro trabalho e li aquele grito tão «espontaneo», tão «sincero» — **«MEU PRAZER É MORRER»** — então, desisti completamente de perceber o que se passa por aí. (Se é que por aí se passa alguma coisa...) Desisti, desculpa. Cada um tem os prazeres que merece. E é bem feito.

MIGUEL S. (Coimbra) — Gostei do teu poema. Deves continuar a desenvolver este tom coloquial que tantas raízes tem na nossa poesia. Aqui está, no teu trabalho, um bom exemplo de como o quotidiano pode — e deve — «servir» a poesia:

«O seu assunto foi indeferido
outro lhe foi preferido
conforme o atrás referido
no parágrafo tal alínea tal
...etc.

(Breve P. S. para meu desabafo próprio: meu Deus, quando é que as pessoas compreenderão que isto é mil vezes mais poético do que as famigeradas noites de luar com gorgeios de passarinhos...) Pois como te ia dizendo, gostei. Mas, por várias razões, as possibilidades de publicação são diminutas. Fico á espera de notícias tuas. Não demores muito, não?

VÍTOR F. M. (Famalicão) — Também para ti vai o mesmo pedido: manda mais poemas. Depressa, depressa.

ANA A. A. G. (Lisboa) — Quadras de pé quebrado, poemas á mãe, poemas ao pai...

«Nunca esquecerei aquela
[palavra
Nunca deixarei de seguir teu
[exemplo
Mãe, foste sempre minha
[camarada
E serás a dona do meu ta-
[lento»

Ora aqui está uma decisão acertada. Realmente, quanto mais em família ele ficar, tanto melhor...

NICH MATEOS (Lisboa) — Os teus trabalhos são perfeitas adivinhas. Aquilo não é hermetismo, aquilo é linguagem cifrada, pura diversão cabalística:

«Ah, a hipocrisia de transferir para a inocência das rodas dentadas a culpabilidade de uma abstracção que teima em ser medida por contracções reaccionárias».

Concorda que é preciso muito boa vontade para descobrir que estás a falar dum relógio...